



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

TOMÉ MONTANARO FERREIRA DA SILVA

**LUGARES DE MEMÓRIA DAS CULTURAS NEGRAS EM BRAGANÇA-PARÁ:  
EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DE HISTÓRIA**

ANANINDEUA – PARÁ  
2019

TOMÉ MONTANARO FERREIRA DA SILVA

**LUGARES DE MEMÓRIA DAS CULTURAS NEGRAS EM BRAGANÇA-PARÁ:  
EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Roseane Corrêa Pinto Lima.

ANANINDEUA – PARÁ  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S5861 Silva, Tomé Montanaro Ferreira da  
Lugares de memória das culturas negras em Bragança-Pará:  
experiências com o ensino de história / Tomé Montanaro Ferreira  
da Silva. — 2019.  
113 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Roseane Corrêa Pinto Lima  
Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Ensino de  
História, Campus Universitário de Ananindeua, Universidade  
Federal do Pará, Ananindeua, 2019.

1. Ensino de história. 2. Lugares de memória. 3. Culturas  
negras. I. Título.

CDD 371.102

---

TOMÉ MONTANARO FERREIRA DA SILVA

**LUGARES DE MEMÓRIA DAS CULTURAS NEGRAS EM BRAGANÇA-PARÁ:  
EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Roseane Corrêa Pinto Lima.

Data: 27/02/2019

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Roseane Correa Pinto Lima (Orientadora)  
(UFPA/Faculdade de História de Bragança, PROFHISTÓRIA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Ramos Ferreira (Examinadora Interna)  
(UFPA/Escola de Aplicação, PROFHISTÓRIA)

---

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco (Examinador Externo)  
(UFPA/Instituto de Ciências da Arte, PPGA)

Em memória de Joana Vieira da Silva. Foi exemplo de vida. Sou resultado dos seus cuidados, carinho e amor!

*A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. - Pierre Nora.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, força maior e presença constante.

A Nossa Senhora de Nazaré, que é luz no caminho.

A São Benedito, o “Santo Preto” milagroso.

À minha saudosa avó Joana Silva (*in memoriam*). Estava tudo tão bem, de repente você se foi. Não esqueço a sua história de vida. Um dia você quis aprender a ler e a escrever, seu sonho era ter ido para a escola e por diversos motivos nunca conseguiu, por isso me ensinou o valor do estudo. Valorizo cada ensinamento seu.

À minha querida esposa Mônica Caxias que dividiu comigo cada momento desta etapa. Obrigado pela compreensão, acima de tudo pela paciência, pelo companheirismo e principalmente pelo amor. Entre o noivado e casamento, conseguimos!

À minha família, meus pais Ariosvaldo Silva e Marieudes Ferreira e meus irmãos Ariosvaldo Júnior e Marienny Silva. Apesar de todas as dificuldades, vocês me fortaleceram. Chego nesta etapa com um pouco de tudo que permitiram ser.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roseane Pinto, minha querida orientadora, que desde a graduação já me incentiva com palavras sábias e amigáveis. Cheguei nesta etapa com todo o incentivo que você me deu. Nunca permitiu que o desânimo me abatesse. Obrigado pelas orientações, pelo empenho e principalmente pelo apoio e confiança.

À professora Zélia Caxias, que compartilhou uma infinidade de experiências da docência. Obrigado por estar sempre disposta a me ajudar. Isto é um dom!

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da UFPA, em especial à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edilza Fontes, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Conceição Almeida, ao Prof. Dr. Carlos Leandro, ao Prof. Dr. Cleodir Moraes, ao Prof. Dr. José Júnior e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sidiana de Macêdo.

À Banca Examinadora da qualificação do meu projeto de mestrado, da qual participaram a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Cristina Lopes Soares e o Prof. Dr. Agenor Sarraf

Pacheco, os quais muito contribuíram para a melhor definição da problemática da pesquisa e adensamento dos referenciais teóricos e metodológicos do trabalho.

Aos alunos da turma do Mestrado; em especial aqueles que se tornaram grandes amigos, dentre os quais não poderia deixar de citar: Antônia Brioso, Lourdes Martins, Daniel Tavares, Otto Nanez, Edgar Cabral, Rafael Castro e Plínio Sá. Com vocês dividi muitas incertezas, aprendizados e uma comunhão de experiências. Obrigado!

Aos professores da Faculdade de História em Bragança-PA que foram tão importantes no meu processo de formação profissional. A palavra mestre, nunca fará justiça a estes professores dedicados os quais, sem nominar, terão os meus eternos agradecimentos.

Aos amigos Ediane Lima e Lucas Stefano, pela ajuda em muitos momentos deste trabalho. Desde a tabulação de dados até às constantes palavras de incentivo. Obrigado!

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Bolívar Bordallo da Silva na qual tenho boas recordações pessoais, acadêmicas e profissionais, foi excepcional em permitir que este trabalho fosse desenvolvido com seus alunos.

Aos alunos do 7º ano, turma 208, ano letivo de 2018, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Bolívar Bordallo da Silva em Bragança-PA. Vocês foram essenciais para a elaboração e realização deste trabalho. Compromissados desde o início, entenderam o significado e a importância da pesquisa.

A Secretaria Municipal de Educação de Bragança-PA (SEMED), na qual eu desenvolvi um vínculo contratual, atuando como professor da educação do campo no Sistema Modular de Ensino. Esta compreendeu minha situação ao cursar este Programa de Pós-Graduação, me ausentando por vezes da sala de aula, e dentro de suas possibilidades compreendem que é necessário a qualificação profissional do professor.

A todos os que foram, são ou serão meus alunos. Parafraseando Paulo Freire: a educação não transformará o mundo. Ela mudará vocês. E vocês transformarão o mundo. Sempre acredito nisso!



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo perscrutar os lugares de memória das culturas negras em Bragança, no Estado do Pará, a partir de experiências no ensino de história com alunos do ensino fundamental. Para tal, elencamos lugares de memórias na cidade, que serviram como pontos a serem visitados e investigados por uma turma de alunos do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Bolívar Bordallo da Silva. As questões desenvolvidas tiveram como mote o que os alunos conhecem sobre os negros, entre as histórias contadas em sala de aula, que remontam aos tempos da escravidão e registram a presença negra africana na região, e as marcas culturais dessa presença ainda viva nos dias atuais. Após as leituras prévias que orientaram a elaboração do projeto, que se desenhou como uma pesquisa-ação, a metodologia de trabalho com os alunos se dividiu em dois grandes momentos: aplicação de questionários e visitas aos locais selecionados, seguida de atividade com os mesmos. Quanto à aplicação de questionários, esses foram feitos como sondagem aos alunos a respeito do tema específico da vida do negro na história e de como na contemporaneidade ainda existem traços que são delimitados como partes do cotidiano de Bragança. No segundo ponto, o da metodologia, seis locais para visita foram escolhidos. Nesse segundo caso, articulou-se o ensino formal em sala de aula e o ensino em outros espaços com objetivo de possibilitar aos alunos um aprendizado histórico em lugares que fazem parte de seus cotidianos, mas que estão silenciados do currículo formal. Parte do que é definido como cultura negra faz parte do contexto da história de Bragança, embora algumas façam parte da vivência dos alunos, estes não associam como parte estruturante de um processo que vem de um período que foi caracterizado no país como escravidão negra africana, e se dinamiza até o presente. Foram pensadas estratégias que fizeram os alunos relacionarem e perceberem que nos espaços em que eles vivem pulsam as histórias e memórias de forma que os lugares também são objetos de estudos cujo olhar do aluno pode ser orientado pelo professor.

**Palavras-chave:** Ensino de história, Lugares de memória, Culturas negras

## ABSTRACT

The present work aims to examine the places of memory of black cultures in Bragança, in the State of Pará, based on experiences in teaching history with elementary school students. To this end, we have placed memorial places that served as points to be visited and investigated by elementary students. The questions developed were based on what students know about blacks, from the stories told in the classroom, which date back to the days of slavery and record the black African presence in the region, and the cultural imprints of that presence still alive today. After the previous readings that guided the elaboration of the project that was designed as an action research, the methodology of work with the students was divided in two great moments: application of questionnaires and visits to the selected sites. As for the application of questionnaires, these were made as a survey of the students about the specific theme of the life of the Negro in history and of how in contemporary times there are still traces that are delimited as part of the daily life of Bragança. In the second point, that of the methodology, six places for visitation were chosen. In this second case, formal teaching in the classroom and teaching in other spaces were articulated in order to enable students to learn history in places that are part of their everyday life, but which are silenced. Some of what is defined as black culture is part of the context of the history of Bragança, although some are part of the students' experience, they do not associate as a structuring part of a process that comes from a period that was characterized in the country as black African slavery, and is energized to the present. Strategies were designed that made the students relate and perceive that in the spaces where they live pulsate the stories and memories in such a way that the places are also object of studies whose student's look can be guided by the teacher.

**Keywords:** History teaching, Places of memory, Black cultures

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo 1: Dados do Questionário I (Parte 1) .....	105
Anexo 2: Dados do Questionário I (Parte 2) .....	107
Anexo 3: Dados do Questionário II .....	109
Anexo 4: Dados do Questionário III .....	110
Anexo 5: Dados do Questionário IV.....	112

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: IDEB do Município de Bragança-Pará .....	56
Gráfico 2: IDEB da Escola Bolívar Bordallo da Silva .....	58
Gráfico 3: Dados sobre a consciência histórica dos alunos sobre os negros no Brasil ..	69
Gráfico 4: Atribuições dos alunos sobre o negro no Brasil .....	70
Gráfico 5: Percepção dos alunos sobre a escravidão no Brasil .....	72
Gráfico 6: Análise da música com tema da Marujada feita pelos alunos .....	77
Gráfico 7: Associação dos alunos em relação ao “Santo Preto” com a história da escravidão .....	78

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Batuque, os “batuques” uma mistura de prática religiosa com música e danças africanas, propiciavam a reunião de escravos, que buscavam preservar suas identidades africanas.....	73
Figura 2: Festividade do glorioso São Benedito em Bragança-PA.....	74
Figura 3: Alunos analisando um documento (inventário) no Cartório de 1º Ofício de Notas e Registro de Imóveis Antônio Pereira.....	81
Figura 4: Leitura de um inventário feita pelos alunos no Cartório Antônio Pereira.....	81
Figura 5: Feira Livre de Bragança, ao fundo o Mercado Municipal.....	83
Figura 6: Alunos em frente à Igreja de São Benedito.....	84
Figura 7: Alunos visitando a parte interna da Igreja de São Benedito.....	85
Figura 8: Imagens de São Benedito na Igreja usadas pelas três Comitivas que trabalham na Esmolação para a festividade (São Benedito dos Campos, São Benedito da Colônia e São Benedito das Praias).....	85
Figura 9: Altar-mor da Igreja de São Benedito.....	86
Figura 10: Alunos em frente à fachada do Teatro Museu da Marujada.....	87
Figura 11: Alunos analisando um documento no Arquivo Histórico-documental do Município de Bragança.....	88
Figura 12: Alunos no Arquivo Histórico-documental do Município de Bragança.....	88
Figura 13: Conversa informal com moradores da comunidade Quilombola do Jurussaca.....	91
Figura 14: Casa com forno para a produção de farinha feita por membros da comunidade.....	91
Figura 15: Conversa dos alunos com outra moradora da comunidade.....	92
Figura 16: Morador da comunidade respondendo as dúvidas dos alunos.....	92

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 ENSINO DE HISTÓRIA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E MEMÓRIA: DEFININDO O CAMPO DE ESTUDOS E OS CONCEITOS QUE EMBASAM A PESQUISA .....</b>	<b>26</b>
2.1 Saberes históricos em diferentes espaços de memória e o ensino de História ..	26
2.2 Ensino de História e consciência histórica .....	29
2.3 Lugar e memória .....	36
<b>3 LUGARES DE MEMÓRIA DAS CULTURAS NEGRAS EM BRAGANÇA: ENSINO DE HISTÓRIA COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b>	<b>46</b>
3.1 O que os alunos sabem sobre o tema a ensinar? .....	54
3.2 Como as atividades foram desenvolvidas .....	64
3.3 Sobre a aplicação dos questionários .....	68
3.4 Lugares de memória visitados pelos alunos .....	79
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>5 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>6 ANEXOS .....</b>	<b>105</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir os lugares de memória das culturas negras em Bragança Pará a partir de experiências no ensino de história com alunos do sétimo ano do ensino fundamental. Para tal, foram feitas duas principais atividades com uma turma do sétimo ano do turno da tarde da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bolívar Bordallo da Silva, situada no bairro do Padre Luiz, em Bragança-PA.

O projeto inicial buscava desenvolver uma pesquisa histórico-documental e com ela identificar marcas dos tempos da escravidão no cenário da cidade de Bragança e discutir como se poderia ensinar uma história que se fizesse presente no cotidiano, dando mais sentido para a vida dos alunos da educação básica de ensino. Porém, a pesquisa bibliográfica, assim como as discussões travadas ao longo das disciplinas do mestrado, as orientações na qualificação do projeto nos permitiram redefinir a problemática e os objetivos da pesquisa. Assim, passamos a buscar os lugares de memória das culturas negras em Bragança como espaços de ensino e elaborar uma proposta que podemos identificar como aproximada de uma pesquisa-ação participativa na qual se desenvolveu entre professores e os alunos de uma específica turma do sétimo ano, esta ocorreu de duas formas, a aplicação de questionário em sala de aula e com visitas em lugares pré-definidos para estabelecer um elo entre o conhecimento que os alunos possuíam (sobre o tema das culturas negras nos moldes da escravidão e a relação com a cidade de Bragança) com lugares que são atribuídos por memórias que definem estas culturas.

Para isto foi preciso estabelecer uma série de etapas que se deu desde a elaboração dos questionários, a análise das respostas dos alunos, uma conversa formal sobre o tema proposto com as turmas, à escolha dos locais a serem visitados, a preparação dos locais para as visitas e por fim no dia escolhido sair com os alunos do ambiente escolar para uma sessão de visitas coordenada por lugares estabelecidos que são reconhecidamente ou não, por serem possuidores de memórias herdadas das culturas negras que resistiram ao tempo na cidade de Bragança.

Segundo Soeli Regina Lima, esse tipo de pesquisa acontece quando o “(...) o professor, na investigação do fenômeno educativo, coleta dados sobre o processo de ensino de que ele participa como professor”.<sup>1</sup> A contento deste pressuposto indicado por Soeli Lima, podemos

---

<sup>1</sup> LIMA, Soeli Regina. História e memória: pesquisa-ação-participativa no ensino da história local, **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 149-172, jan./jun. 2015.

elencar como a pesquisa-ação desdobrou a abordagem estabelecida pelo presente trabalho. Nesse critério podemos apontar tal metodologia como propicia para desenvolver com os alunos a proposta de considerar a informalidade de se entrecruzar o ensino escolar formal de dentro da sala de aula com outros espaços. Para tanto, devemos definir a pesquisa-ação como uma prática que está estruturada em três pilares básicos que concatenam conjuntamente sua função, são elas: a pesquisa ou investigação, a ação e por fim a participação, para Adelina Baldissera a definição de cada um destes conceitos é da seguinte forma:

**Pesquisa ou investigação:** é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que tem por finalidade estudar algum aspecto da realidade com o objetivo de ação prática;

**Ação:** significa ou indica que a forma de realizar o estudo já é um modo de intervenção e que o propósito da pesquisa está orientado para a ação, sendo esta por sua vez fonte de conhecimento;

**Participação:** é uma atividade em cujo processo estão envolvidos os pesquisadores como os destinatários do projeto, que não são considerados objetos de pesquisa, mas sujeitos ativos que contribuem no conhecer e no transformar a realidade em que estão inseridos.<sup>2</sup>

Com essa composição, a pesquisa-ação permitiu-nos trilhar um caminho, do qual com a minha experiência docente, coube a mim a responsabilidade de apontar caminhos que transitaram do teórico para o prático. Nesse aspecto, perceber que os alunos são sujeitos ativos e deveriam ser participativos do processo fez com que eu partilhasse de suas impressões, de suas inquietações, de seus desejos e, após refletir a respeito de tudo, mostrou-se indispensável que os alunos participassem de todo o processo da pesquisa-ação.

Devemos considerar que professor e alunos são partes que integram uma indissociável relação no que correspondem ao ensino, salvo as especificidades que cada um naturalmente possui, todos podem almejar um objetivo comum. Nesse caso, objetivamos como meta transpor o conhecimento histórico adquirido ao longo da vida, com concepções do ensino formal de história tratado em sala de aula relacionando com os lugares de memórias que remetam as culturas negras na cidade de Bragança.

Este foi proveniente de vários estudos que nortearam a presente pesquisa, partindo da presença dos negros que fizeram parte da historicidade da cidade, “invisibilizados” de alguma forma, este trabalho com os alunos serviu para encontrar meios e ações eficazes em promover uma maior fluidez às aulas de história com o tema proposto.

---

<sup>2</sup> BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-Ação: uma Metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo.** Sociedade em Debate, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001.



A abordar com se delibera uma pesquisa-ação, podemos chegar ao pressuposto de que esta é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual pesquisadores e os participantes da situação estão envolvidos de modo cooperativo<sup>3</sup>.

Assim, compreendemos que a pesquisa-ação é um tipo de investigação em que o pesquisador detecta um problema e se envolve com ele buscando a solução junto com outros atores/participantes<sup>4</sup>.

Apontamos aqui os objetivos e a natureza do processo de investigação que demandou uma metodologia descritiva e interpretativa de lugares de memórias que possibilitasse o diálogo com os fundamentos teóricos de uma educação histórica concebida no âmbito escolar, mas que foi expandida, levando em consideração a apropriação de interpretação que os alunos constroem como indivíduos participativos de um cotidiano que mensura um passado que está presente culturalmente em muitos aspectos da cidade de Bragança.

O cenário da pesquisa é uma cidade do nordeste paraense que se destaca por um rico patrimônio cultural com grande influência de suas várias matrizes formadoras, e no qual podem ser destacados lugares, celebrações, materiais, práticas, modos de vida e diversos vestígios da história que revelam a importância da presença negra/africana na região. Não se trata apenas de uma presença como vestígio do passado, dos tempos da escravidão, mas de todo um patrimônio cultural plasmado pelas culturas negras e que ainda pulsa no presente da cidade e é silenciado, embora se viva profundamente.

Historicamente, Bragança surgiu como uma povoação localizada às margens do rio Caeté no século XVII, espraiando-se depois por uma imensa área que cobria o entorno dos rios Caeté, Quatipuru, Gurupi e Turiaçu, e por caminhos que seguiam de outro lado até a região do rio Guamá.<sup>5</sup> De vila, foi elevada à categoria de cidade em meados do século XIX, e foi historicamente importante na região do nordeste paraense, com intenso movimento de pessoas, mercadorias e informações, com casas, fazendas, engenhos e outros empreendimentos que empregaram muitos negros escravizados e com a formação nela de

---

<sup>3</sup> Cf. THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986. PEREIRA, E. M. de A. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: SERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras, ALB, 1998. pp. 153-182.

<sup>4</sup> CARDOSO, Solange, BARBOSA, Nayara Ferreira de Moura. **Estágio e pesquisa-ação: Um olhar sobre essa relação**. Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade, e educação – SIRSSE, PUCPR: Curitiba, 2011, p. 10.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca/historico>. Acessado em 07 de dezembro de 2018.

vários mocambos<sup>6</sup>. É fortemente marcada pela presença negra/indígena, e toda a dinâmica cultural decorrente dos contatos entre vários grupos/etnias. Porém, atualmente os seus habitantes de maneira geral, e os alunos da educação básica de forma específica, não associam esta presença como parte integrante e importante do cotidiano e do seu lugar, e este é outro desafio quando se propõe uma abordagem sobre esta temática.

Como sede de uma das cidades mais antigas do Pará, Bragança guarda importantes capítulos do processo de formação desta área que se encontra a meio caminho entre o Pará e Maranhão, destacada pela historiografia como de intenso trânsito de diferentes sujeitos (diversos grupos indígenas, negros escravizados de várias etnias, europeus de várias nacionalidades, sobretudo de portugueses, fora a grande massa de mestiços livres, libertos ou escravizados) ao longo dos séculos de colonização e, depois, no Império do Brasil<sup>7</sup>.

A partir de então temos o burilamento do tema de pesquisa, haja vista as possibilidades de armadilhas a que o historiador bem como pesquisador em formação sempre estão sujeitos. E uma delas foi a ilusão do tema já incessantemente pesquisado. Pareceu-nos tentador de início escrever um trabalho calcado sobremaneira na historiografia sobre escravidão negra de maneira estrita. O que revelou a carência do elo dessa perspectiva com o tema de pesquisa em si, os lugares da memória das culturas negras em Bragança e a sua relação com o ensino de História.

A metodologia da pesquisa incluiu pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, para identificação de vestígios da presença negra/africana em Bragança. Posteriormente, planejamos uma pesquisa que incluiu a aplicação de questionários para os alunos do sétimo ano de uma escola pública e, ainda, a realização de trabalho de campo junto com eles para identificação de lugares de memória das culturas negras. A parte do trabalho de campo aconteceu no mês de janeiro de 2019 e foi realizada através de um roteiro que partiu da área mais próxima do rio Caeté, entre o porto, a feira, o mercado e o centro comercial de Bragança, em seguida para a Igreja de São Benedito, depois para o Teatro Museu da Marujada e, um pouco mais afastado, o Arquivo Histórico-documental da Prefeitura de Bragança, até

---

<sup>6</sup> CASTRO, Edna Maria Ramos de (org.). **Escravos e senhores de Bragança** (Documentos históricos do século XIX, Região Bragantina, Pará). Belém: NAEA, 2006. GOMES, Flávio dos Santos. Introdução: ainda sobre quilombos. In: GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (Sécs. XVII – XIX)**. Tese. Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 1997. SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. Belém: IAP, 2005. SOUZA, Sueny Diana Oliveira. **Um rio e suas gentes: ocupação e conflitos nas margens do rio Turiaçu na fronteira entre Pará e Maranhão (1790-1894)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém: UFPA, 2012.

<sup>7</sup> Cf. CASTRO, 2006; GOMES, 1997; SALLES, 2005 e SOUZA, 2012.

estender-se para a zona rural do que já foi Bragança até há algumas décadas atrás e que hoje faz parte do município de Tracuateua, que é a comunidade negra do Jurussaca, reconhecida como área de remanescentes de quilombos.

Rememorar os caminhos iniciais dessa pesquisa faz com que retornemos às experiências que fizemos com que nós optássemos por esse tema. Bem sabemos que um determinado tema de pesquisa não surge meramente do nada, sobretudo um tema de pesquisa em História. E no nosso caso dois foram os principais núcleos que juntos serviram como ponto de partida para essa pesquisa: a leitura acadêmica, bem com a experiência como professor da educação básica.

No que diz respeito à experiência enquanto professor da rede básica de ensino, tal interesse foi materializado de forma ainda mais prática. O contato com a sala de aula assim como percepções de mundo dos alunos acerca dessa presença negra, ou de sua ausência e principalmente de suas vivências, motivaram a nossa ida ao mestrado profissional de Ensino de História com essa temática em mente. A partir daí nos pusemos a pensar e a refletir, bem como burilar o tema de pesquisa, evitando caminhos escorregadios que se revelariam armadilhas, caso percorridos.

Nossos alunos se importam com a História e buscam de alguma maneira compreendê-la, não em todos os seus aspectos, mas a ponto de desafiar os professores a tornar o ensino de história minimamente interessante e, assim, dar-lhe a devida atenção. Um questionamento que surge desde nossa formação inicial até o exercício da docência, é como articular o ensino básico e a pesquisa acadêmica. Entrar todos os dias em sala de aula na condição de professor permite que observemos os questionamentos e visões que nossos alunos constroem sobre muitos assuntos em torno da disciplina de História.

Em relação à leitura acadêmica, foi de fundamental importância para manter acesa a centelha do interesse sobre temas correlatos à escravidão e cultura africana e afro-brasileira, desde os idos do Ensino Médio. Isto foi proporcionado sobretudo por disciplinas como Literatura Africana em Língua Portuguesa, História da África e História do Brasil I (referente ao período colonial), nas quais diversos autores debateram esses temas e foram pontuados em várias aulas.

Além do debate em sala de aula, outra experiência tida durante a graduação diz respeito à participação do processo de pesquisa e catalogação de documentos referentes ao período de vigência da escravidão negra em Bragança. Na condução desse percurso, a influência do professor Dr. Ipojucan Dias Campos foi de fundamental importância. O processo de pensar o

negro enquanto sujeito e não meramente coisa, mercadoria, apenas mais uma peça em uma documentação de séculos atrás foi construído em eventos, aulas e pesquisas em arquivos coordenadas pelo referido docente.

Até então não nos ocorria relacionar a escravidão, com sua farta documentação e bibliografia, com o ensino de História. Tal elo foi fomentado de forma mais consistente durante o percurso das disciplinas do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Ensino de História, assim como das recomendações feitas por colegas de sala de aula acerca dos possíveis rumos a serem dados à pesquisa ainda em fase inicial e que acabaram por resultar nesta dissertação.

Para isso recorreremos a autores diversos, os quais nos ajudaram a amadurecer teórica e metodologicamente o projeto de pesquisa, além de diversos outros que compuseram a bibliografia temática. Ainda na fase de elaboração do projeto, no contexto das primeiras disciplinas cursadas no mestrado do PROFHISTÓRIA, autores diversos nos ajudaram a afinar o tema inicialmente pretendido com a proposta do programa. Alguns deles são Jörn Rüsen, Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca e Paulo Knauss, dadas as suas discussões sobre o processo de construção de saberes na área de história.

Jörn Rüsen foi importante para atentarmos para o termo conceitual de consciência histórica, remetendo às indagações que os jovens alunos têm sobre as suas interpretações sociais e humanas como forma de se situarem no tempo. Dentro do ensino-aprendizagem escolar a consciência histórica é necessária para que ocorra singularidade no presente, servindo como orientações em situações reais e as do aprendizado histórico escolar.

Maria Auxiliadora Schmidt ilustra em ensaio<sup>8</sup> que a aprendizagem histórica deve ser ampliada para espaços que não contemplem apenas o escolar, mas em lugares que seja possível perceber como a sociedade do tempo presente se relacionou com a do passado. Para Schmidt esta “experiência” pode permitir aos alunos que interpretem os seus cotidianos os aspectos que estão presentes na atualidade e arrolem com o passado como esta realidade transformou a sociedade de outra época.

Paulo Knauss<sup>9</sup> envolve estas perspectivas de pensar o ensino a partir da ótica de que o aluno é o principal norteador para que o professor possa direcionar suas atribuições de ensino. Para ele é de fundamental importância estar atento para a consciência histórica que os alunos possuem, pois somente a partir desse aprendizado “informal” que se adquire durante a vida

---

<sup>8</sup> SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O Ensino de História fora da sala de aula. In: **Ensino de História**. Maria Auxiliadora Schmidt & CAINELLE, Marlene. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2009.

<sup>9</sup> KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: **Repensando o ensino de História**/Sônia L. Nikitiuk, (org.). 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

que será possível direcionar o aprendizado histórico e assim buscar solucionar as “carências” que também são criadas ao longo do aprendizado informal.

Após abordarmos sobre os principais autores que nos auxiliaram a afinar o trabalho com a proposta do programa de pós-graduação, faz-se necessário aqui uma breve abordagem acerca dos principais autores que nos nortearam o trabalho do ponto de vista temático, teórico e metodológico. Em relação à bibliografia temática, diversos foram os autores que nos auxiliaram, embora seja pertinente citar aqui os principais: Vicente Salles, José Maia Bezerra Neto e Edna Maria Ramos de Castro. Ambos os autores, em síntese, trataram em suas respectivas obras acerca da presença e atuação dos negros no Amazônia, Pará, e em Bragança, não se restringindo apenas a questões correlacionadas ao tráfico, mas também acerca da resistência, da distribuição desses sujeitos ao longo de um vasto território.

Quanto à bibliografia teórica, optamos por escolher autores que os seus conceitos nos auxiliassem a pensar o tema desta pesquisa. Por isso, os principais autores que nos auxiliaram com conceitos que embasaram o trabalho foram Michael Pollack, Giovanni Biazzetto, Maurice Halbwachs e Pierre Nora.

Para Halbwachs<sup>10</sup>, a capacidade de lembrar só é possível quando assumimos o ponto de vista de um ou mais grupos e nos situamos em uma ou mais correntes de pensamento coletivo, porém Michael Pollack<sup>11</sup> contribui com reflexões sobre a memória, partindo do pressuposto de que cada pessoa possui uma, e que esta pode ser buscada como algo coletivo, social ou individual. Neste caso enfoca uma memória de caráter coletiva e outra individual, ou seja, a memória varia de acontecimentos que são vividos pessoalmente ou dos acontecimentos que ocorrem com o grupo, com a coletividade. Isso não se resume a acontecimentos históricos, mas de uma memória tratada como herança. As pessoas herdaram essas memórias, independente do espaço-tempo, e transformam os lugares em locais de memória, de lembranças, que são em suma pessoais. Em linhas gerais, tanto Pollak como Halbwachs abordam a memória como um fenômeno que é coletivo, definindo-a como uma construção social. Concordam com a perspectiva de que a memória é coletiva e que tem um caráter social, sendo parcialmente herdada pelos sujeitos. Porém, o indivíduo também tem suas lembranças, o que contraria a visão de Halbwachs, para quem o social se define em oposição

---

<sup>10</sup> HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In: **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

<sup>11</sup> POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ao individual, Pollak reafirma que o indivíduo também é capaz de formar e acessar memórias, participando ativamente da construção das recordações dos grupos.

O sujeito administra as influências que lhe chegam de fora a fim de construir suas próprias recordações sejam elas individuais ou coletivas, incluindo conceito de lugares. Os acontecimentos consistem em eventos dos quais uma pessoa pode ter participado diretamente ou não, isto é, que podem ter sido vivenciados. Por isso, os lugares que servem de base para o desenvolvimento das memórias de um sujeito podem ter sido realmente frequentados durante certo tempo, ou podem ter sido incorporados de modo indireto às suas experiências.<sup>12</sup>

Em suma, a constituição de memórias envolve não só experiências vividas diretamente, mas também, experiências herdadas, aprendidas, transmitidas aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização.

Giovanni Biazzetto<sup>13</sup> salienta que pelo uso da memória é possível “evocar” o passado e atribuí-lo no presente, este defende que o uso de documento no ambiente escolar enriquece o ensino de história, pois através dos documentos é possível elaborar diferentes visões sobre um determinado fato histórico, podendo ser este do próprio cotidiano. Desta forma o autor vai defender a ideia de que a memória pode ser materializada de diversas formas, e é partir dessa materialização que se permite compreender “as histórias” dos lugares.

A sociologia francesa foi quem tomou a memória como tema e, nesse sentido, Maurice Halbwachs<sup>14</sup> tratou da mesma como lembrança em dois principais pilares, o reconhecimento e a reconstrução. Para ele o reconhecimento é a identificação pela perspectiva do que já aconteceu e a reconstrução se deve a não repetição do passado e sim um resgate dos acontecimentos e vivências para apropriá-los no presente, com a plena convicção de que esta ocorre de forma diferenciada num espaço em que as relações sociais são constantemente mutáveis.

Pierre Nora, por sua vez, em artigo publicado pela editora Galliamard nos anos 1980 problematizou acerca da questão da memória. O texto intitulado “Entre Memória e História”, subtítulo como “a problemática dos lugares”, explana acerca de como a memória, esse conceito que no senso comum evoca a rememoração, a retomada do passado mediante

---

<sup>12</sup> RIOS, FÁBIO. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

<sup>13</sup> BIAZZETO, Giovanni. Educação Patrimonial, patrimônio e memória: Conceitos construtores de cidadania e identidade. **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 2, n. 6, agosto de 2013. Edição Especial.

<sup>14</sup> HALBWACHS, (Op. cit.), 1990.

processos neurológicos complexos de pulsos eletroquímicos, de maneira similar a uma das acepções feitas por Le Goff, aqui ganha contornos bem mais complexos.

Pierre Nora interroga a história de cunho tradicional, pois pelo surgimento das sociedades, que antes se compunham de Estado-nação, aborda que a tradição é não se identificar como seu único portador. Os lugares onde a memória se cristaliza nascem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter celebrações, porque essas operações não são naturais. A história precisa se apoderar deles, transforma-los e petrifica-los em lugares de memória. O tempo dos lugares é justamente esse em que deixamos de viver sob a intimidade de uma memória, para nos submetemos à visão de uma história reconstituída<sup>15</sup>.

Pierre Nora exemplifica que a própria memória encontra fina relação com a História, tanto de ruptura, antagonismo quanto relação, ao mesmo tempo. Como a sociedade lê o seu passado, esta é a questão por trás do termo “lugares de memória”. Ponto importante de sua análise, e que podemos concatenar com a presente dissertação, diz respeito ao subtítulo do trabalho. Nora nos mostra uma interessantíssima diferença entre lugares de memória e lugares da memória. Para Nora, lugares de memória, mais do que meramente lugares fixos, corpóreos, concretos, são, além disso, espaços revestidos de caráter simbólico, que mesmo com a ausência do tempo, e da situação que o gerou, continuam a ter a sua existência e importância em si mesmo.

Para Nora,

O lugar de memória não tem referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmo, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou histórica; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. *Templum*: recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo – de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações<sup>16</sup>

Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência. No ensino de história, a forma como os conteúdos são definidos e abordados nem sempre possibilitam que os alunos tenham na história os negros como sujeitos cujas

---

<sup>15</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, v. 10, jul.-dez. São Paulo: 1993, p. 7-28.

<sup>16</sup> NORA, (Op. cit.), 1993.

experiências sejam referências de cultura, família, sociedade, reduzidos a vidas alteradas/afetadas pela escravidão, tanto em suas relações de convívio e de sociedade.

Já no tocante à bibliografia metodológica, selecionamos autores que nos ajudassem a pensar e aprofundar reflexões acerca do uso das fontes, do adequado questionamento destas para que, em diálogo com a bibliografia anteriormente citada, pudéssemos responder aos objetivos geral e específicos bem como às problemáticas. Alguns que podem ser citados aqui são Leila Medeiros de Menezes, Maria de Fátima de Souza Silva e Paulo Knauss.

Leila Medeiros e Maria de Fátima<sup>17</sup> propuseram uma aula-passeio a partir dos conhecimentos prévios que os alunos tinham sobre o lugar em que eles frequentavam, no caso o bairro Rio Comprido na cidade do Rio de Janeiro. A aula ocorreu “aos redores” da escola em que eles frequentavam. Esta tarefa permitiu aos alunos treinarem o olhar, na tentativa de buscarem perceber as permanências e transformações ocorridas na paisagem do espaço em torno da escola e identificarem na relação passado-presente como a memória de um lugar é caracterizada pelos sujeitos históricos. Tal metodologia inspirou os passos que tomamos para dirigir os olhares dos alunos do ensino fundamental para os vestígios da história e as culturas negras em Bragança, a partir de alguns lugares da memória.

Ainda que o ponto de partida tenha sido uma busca por registros dos tempos da escravidão, o trabalho com os alunos foi se dirigindo posteriormente para uma reflexão sobre como em um lugar de muitas histórias de negros e das culturas negras como é Bragança, as mesmas são tidas por eles como algo muito distante, que não tem relação com o seu tempo e lugar. Então, como o Lugar que o aluno vive não tem haver com ele, e como ele se relaciona com os vestígios do passado? Esse foi um dos problemas perseguidos neste trabalho.

Após as correções e aperfeiçoamentos do projeto de pesquisa, definimos que este trabalho de pesquisa visa propor ao ensino básico de história uma metodologia que possibilite a produção de conhecimento histórico com os alunos em outros espaços além da escola, possibilitando que os mesmos (re)conheçam lugares de memória das culturas negras em Bragança e (re)pensem a importância dos negros na história do país.

Desta feita, foi preciso identificar o prévio conhecimento que os alunos possuem sobre os negros na história, desde aqueles que foram escravizados, e quais os desdobramentos das relações que estabeleceram no Brasil durante e após o regime escravista, já que o nosso objeto de estudo refere muito mais ao tempo presente do que o passado da escravidão negra.

---

<sup>17</sup> MENEZES, Leila Medeiros & SILVA, Maria de Fátima de Souza. Lembrando lembranças: Rio Comprido um lugar de memória. In: Neto, José Miguel Arias. **Dez anos de pesquisa em Ensino de História**, José Miguel Arias Neto (org). Londrina Atrito Art, 2005.



Perceber na cidade de Bragança lugares que remetem às memórias de sujeitos que deixaram uma herança que pode ser percebida em muitos espaços, práticas e cultura material. As visitas guiadas a lugares específicos permitiu uma melhor contextualização de temáticas já abordadas no ensino em sala de aula, como também fazer uma sondagem de como os alunos leem estes espaços.

Levando tais fatores em consideração, a presente dissertação está dividida em dois capítulos. O primeiro, conforme afirmado nos parágrafos anteriores, ocupa-se especificamente da vasta bibliografia de cunho temático, teórico e metodológico, que serviu de base para a presente pesquisa. Nele aprofundamos alguns aspectos nesta introdução pontuados de passagem em relação a cada um dos três grupos de bibliografia e apresentamos a temática descrevendo aspectos importantes da história e culturas em Bragança.

Já no segundo capítulo tratamos o objeto da pesquisa, o qual parte de uma problemática identificada no ensino de história quanto aos negros entre o passado e o presente, para construirmos nossa análise sobre memórias das culturas negras e sua (in)visibilidade nos cenários que constroem referências de cultura em Bragança, oportunidade para refletirmos sobre o processo de construção da consciência histórica. Propomos ao leitor uma metodologia de ensino de história em espaços não-escolares, apresentando o passo-a-passo do trabalho que desenvolvemos com os alunos do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual professor Bolívar Bordallo da Silva. Assim, descrevemos o planejamento, a coleta de dados com a aplicação de questionários, o trabalho de campo que se deu em visitas guiadas pelo professor com a colaboração de outros profissionais (professora da turma, colaboradora da escola, fotógrafa, além dos responsáveis pelos locais visitados), a atividade realizada no retorno à sala de aula ocorreu em forma da produção de redações feitas pelos alunos, que expuseram os resultados obtidos a partir de suas observações.

As atividades de campo se deram em locais previamente definidos e sua escolha não ocorreu de maneira meramente aleatória. Foi fundamentada em diversos fatores como disponibilidade de tempo para efetuarmos tal atividade, assim como nas indicações feitas pela bibliografia sobre a presença e resistência negra na região bragantina e nas práticas culturais populares que marcam o calendário anual do lugar.

Quanto à pesquisa prévia com os discentes de uma turma do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual professor Bolívar Bordallo da Silva, foram aplicados quatro questionários fechados com perguntas sobre os negros e as suas relações históricas e culturais com a cidade Bragança. Os questionários foram pensados e elaborados antes do assunto que entraria para as discussões em sala de acordo com o conteúdo programático da referida série

(O Brasil colonial), na qual seria o as relações desenvolvidas com a partir da organização econômica e social do Brasil Colonial, no entanto a aplicação dos questionários se deu de forma simultânea para toda a turma, adotando-se a estratégia de cada aluno responder um questionário por vez até concluir o último. Estes serviram para analisarmos como os alunos percebem os negros e sua relação com a história do Brasil e a história e cultura locais.

Nas considerações finais, por sua vez, retornamos a alguns debates elencados ao longo da dissertação e elaboramos os seguintes questionamentos: a problemática foi respondida? Os objetivos foram atingidos? Quais lacunas ficaram por serem sanadas? Questionamento último esse de relevante importância se pensarmos o caráter de eterna incompletude de uma pesquisa acadêmica em História.

## **2 ENSINO DE HISTÓRIA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E MEMÓRIA: DEFININDO O CAMPO DE ESTUDOS E OS CONCEITOS QUE EMBASAM A PESQUISA**

Antes de adentrarmos em uma mais ampla e profunda explanação acerca da bibliografia temática, teórica e metodológica que embasa o trabalho, é necessário fazermos uma reflexão sobre o campo de investigação (Ensino de História) e a linha de pesquisa (Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória) nos quais este trabalho se insere.

### **2.1 Saberes históricos em diferentes espaços de memória e o ensino de História**

Inicialmente, entramos em contato com esta linha pesquisa a partir de uma disciplina homônima, o terceiro dos três Seminários de Pesquisa tidos ao longo de um semestre do ano de 2017 no Mestrado Profissional em Ensino de História. O cerne das discussões, que foi legado para as escritas das dissertações dos alunos, mostrou-nos que o ensino e a aprendizagem de História podem se dar nos mais diversos espaços que não só na sala de aula, bem como esses mesmos locais podem ser uma extensão da sala de aula, mediante a condução do professor e as interações estabelecidas com e entre os alunos no processo de construção de conhecimentos.

Uma vez que nosso objeto de estudos gira em torno do ensino de história através dos lugares de memória das culturas negras em Bragança, as discussões historiográficas sobre história e memória foram fundamentais. Neste sentido, diversos foram os autores que no decorrer daquele Seminário de Pesquisa do curso de mestrado nos ajudaram a seguir pela linha de pesquisa pretendida. Dentre eles, Jacques Le Goff, Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco, Ricardo Oriá e Soeli Regina Lima.

Le Goff nos orienta que os vínculos entre a História e Memória devem ser profundamente refletidos, pois:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento In: **História & Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990, p. 541.

Desta forma, o uso da memória opera na conservação da maioria das informações, que os homens podem fazer uso através da subjetividade que cada um constrói, assim a memória resguarda o passado que servirá para alimentar o presente e o futuro. A memória guarda o passado, mas guardar é diferente do ato de historiar esses vestígios do passado. Historiar aí significa tornar a memória um objeto de estudo.

Marieta de Moraes e Renato Franco trazem para o ensino a prerrogativa de que são os alunos e professores que devem compreender e reler os vestígios do passado e reinterpretá-los no presente para então construir o conhecimento histórico escolar. Os autores então definem que a memória

Nos permite tomar diferentes caminhos: podemos focalizar nosso museus, nossos monumentos, nossas imagens, personagens de nosso passado. É possível também escolher diferentes fontes. (...) A volta ao passado conduz a produção de um culto à memória que se materializa de diversas maneiras (...)<sup>19</sup>.

Pensar a memória e o ensino de história a partir de uma concepção que busque trazer de alguma maneira o passado à tona é a base da contribuição de Ricardo Oriá que em seu estudo aponta o surgimento e necessidade de se estudar movimentos sociais populares que emergem e necessitam da busca, ou melhor dizendo do “resgate” de suas memórias no único intuito de afirmar suas identidades étnicas e culturais<sup>20</sup>. Oriá caminha pelo viés do trabalho com bens culturais do patrimônio histórico no ambiente escolar para que este possa despertar nos alunos um senso que possa ser útil na preservação da memória. Para a pesquisa aqui apresentada, tal perspectiva coaduna-se com nosso interesse em desvelar as marcas das culturas negras na região bragantina, através das discussões sobre o ensino e as relações entre história e memória.

Soeli Regina Lima desenvolveu um texto que relacionou história e memória em uma pesquisa-ação participativa com alunos do ensino médio. Seu relato se tornou uma inspiração para a metodologia que empregamos com os alunos no presente trabalho. O objetivo da autora citada foi o de estudar na prática a memória local. Com experimento desenvolvido com os alunos, Soeli Lima desenvolveu a memória histórica e favoreceu a produção de conhecimento dos alunos, defendendo a ideia de que no ensino, ao relacionar fatos do passado com o presente, ocorre o diálogo com a memória e a vivência que os alunos possuem.

---

<sup>19</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes & FRANCO, Renato. Parte IV – Em sala de aula. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 127.

<sup>20</sup> Cf. ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: **O saber histórico na sala de aula**. Circe Bittencourt (org.). 12ª edição. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

As dificuldades quanto à questão de temporalidade no ensino de história podem ser superadas quando o aluno percebe-se sujeito do processo histórico, estabelecendo diferentes relações entre passado e presente. Em relação ao tempo histórico, as pesquisas devem ser organizadas de forma problematizadora, contextualizando passado e presente em constante interrogação com o objeto de estudo.<sup>21</sup>

O Ensino de História vem se desenvolvendo no Brasil como um campo de investigação que se beneficiou dos avanços da história da educação, da teoria da história e também da história social e cultural. Nesse campo, a História é debatida no bojo das reflexões sobre as disciplinas escolares, nas abordagens críticas ao ensino tradicional calcado na defesa da ordem estabelecida, afeito aos aspectos formais nos processos do ensino e distanciado das agências de sujeitos historicamente relegados às margens da sociedade e do reconhecimento histórico. A História como disciplina escolar é tanto o que já se praticava de longa data (aulas de conteúdos tradicionais, transcrições de livros didáticos e uso abusivo do ato de decorar nomes e datas) como também uma possibilidade de construção de conhecimento que inclusive pode ultrapassar o espaço da sala de aula.

O Ensino de História que é desenvolvido para os alunos, principalmente no ensino básico, na maioria das vezes não é o mesmo que é pensado/planejado/desejado nas escolas. Em diversos momentos a metodologia de ensino de história fica reduzida a aulas expositivas, com dificuldades para abranger em sua totalidade as expectativas que os estudantes poderiam ter para pensar aspectos da própria vida, o que torna o ensino escolar em grande parte desinteressante e enfadonho.

A aula expositiva ao longo de toda a história da educação mostra-se como uma técnica de ensino de uso recorrente. Mas, na atualidade sofre críticas. As principais referem-se ao seu caráter verbalista e monótono. Apesar das críticas a aula expositiva não desapareceu das salas de aulas, sendo inclusive demasiadamente utilizada pelos professores e solicitada pelos alunos, como apontam estudiosos do assunto (...).<sup>22</sup>

Muito criticada na contemporaneidade, a apresentação dos temas de forma expositiva ainda continua sendo utilizada, principalmente nas aulas de História, ainda que com alguma

---

<sup>21</sup> LIMA, Soeli Regina. **Memória e História**: pesquisa-ação-participativa no ensino da história local. *História & Ensino*, Londrina, v.21, n.1, jan./jun. 2015, p. 152.

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Diana Farias. “Aula Expositiva de Novo?” Limites e possibilidades na aula de história. In: **Docência em História**: experiências de estágio supervisionado e formação do professor pesquisador. Crislane Barbosa de Azevedo (Org.) Natal: EDUFERN, 2017, p. 177.

alteração na maneira como são ministrados os conteúdos em sala de aula. Daí a urgência de se modificar a forma de ensinar e transformar as aulas de História em momentos mais atrativos, aulas que possam chamar a atenção dos alunos e ao mesmo tempo possibilitar o desenvolvimento intelectual e cognitivo dos mesmos.

Essa metodologia é vista por uma grande parcela dos educadores como sendo monótona e pouca atraente aos olhos da maioria dos alunos o que faz com que disciplinas como história, filosofia e sociologia sejam taxadas como “chatas” e “maçantes”. O professor de história ao expor uma temática em sala, como por exemplo, a escravidão negra que ocorreu no Brasil, tende a passar uma atividade que contemple o tema e que possa “avaliar” o conhecimento adquirido do aluno. Pronto, aula finalizada. Porém, os alunos em sua maioria gostam de ser desafiados e de desafiar os professores, são bastante curiosos e quando demonstram interesse em algum assunto são atentos e participativos, mas quando a aula é meramente expositiva, ouvem-se reclamações dos educandos sobre esse tipo de metodologia utilizada pelo professor, que parece nunca mudar.

Dessa forma, estimam-se outras práticas escolares, que permitam aos educandos elaborarem suas próprias interpretações acerca do seu tempo vivido, na medida em que desenvolvem suas percepções sobre o tempo como passado, presente e futuro. Cabe ao professor desenvolver metodologias que tornem as aulas mais interessantes para os alunos e que os orientem para a construção do conhecimento histórico, até mesmo fora da sala de aula.

O professor de história precisa buscar alternativas de ensinar e construir o saber histórico com os alunos, para tanto deve considerar como os alunos percebem suas próprias vidas, bem como suas consciências, que agem sem necessariamente terem a interferência do conhecimento escolar. O professor pode ser um mediador entre essa consciência e o que é ensinado em sala de aula, associando o que se aprende no ambiente escolar ao que se vive e vice-versa.

## **2.2 Ensino de História e consciência histórica**

O Ensino de História permite que o professor possa questionar juntamente com o corpo discente qual o papel da História dentro e fora da sala de aula. Além disso, colaborar na formação pessoal dos indivíduos que estão buscando entender o processo histórico, e deve movimentar-se ao encontro de uma história viva. “Pensar a História é pensar o mundo, e pensar o mundo significa pensar sobre nós mesmos. Portanto, pensar o mundo é

primeiramente, agir sobre ele, transformando-o e se apropriando desta ação”.<sup>23</sup> Isto ajuda a pensar que a História tem a função prática de contribuir para a formação crítica dos alunos por ser uma ciência que possibilita a estes indivíduos compreender através de relatos do passado as suas funções no presente.

É de grande importância que desde o início de sua vida escolar o aluno possa perceber a multiplicidade de experiências vividas no decorrer do tempo, e a partir daí entender e situar-se nos processos de mudanças que aconteceram na sociedade que interferem diretamente no presente, desenvolvendo assim a capacidade necessária para analisar as relações existentes, abarcar as diferenças e ser agente crítico e principalmente transformador.

O conhecimento histórico científico e/ou escolar é construído continuamente por todos aqueles que fazem parte do processo de formação da História, tendo em vista que os próprios alunos não são meros expectadores deste processo e sim agentes construtores da História. Então, é preciso encontrar maneiras de proporcionar a eles o contato com os conhecimentos que competem aos usos da historiografia para instigar a participação em sua construção, investigando-a, questionando-a e por fim transformando-a.

Com base nestes aspectos, reconhecemos a importância do Ensino de História para vida dos alunos como fonte que gera conhecimento, mas acima de tudo que contribui grandemente para a construção de experiências históricas temporais, para a formação de identidades e para a compreensão de fatos do passado que se tornam visíveis no presente dando sentido e significado para as suas próprias vidas.

Ensinar História está imbricado na busca incessante de aperfeiçoar a consciência histórica<sup>24</sup> que os alunos possuem. O professor colabora para que o conhecimento histórico que o aluno já possui de um passado histórico, que pode ser considerado como parte daquilo que ele ouviu, descobriu ou pesquisou, seja ampliado e esta consciência que ele traz pode ser utilizada como um meio de entender o tempo presente e projetar posteriormente aspectos que incorporarão o seu futuro.

A consciência histórica que os alunos possuem permite ao professor que considere o aprendizado que estes desenvolvem fora do ambiente escolar, e aprimore-os dentro da sala de aula, assim como levem o aprendizado escolar para outros espaços, percebendo que história pulsa em outros locais, lugares estes que fazem parte de uma história local que se situa no

---

<sup>23</sup> MEINERZ, Carla Beatriz. **História Viva**: a história que cada aluno constrói. Porto Alegre: Mediações, 2012, p. 59.

<sup>24</sup> Cf. BONETE, Willian Junior. Notas sobre o conceito de consciência histórica e narrativa em Jörn Rüsen e Agnes Heller. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 7, n. 14 UFGD, Dourados, jul.-dez. 2013.

presente, desta forma “cabe a professores e alunos a compreensão de que reler vestígios do passado e reinterpretá-los constitui a base do conhecimento histórico”.<sup>25</sup>

Isabel Barca<sup>26</sup>, ao trabalhar a narrativa e a consciência histórica de jovens portugueses sobre como enfrentar o passado contemporâneo nacional e mundial, concluiu que a consciência histórica ainda é maior do que a própria identidade desses alunos, no entanto deixa claro que “é sobretudo na escola que a identidade social é aprofundada e (re)orientada através da apropriação que cada um faz da aprendizagem sistemática da História”.<sup>27</sup>

Jörn Rüsen elucidava tal abordagem quando põe em questão a ideia de que o Ensino de História afeta o aprendizado de História e este configura a habilidade de se orientar na vida e de formar uma identidade histórica coerente e estável. Dessa forma podemos levar em consideração que a consciência histórica dá o embasamento/suporte necessário para o aprendizado histórico, o qual é de grande importância para a compreensão e reflexão da historiografia pelos alunos, pois é preciso levar em consideração a subjetividade dos mesmos, aquilo que eles compreendem de determinado contexto histórico, a situação atual do problema, assim como as suas carências de orientações, desta forma o aprendizado se relaciona com o movimento entre sujeitos diferentes, neste caso entre professor e aluno.

A necessidade de modificar a forma de ensino surge a partir das lacunas que são deixadas por um formato de ensino considerado defasado que corresponde à forma tradicional de ensinar a disciplina de história, desta forma não são capazes de gerar estímulo ao aluno para compreender e correlacionar o que ele estuda com a sua vida, ou seja, acaba não tendo uma função prática, deixando a história com subjeção aquilo que não se relaciona historicamente com o seu cotidiano, de tal forma que o aluno chega ao ambiente escolar cheio de dúvidas, que Jörn Rüsen denomina como carências, e ainda enfatiza que essas carências só poderão ser sanadas na própria história.<sup>28</sup>

Ao identificar o que provoca essas carências, pode-se compreender que a materialização da consciência histórica começa na vida prática do aluno e que está relacionada ao seu cotidiano, influenciada por diversos segmentos da sociedade que possibilitam aos estudantes construir conhecimentos históricos que podem desenvolver em formas de se materializar na consciência histórica e posteriormente na produção historiográfica.

---

<sup>25</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes & FRANCO, Renato. Parte IV. Em sala de aula. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 129.

<sup>26</sup> BARCA, Isabel. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n.1, pp. 115-126, jan.-jun 2007.

<sup>27</sup> Idem, p.116.

<sup>28</sup> Cf. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.) **Jörn Rusen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.



(...) tácita ou explicitamente, um certo tipo de consciência histórica, isto é, as relações que o seu autor encontra entre o passado, o presente e, eventualmente o futuro, no plano social e individual. No que concerne à educação histórica formal, ela será um meio imprescindível para as crianças e jovens exprimirem as suas compreensões do passado histórico e consciencializarem progressivamente a sua orientação temporal de forma historicamente fundamentada.<sup>29</sup>

A construção histórica na conjuntura da sala de aula perpassa pela complexidade que os alunos não compreendem que são agentes históricos e que eles próprios também fazem parte das fluentes e constantes transformações que ocorrem ao seu redor. Nem sempre conseguem fazer uma ligação entre os escritos históricos e aquilo que eles vivem corriqueiramente todos os dias, pois não podemos esquecer que um dos principais objetivos das aulas de história atualmente é fazer com que os alunos percebam que a história não é apenas uma narração de fatos do passado, mas algo que está em todo lugar, incluindo o espaço em que eles mesmos residem e desenvolvem relações de sociabilidade.

A compreensão do que é estudado em sala de aula perpassa não apenas por traços de uma história tradicional que expõe o que ocorreu em outros lugares, tão em voga nos livros didáticos, o que não permite que os alunos consigam identificar como a história ocorre em lugares que correspondem a onde eles mesmos vivem, sem perceberem que estes espaços estão repletos de memórias que podem e devem ser percebidas como permanências de um passado histórico que faz parte da cidade, da vida das pessoas e que influenciam diversos aspectos cotidianos dos que transitam em sua ruas.

Assim, o trânsito de pessoas pelas ruas de Bragança ao redor da Igreja de São Benedito, entre a beira e o centro, entre a cidade e a zona rural, nos dias de festas como a da Marujada, ou no cotidiano da produção da existência, pelo porto, feira, comércio, áreas que historicamente registra-se uma intensa presença de negros, ou nos caminhos que ligam a sede com as comunidades de seu entorno, parte das quais comunidades negras hoje quilombolas.

Como viver o presente e conhecer suas ligações com o passado? A persistência de celebrações e grupos, como as da Irmandade do Glorioso São Benedito, que inclui não apenas a Marujada do dia 26 de dezembro, quando ocorre essa festividade, mas inclui um conjunto de atividades e vivências que se espraiam todos os anos desde os dias de abril, com circuitos de esmolações, ladainhas, convenções e cantos, redes tecidas pela religiosidade popular que vão além do cristianismo da Igreja Católica e têm suas raízes em formas de sociabilidade antigas,

---

<sup>29</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.) **Jörn Rusen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 12.

muitas das quais existentes desde o século XVIII, quando se registra o primeiro compromisso da Irmandade de São Benedito<sup>30</sup>. Muitas das referências das culturas negras encontram-se ligadas ao ciclo de São Benedito, conhecido como o “Santo Preto”, o santo dos “escravos”, aqueles cuja história credita a construção da primeira igreja a ele dedicada em Bragança.

Rüsen ao retratar o aprendizado histórico e suas formas de emprego no ensino de história leva-nos à compreensão de que o aprendizado histórico age como orientação que constrói conhecimento e que supre as carências trazidas pelos alunos que são respondidas na própria História, processo este que é necessário para estabelecer ao tempo presente a importância de se compreender o elo que se dá entre passado e futuro.

O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica. É o processo fundamental de socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas estas operações. A questão básica é como o passado é experienciado e interpretado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro. Aprendizado é a estrutura em que diferentes campos de interesse didático estão unidos em uma estrutura coerente. Ele determina a significância do assunto da história da didática bem como suas abordagens teóricas e metodológicas específicas. Teoricamente, a didática da história tem de conceituar consciência histórica como uma estrutura e processo de aprendizado. Aqui é necessário reformular ideias sobre consciência histórica como sendo um fator básico na formação da identidade humana relacionando estes conceitos com o processo educacional, que também é básico para o desenvolvimento humano.<sup>31</sup>

A consciência histórica e o aprendizado histórico se apresentam como concepções importantes que podem contribuir para o ensino de história, reformulado o que vem sendo muito discutido atualmente, com propostas que possam instigar e liberar nos discentes além de um maior interesse, a compreensão acerca do que é ensinado em sala de aula, na qual eles possam relacionar com aspectos de seu próprio cotidiano.

Aproveitar então a consciência histórica dos alunos é de fundamental importância para buscar perceber como estes constroem a história ou a interpretam nos espaços onde vivem. André Chervel, em *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*<sup>32</sup> considera e denomina como consciência histórica o aprendizado simples, a história que se viveu.

---

<sup>30</sup> Cf. NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**. Belém, 2006.

<sup>31</sup> SCHMIDT; BARCA; MARTINS, (Op. cit.), 2011, p. 39.

<sup>32</sup> CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n° 2, 1990, p. 177-229.

É possível produzir conhecimento que tenham uma função prática, transformando a história em algo que faça sentido para o cotidiano, o lugar de vivência,

(...) consideremos que o ensino de história deve colaborar para a leitura e compreensão da realidade que cerca o estudante no sentido dele poder posicionar-se diante dos fatos, fazer escolhas e agir criticamente diante do mundo em que vive.<sup>33</sup>

O educador, ao avaliar a consciência histórica que os alunos possuem, considera o aprendizado informal destes, isto é, aquilo que ele aprende e associa à sua história vivida. E acredita na possibilidade de ajudar os alunos a produzirem conhecimentos que tenham uma função prática para as suas vidas.

Torna-se imprescindível transformar a disciplina de história em algo que caracterize, por exemplo, a identidade dos alunos ou até mesmo dos lugares de suas origens, o que aponta o professor/historiador como um mediador entre a historicidade, a sua utilização feita pelos alunos, e por fim as atribuições que estes fazem com os conceitos de passado, presente e futuro.

Contudo, como já abordado, existe uma equivocada noção quando se pensa sobre a experiência do contato com o ambiente escolar como única forma de vivenciar o processo de aquisição da consciência histórica. Irene Cardoso<sup>34</sup> ao dizer que localizar o que ficou no esquecimento é uma forma também de interrogar sobre o passado, mostra-nos que a partir do momento quem fazemos esse exercício de memória com os alunos é possível construir um lugar de memória, de testemunho e de significados para a experiência de vida.

Pelos percursos já debatidos da compreensão acerca de como o ensino de História deve se relacionar com a consciência histórica dos estudantes, Paulo Knauss aponta que

[É] o aluno que lê o mundo e não o professor, que fica com a função de orientador e animador; é o aluno que vivencia a percepção, a intuição, a crítica e a criação. O processo deve levar a que o aluno construa seu objeto de conhecimento, desenvolvendo-se como sujeito da investigação e, por consequência, como autor de valores, ideias, conceitos, palavras, discursos e textos [...]<sup>35</sup>.

<sup>33</sup> MENEZES, Leila Medeiros & SILVA, Maria de Fátima de Souza. Lembrando lembranças: Rio Comprido um lugar de memória. In: Neto, José Miguel Arias. **Dez anos de pesquisa em Ensino de História**, José Miguel Arias Neto (org). Londrina Atrito Art, 2005, p. 622.

<sup>34</sup> CARDOSO, Irene. O passado que não passa: Lugares Históricos dos Testemunhos. In: **Tempo presente & usos do passado**/Flávio Florentino Varella (Org.). [et al.]. – Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2012, p. 143-155.

<sup>35</sup> KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: **Repensando o ensino de História**/Sônia L. Nikitiuk, (org). 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2012, p. 42.

Relacionar o conhecimento historicamente constituído à formulação de uma consciência histórica voltada para a elaboração de respostas às carências de orientação temporal da vida prática dos alunos é necessário para inter-relacionar com percepções não só conteudistas, mas também como a necessidade de se levar em consideração o conhecimento que estes desenvolvem em suas vidas.

As informações e a consciência histórica que estes possuem mesmo sem a interferência do conhecimento escolar compreendem que as narrativas históricas são o aprimoramento da consciência histórica e que o fundamento da operação historiográfica tem uma relação de refinamento com os arquivos e principalmente com lugares de memória, correlacionando as distintas experiências de temporalidades num dado presente e suas implicações para a compreensão dos regimes de historicidade com reflexões voltadas para a aplicação dos saberes históricos e seus fundamentos teóricos no processo de produção e aprendizagem da História em espaços escolares e não escolares.

Alternar o ensino de história entre o ambiente escolar e outros espaços não escolares, ou mesmo estender a aprendizagem além dos muros que cercam a escola é contribuir para o conhecimento histórico de forma diferenciada, nos moldes que Maria Auxiliadora Schmidt compreende ao afirmar que “é necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços, levando os alunos a refletir sobre seu cotidiano, o que pode ajudá-los a entender como no passado esse cotidiano interferiu na vida de outras pessoas”<sup>36</sup>. Assim as noções conceituais dentro da historiografia (escravidão, patrimônio material e imaterial além da valorização de termos étnico-raciais, dentre outros), para Schimdt

É possível compreender que a História estuda a vida de todos os homens e mulheres, com sentido de investigar as experiências individuais e coletivas, não apenas nos conteúdos escolares cercados pelas salas de aulas e pelos livros didáticos, mas também em outros e diferentes espaços<sup>37</sup>.

Levar o ensino de história para espaços que são diferentes do ambiente escolar, permite ao aprendizado complementar o que se aprende em sala de aula, e de forma conjunta produzir conhecimentos históricos, pois “os alunos podem desenvolver a capacidade de fazer perguntas aos homens de outros tempos, sobre o lugar onde vivem e sobre os objetos que conhecem”<sup>38</sup> levando-os assim a interpretar as permanências e rupturas conceituais de temas

---

<sup>36</sup> SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O Ensino de História fora da sala de aula. In: **Ensino de História**. Maria Auxiliadora Schimdt & CAINELLE, Marlene. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2009, p. 150.

<sup>37</sup> Idem, pp. 149-160.

<sup>38</sup> SCHIMIDT, (Op. cit.), 2009, p. 150.

como o de escravidão e identificá-los em diferentes ambientes que compõem o cenário da cidade.

### 2.3 Lugar e memória

A questão de se definir lugares nos quais se materializam partes das histórias que são contadas em sala de aula proporciona ao ensino uma abordagem prática de se pensar os lugares presentes na memória da própria cidade como espaços que fizeram e fazem parte do contexto da realidade que foi transformada pelo contato humano em vários momentos que caracterizaram a História. Hartog afirma que ao “chegar a uma primeira definição de lugar como aquilo que é ao mesmo tempo material, funcional e simbólico: objeto insondável, no qual o passado se acha recuperado no presente”<sup>39</sup>, permite-se assim sustentar a ideia de que os alunos devem construir ou mesmo interpretar os espaços daquilo que podemos chamar de os lugares de memória, ou identificar as heranças culturais presentes no cotidiano da cidade em que vivem.

Memória vem do grego “*mnemis*” e do latim “*memor*”, mas existem algumas variáveis que foram modificando suas acepções no decorrer dos tempos. Porém, ambas as formas citadas denotam um significado semelhante que seria a conservação de uma lembrança. Este termo é utilizado por diversas ciências como a antropologia, a sociologia, a psicologia e propriamente a história.

Os gregos foram grandes entusiastas do uso da memória tanto que tinham uma deusa chamada de Mnemoyne, que vinha a ser a mãe das nove musas que por sua vez protegiam as artes e a história.

Na antiga Grécia, a memória tinha uma função considerada prioritária: conferir imortalidade ao ser humano, integrá-lo ao tempo através da História, fazendo do passado o alicerce do presente. Em decorrência, a memória era considerada possibilidade de atualização do passado. Além disso, tinha a função de registrar o presente, evitando-se que o esquecimento se impusesse no futuro. A deusa Mnemosyne, uma das divindades alegóricas amadas por Júpiter, tinha a função prioritária de fazer do que passou tanto o sedimento do presente, como o esteio do futuro. Uma de suas filhas Clio que representava a História, trazia em si a seiva da eternidade; em outras palavras, constituía-se como o antídoto do esquecimento.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> HARTOG, François. Tempo e História: Como escrever a história da França hoje? **História Social**. Campinas, Unicamp, n. 3, 1996, p.127-154

<sup>40</sup> NEVES, Lucília de Almeida. Memória e História: Dinâmica de uma relação. In: **Memória, História e Sujeitos: substratos de identidade**. HISTÓRIA ORAL, v. 3, p. 109-116, Mariana, Minas Gerais, 2000, p. 110.

Segundo Neves, memória para os gregos antigos tinha um lugar prioritário que era o de alçar o homem a um lugar imortal, próximo de um deus do Monte Olimpo e ao mesmo tempo em que existia essa função mística para a memória, havia também a questão de preservar as lembranças dos homens, para que as futuras gerações pudessem seguir os exemplos daqueles que viveram anteriormente, exaltando desse modo o passado e assim preservar o presente e servir de modelo para o futuro.

Marilena Chauí reforça essa ideia de privilegiar e evocar o passado através de lembranças, de fatos que já aconteceram, para ela “memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais”<sup>41</sup>. Para a autora, a memória é uma aptidão que os humanos têm de arquivar fatos e lembranças para repassá-los para outras pessoas, pois com essa atitude esses acontecimentos não serão esquecidos.

Em outras palavras, a memória tem um caráter biológico/psicológico que diz respeito à capacidade humana de armazenar e conservar determinadas informações. Mas o enfoque que será dado à memória aqui vai consistir em usar a mesma como um artifício essencial da identidade de lugar, no caso a cidade de Bragança no estado do Pará e de sujeitos, variados e com tantas histórias, nem sempre visibilizadas, como a dos negros, descendentes de africanos que chegaram no tempo da escravidão ou foram se estabelecendo ali com as levas de chegas de outras regiões.

É necessário buscar subsídios para compreender a história local, pois as figuras que armazenam ou evocam as memórias que nos levam a revisitar o passado estão dentro de um contexto que nos ajudam a dar sentido ao presente, e isso só é possível através da compreensão do passado. Nesse sentido, Ricardo Oriá observa que:

A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo efetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> CHAUI, Marilena. A preocupação com o conhecimento. In: **Convite à Filosofia**. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 138.

<sup>42</sup> ORIA, Ricardo. Memória e ensino de História. In: **O saber histórico na sala de aula**. Circe Bittencourt (org.). 12ª edição. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 139.

Trazer à tona uma construção histórica ou simplesmente a construção de uma memória é muito complexa, principalmente quando os alunos não compreendem que fazem parte das fluentes e constantes transformações que ocorrem ao seu redor. O que nos interessa é justamente a questão da atribuição de sentido que estas memórias podem trazer, conceitos de identidade, ou mesmo dos “sentimentos de pertença e identidade social (local, regional, nacional e outras) constroem-se naturalmente no decurso das diversas vivências quotidianas”<sup>43</sup>.

Tudo isso usando como base as memórias do lugar onde a presença negra africana foi marcante, inserido num contexto educacional, procurando usar possíveis lembranças dos alunos sobre o tema escravidão, pois apesar desses educandos não terem presenciado a escravidão no Brasil, alguns adquiriram conhecimentos que foram repassados por seus familiares, principalmente os mais velhos, pelos professores e/ou por meios de comunicação como jornais e revistas impressos e digitais, televisão, internet e etc.

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por *pessoas, personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu.<sup>44</sup>

Michel Pollak observa bem em seu texto a relação da memória ser constituída por sujeitos que foram de alguma maneira importantes, seja na vida presente das pessoas ou que passaram por suas vidas em determinado momento ou indivíduos que estão no passado além do seu tempo, mas que tem um valor histórico ou sentimental. Outro ponto apontado por Pollack faz referência aos lugares da memória, esses espaços podem estar unidos por uma lembrança de cunho pessoal de determinadas pessoas ou serem focalizados com memórias de outras épocas, como no caso da escravidão negra africana que já não existe mais no país, no

---

<sup>43</sup> BARCA, Isabel. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, pp. 115-126, Jan.-Jun. 2007, p. 116.

<sup>44</sup> POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212, p. 02.

entanto ainda podem guardar muitos resquícios dessa história nesses lugares, assim como das pessoas que residiram nesses ambientes.

Pollak, assim, como seu antecessor Halbwachs, irá apontar a memória como um fenômeno coletivo, definindo-a como uma construção social. Dessa forma diz que a memória envolve um processo de escolha, sendo parcial e seletiva, definindo a memória como uma construção do passado realizada no presente. Ela seria, então, variável, e também múltipla, pois cada grupo cultiva um conjunto particular de recordações.

O autor aponta o papel fundamental da memória, na qual diz que para a criação do sentimento de identidade, existem diferenças cruciais, como as experiências vividas diretamente, experiências herdadas, aprendidas, transmitidas aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização. Segundo Fábio Daniel Rios<sup>45</sup> que aborda o conceito de memória pela ótica dos autores que foram incisivos ao tratarem destas questões (Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo), ressalta que:

Vale dizer que, mesmo os acontecimentos, pessoas e lugares que compõem as experiências diretas dos indivíduos e grupos são alterados quando registrados na forma de lembranças, não correspondendo de modo totalmente fiel à realidade. As memórias podem, ainda, envolver elementos que transcendem o espaço-tempo e de duração de vida dos indivíduos e grupos (...).<sup>46</sup>

Para Pollak, a memória contribui para a criação do sentimento de identidade dos indivíduos e grupos, segundo ele a memória serve de base para a construção de uma narrativa coerente sobre sua trajetória, contribuindo para a criação do sentimento de identidade, portanto a “função” da memória seria não só da criação do senso de igualdade entre os membros de uma dada coletividade, mas também da demarcação de fronteiras entre os outros.

Portanto Pollak define a memória como construções sociais, ou seja, ela é uma reconstrução do passado realizada a partir dos interesses e preocupações dos grupos e indivíduos no presente. Isso lhe confere um caráter circunstancial e mutável, pois ela se encontra sempre num processo de reinterpretação e mudança. A memória pode variar, mas deve haver sempre algum nível de concordância das novas representações com aquelas já existentes.

---

<sup>45</sup> RIOS, FÁBIO; “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

<sup>46</sup> RIOS, (Op. cit.), 2013, p. 09.



Nesse apesto, Fábio Rios reafirma que uma memória é construída e as lembranças tendem a realizar um trabalho de conservação em prol da manutenção das representações do grupo. Caso essa continuidade entre o novo e o velho seja rompida bruscamente, uma crise de identidade pode vir a se instalar.

Outro aspecto importante que deve ser explicitado nesse patamar é a memória coletiva e individual, para isso explicitamos Maurice Halbwachs, um sociólogo francês que pertencia à escola de Émile Durkheim e escreveu diversas obras, porém a que ficou mundialmente conhecida foi *A Memória Coletiva* (1990), obra que foi lançada depois de sua morte nos anos de 1950, e que se tornou referência para várias ciências sociais incluindo a História e a própria Sociologia, quando se quer falar sobre os meandros das lembranças coletivas ou individuais.

Halbwachs desenvolveu um sistema de análise no qual converge com a ideia de que as lembranças coletivas somente existiriam se determinado sujeito pertencesse a algum grupo social – em outras palavras memória coletiva é sempre uma memória de um grupo. Sendo que esse indivíduo isolado não é capaz de gerar lembranças profundas, pois não participam de nenhum grupo social. Então ele diz que a Memória Individual se forma a partir da relação com o outro para isso reafirma, quando “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação”.<sup>47</sup>

Faz-se necessário que exista um mínimo de concordância entre as memórias dos indivíduos para que elas possam se complementar e formarem um patrimônio comum de recordações. Ainda no que concerne à memória individual, Halbwachs fala que as memórias mais difíceis de serem recuperadas são aquelas que as pessoas vivenciam sozinhas, pois não se pode contar com a ajuda de ninguém para lembrar os fatos, o que acaba prejudicando o entendimento dos mesmos.

Mas existe um impasse segundo a obra de Maurice Halbwachs, pois se a memória é coletiva, somente os sujeitos são capazes de lembrar-se dos fatos. Segundo ele, em toda ação que envolva memória, existe o que ele chamou de “intuição sensível”, que mostra a participação dos indivíduos na formação das lembranças. Todavia, os mesmos nada mais são do que instrumentos das memórias de um grupo, mesmo quando lembram de maneira individual.

---

<sup>47</sup> HALBWACHS, (Op. cit.), 1990, p. 29.

Nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.<sup>48</sup>

Assim, a memória individual está contida num grupo maior das lembranças coletivas, sendo que é apenas uma parcela pequena ou um olhar superficial sobre algum fato relacionado ao conjunto. Ela é mais pesada que a memória social, porém não tão abrangente. De maneira geral, o indivíduo somente materializa a ação do grupo social.

Halbwachs também faz observações sobre a memória coletiva e a memória histórica, mostrando que existem diferenças na abordagem das duas vertentes.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a um interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.<sup>49</sup>

O autor afirma que existem duas memórias que podem ser uma interna e outra externa que de certa forma iriam se completar, uma lembrança mais particular e a outra social, já que toda história pessoal tem algum vínculo com que podemos chamar de história geral, ou seja, uma auxiliando a outra, mas a memória histórica seria bem mais ampla, apesar dessa amplitude, essas lembranças históricas não seriam tão profundas, pois fariam uma representação do passado de forma esquematizada e breve, enquanto a memória pessoal apresentaria um conjunto bem mais ininterrupto e bem mais claro sobre nossas lembranças.

Mas no que tange ao tema aqui retratado que é como a história dos negros é trabalhada na sala de aula e como ela pode ser ensinada a partir de lugares de memória na cidade de Bragança, tem-se que levar em consideração quais as melhores formas de se trabalhar a memória a partir dos lugares que produzem evocações variadas, ainda que de forma difusa apareçam ligações com os tempos da escravidão, e outras possíveis lembranças

---

<sup>48</sup> HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Histórica. In: **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, p. 30.

<sup>49</sup> HALBWACHS, (Op. cit.), 1990, p. 37.

que os alunos têm sobre aspectos das culturas negras, sejam elas memórias coletivas, históricas ou individuais.

Possibilitar que o ensino da disciplina de história seja pensado e praticado em outros espaços que não somente o da escola e ainda poder materializar o conhecimento histórico de forma que se possa compreender que lugares podem contar suas histórias para além do que a consciência histórica dos próprios alunos pode dar conta, é um desafio. Kátia Maria Abud, ao relacionar o Ensino de História com outros espaços que não o escolar, desenvolve um ensaio que aborda a visita de estudantes do ensino básico a um museu, enfatizando que este lugar é de produção de conhecimento e que “sua função é adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir evidências materiais do homem e de seu ambiente [...]”.<sup>50</sup> Os museus são locais conhecidos como guardiões da memória, a eles são atribuídos como detentores da presença materializada do passado que está no presente. Assim, a memória é uma construção intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela individualizada, mas de um indivíduo inserido num contexto social, podendo ser de caráter familiar, escolar, religioso, nacional e até local.

Eunícia Fernandes atenta para o fato de que

(...) a diferença entre memória e história consiste no fato de que as duas são construções que organizam a experiência do homem no tempo e, como tais, definem sentido ao agir humano [...] procura recuperar um lugar perdido [...].<sup>51</sup>

Aproveitando-se da compreensão de que as memórias são atribuições do passado que devem ser revisitadas a partir de um olhar do presente, com o uso propício das fontes de interações culturais será possível perceber diversidades de sociedades em que vivem os alunos, por fim estes poderão entender que as histórias do passado se transformaram, se entrelaçaram e hoje são sociedades multiétnicas e multiculturais deixadas como herança de períodos que parecem ter ficado presos no passado.

“A história serve para que possamos realizar, no plano do conhecimento, do pensamento, do imaginário, da memória, aquilo que não podemos fazer no plano da realidade e da empiria: sair do presente, ausentar-nos desta temporalidade que nos cerca”.<sup>52</sup> Com esta

<sup>50</sup> ABUD, Kátia Maria. Capítulo 8. Espaços da História: Ensino em museus. In: **Ensino de História**. Kátia Maria Abud. André Chaves de Melo Silva, Ronaldo CARDOSO Alves. São Paulo: Cengage Learnig, 2010, p. 127.

<sup>51</sup> FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. Do dever da memória ao dever da história: um exercício de deslocamento. In: **Qual o Valor da História hoje?** Rio de Janeiro. FGV, 2012, p. 92.

<sup>52</sup> JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Fazer defeitos nas memórias: para que serve o ensino e a escrita da história? In: **Qual o Valor da História hoje?** Rio de Janeiro. FGV, 2012, p. 30.

concepção podemos atribuir como função da história, daquela ensinada na sala de aula que se pode perceber probabilidades e perspectivas no presente, que auxiliem em muitos questionamentos, não só sobre aspectos do passado como a abordagem do que foi a escravidão e de como esta permeou não só o imaginário do que se ouviu a respeito, ou de como foi de fato, mas como esta deixou uma memória que pode ser percebida ainda hoje em vários espaços da cidade Bragança.

A partir de uma articulação entre ensino e pesquisa, partindo de questionamentos sobre as visões construídas pelos alunos, sobre os negros que foram introduzidos na região e a história da escravidão no Brasil, podemos avançar no reconhecimento dos lugares de memória das culturas negras em Bragança, ultrapassando as fronteiras do ensino de história na sala de aula, e associando passado e presente, memória e história, podendo os alunos utilizarem deste conhecimento em outros espaços.

Quando pensamos o passado em termos históricos, associamos que é preciso fazer uso de fontes que nos levem a um tempo pretendido que não o nosso. No entanto, a fonte que nos leva ao passado está no presente. Desta forma, refletir sobre o que aconteceu no passado proporciona elencar e estudar diferentes fontes históricas. Estas podem ser escritas ou não, e para se estudar qual importância dos documentos históricos para fazer usos do passado no presente, o papel do historiador é fundamental. Marc Bloch elucida esta questão ao dizer que “o historiador, ocupado em compreender e fazer compreender, terá como primeiro dever recolocar em seu meio, banhados pela atmosfera mental de seu tempo, face a problemas de consciência que já não são exatamente os nossos”<sup>53</sup>.

Fazer uso de documentos das mais variadas naturezas para se tentar compreender fatos históricos que marcaram o passado de uma determinada sociedade, nas salas de aula do ensino básico, exige metodologias e abordagens para efetiva construção do conhecimento, indo além da mera simplificação de conteúdos acadêmicos e tornando a sala de aula como espaço de pesquisa. O uso de documentos na sala de aula torna-se um meio didático complementar no qual

(...) a construção do conhecimento histórico se sustenta no processo indutivo de conhecimento – partindo do nível do particular e do sensível para alcançar a conceituação e a problematização abrangente. Isto significa dizer que o ponto de referência são os documentos a serem trabalhados em sala de aula. Basicamente, trata-se de exercícios de leitura, não apenas de textos

---

<sup>53</sup> BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 51-68.

narrativos, mas privilegiando também os iconográficos – mais adequados a faixas iniciais do processo de aprendizagem.<sup>54</sup>

O uso adequado de documentos históricos pode permitir aos professores e alunos que problematizem questões que estão no presente, relacioná-lo com as vivências deles próprios e fazerem um processo de investigação histórica do passado, de homens que viveram outras épocas, para assim buscar compreender o tempo atual.

Há uma necessidade da pesquisa histórica, que nesse exercício se impõe também aos professores e alunos no ambiente escolar, que é como reconhecer as fontes históricas. O documento pode ser caracterizado também como monumento<sup>55</sup>, no qual se faz associação a uma memória, ou seja, o monumento, assim como o documento, torna-se um elo entre o passado (que é representado) e o presente, configurando-se em muitos casos em um patrimônio; memória e patrimônio são tratados como indícios, sintomas de nossa relação com o tempo<sup>56</sup>, ou seja, são vestígios deixados pelo passado que são encontrados e ressignificados no presente.

Relacionar elementos que estão presentes em espaços que não correspondem ao ambiente escolar, torna-se uma opção viável para poder instigar, investigar e se pensar a importância de uma história nacional, regional e até mesmo local. Compreender o processo de construção do conhecimento escolar é importante, motivando a identificação dos alunos com as temáticas que são trabalhadas em sala de aula. Temas como o da história e cultura africana e afro-brasileira, que inclui, mas vai além de uma história da escravidão, possibilitam (re)visitar questões que de alguma maneira dizem respeito ao passado mas também ao presente, não necessariamente explorados nos materiais didáticos e nas aulas expositivas.

Neste esforço, podem ser trabalhados nas aulas de História alguns conceitos, como os de memória, identidade e patrimônio, e relacionados com a própria história e presente da cidade, onde existem pontos que podem ser percebidos nas ações do tempo, de modo que os alunos possam associar o que aprendem na escola com as histórias que cada um constrói dentro nos espaços em que vivem, e, ao mesmo tempo, possam reconstruí-las.

A pesquisa histórica sobre as memórias da presença negra africana na cidade de Bragança contou com um roteiro de visitas que identificou estes lugares de memória que marcaram e ainda fazem parte da história local, percepções sobre o passado da escravidão, em

---

<sup>54</sup> KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: **Repensando o ensino de História**. Sônia L. Nikitiuk (org.). 8ª ed., São Paulo: Cortez, 2012, p. 37.

<sup>55</sup> LE GOFF, 1990 (op. cit.).

<sup>56</sup> HARTOG, FRANÇOIS. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, 2006, p.261-273.

exercícios de pesquisa em que os alunos foram levados para fora do ambiente escolar, o que possibilitou observar como os mesmos leem os espaços que de alguma forma remetem às memórias ligadas ao período escravocrata.

### 3 LUGARES DE MEMÓRIA DAS CULTURAS NEGRAS EM BRAGANÇA: ENSINO DE HISTÓRIA COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Quando se fala na história dos negros no Brasil, geralmente as pessoas remetem ao passado da escravidão, o que revela que ficaram para traz os negros e sua importância histórica, invisibilizados no presente, restando apenas memórias que coisificam escravizados (escravo/preto/mão de obra/peça/acorrentado/perigoso) e os associam a algo que deveria ser esquecido. “Uma mancha na história da humanidade”, assim políticos e intelectuais do período final da escravidão<sup>57</sup> e muitos estudiosos hoje se referem à escravidão negra, destacando que a mesma fez milhares de vítimas em diversos países e deixou marcas profundas nas sociedades onde esteve vigente, como no Brasil.

A escravidão esteve presente em praticamente todos os continentes do globo o que inclui a Europa, as Américas (Central, Norte e do Sul), sem contar, é claro, o próprio continente africano, que foi dominado pelas grandes potências capitalistas e de onde homens, mulheres e crianças foram capturados como animais e submetidos ao trabalho forçado, enviados para diversas partes do mundo. Comercializados como mercadorias, estes indivíduos perdiam sua autonomia, eram tratados como objetos, e tiveram que se reinventar diante das situações em que foram colocados pelo escravismo.

O Brasil foi um dos países que mais recebeu escravos durante o período em que a escravidão esteve em vigor. E foi o último país das Américas a libertar seus escravos, sendo que isso somente ocorreu devido à pressão estrangeira, pois grande parte dos países desenvolvidos já havia extinguido a escravidão negra em seus territórios.

O Brasil, em razão de sua dimensão e da ausência de preocupação com a reprodução biológica dos negros, foi o maior importador de escravos das Américas. Estudos recentes estimam em quase 10 milhões o número de negros transferidos para o Novo Mundo, entre os séculos XV e XIX. Para o Brasil teriam vindo em torno de 3.650.000.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> A historiografia vem ampliando o escopo das explicações sobre o fim da escravidão como regime no Brasil, ultrapassando argumentos meramente econômicos. José Maia Bezerra Neto, por exemplo, discute abolicionismo e abolição atentando para o processo civilizatório capitalista em escala global, em curso nos finais do século XIX, quando o fim da escravidão passou a ser tomado como passo importante para uma “reforma civilizadora” em países que ainda a mantinham, como o Brasil. Cf: BEZERRA NETO, José Maia. **Por todos os meios legítimos e legais: as lutas contra a escravidão e os limites da abolição (Brasil, Grão-Pará: 1850-1888)**. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

<sup>58</sup> BARROSO, Maria Alice. **A Escravidão no Brasil**. Para uma história do negro no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988, p. 9.

E o Brasil sendo um país essencialmente agrícola e com um processo de industrialização ainda nascente, resistiu como pôde ao processo de libertar seus negros escravizados, já que dependia diretamente da mão de obra, da força de trabalho contínua e eficiente destes povos que sempre foram considerados em uma visão eurocêntrica como propícios ao trabalho agrícola<sup>59</sup>.

Muitos estudiosos defendem que a escravidão no Brasil não foi revogada essencialmente por questões econômicas, mas sim por questões políticas como demonstra José Maia Bezerra Neto.

Nos sistemas escravistas politicamente viáveis, como a república norte-americana e o império brasileiro no século XIX, a “resposta à insuficiência do lucro não era a emancipação, mas a venda dos escravos para áreas mais dinâmicas”. Ou seja, não sendo possível pensar um vínculo causal entre capitalismo industrial e abolicionismo, pelo menos em termos diretos, concordo com a conclusão de Blackburn de que “a escravidão não foi derrubada por motivos econômicos, mas sim quando se tornou politicamente insustentável”. A insustentabilidade da escravidão que levou ao seu desaparecimento ao longo do século XIX, por sua vez, tinha na contestação social dos escravos e de livres pobres, enfim nas “lutas de classes” entre senhores e escravos, capitalistas e trabalhadores livres nos dois lados do Atlântico a sua razão de ser. Afinal, como nos diz outra vez Blackburn, a “própria emancipação não fora o produto final da demanda do capital por um novo tipo de mão-de-obra, mas sim da incapacidade do capital de manter a forma existente de escravidão”.<sup>60</sup>

Bezerra Neto questiona a motivação que levou ao fim do regime escravista no Brasil, sendo que ele segue o viés que relaciona o fim da escravidão com questões políticas. É de conhecimento geral que as formas econômicas vinham se modificando durante o final do século XIX e início do século XX, e essa nova configuração econômica não condizia com regime escravocrata, o que gerou diversas barreiras políticas e, por conseguinte iria provocar o que se pode chamar de lutas de classes entre escravistas e seus escravos, negros livres e também entre escravocratas e abolicionistas.

As disputas internas acabaram por gerar o enfraquecimento do regime de escravidão e a classe política que em sua maioria sempre foi favorável à continuação da existência dos escravos. O Brasil se viu diante de um quadro de pressão externa, onde as grandes economias do mundo não viam com bons olhos os países que ainda tivessem a escravidão como base de

---

<sup>59</sup> Cf. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

<sup>60</sup> BEZERRA NETO, (Op. cit.), 2009, p. 3.



sua economia, e por isso pressionaram os políticos brasileiros para extinguirem o regime escravista no país.

Como o fim do regime escravocrata no Brasil não ocorreu de maneira voluntária, mas pela pressão ideológica externa e pela preocupação de alçar o país ao patamar de outras nações, percebe-se que este fato foi provavelmente um dos fatores cruciais para que o regime de escravidão viesse a ser abolido, se não se conclui que este ainda levaria tempo para desligar o Brasil completamente das correntes da escravidão.

Emília Viotti da Costa reforça essa visão de que o fim do regime escravista não foi um ato relacionado à economia, mas sim com questões políticas e o fim da escravidão não provocou o declínio da economia brasileira, “a abolição não trouxe a ruína da economia nem o caos social que os mais pessimistas haviam previsto. De fato, do ponto de vista das classes dominantes a transição do trabalho escravo para o trabalho livre foi extraordinariamente bem-sucedida.”<sup>61</sup>

Salvo toda a desenvoltura das forças políticas principalmente frente a uma necessidade de por fim á escravidão, é preciso romper com esta sendo única lógica de que somente estes fatores influenciaram o término da escravidão no Brasil. Flávio Gomes e Antonio Luigi Negro contemplam essa concepção ao abordarem que trabalhadores negros e escravos apresentavam seu próprio conhecimento de como recorrer à lei e de como “encontrar aliados eventuais em setores do governo e da burocracia empenhados em submeter o poder privado dos senhores ao domínio da lei”.<sup>62</sup>

Mesmo com o decreto de liberdade, a maioria dos negros africanos e seus descendentes que foram escravizados continuaram trabalhando basicamente da mesma forma que antes, pois a maior parte destes indivíduos não tinham meios para se manterem por contra própria, não tinham estudo, boa parte não sabiam nem ler, tornou-se então muito difícil encontrar trabalho e abrigo, considerando que agora eram “homens livres” e não possuíam posses/terras nas quais pudessem viver, logo uma das alternativas em meio a este cenário, era pedir trabalho e abrigo para os seus antigos senhores, onde retomariam os trabalhos que lhes permitiriam a sobrevivência nesta conflituosa conjuntura.

Muitas foram às atividades em que se foram empregando os negros. Podiam ser vistos tanto trabalhando nas lavouras de cana de açúcar, minas de ouro, lavouras de café e em trabalhos domésticos e outras atividades que podiam exigir certa especialização no trabalho,

---

<sup>61</sup> COSTA, Emília Viotti da. O Impacto da Abolição. In: **A Abolição**. 9.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 132.

<sup>62</sup> Ver NEGRO, Antonio Luigi e GOMES, Flávio. **Além de senzalas e fábricas uma história social do trabalho**, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, junho 2006, p. 217-240.

como pedreiros, marceneiros, alfaiates e ourives, e outras que até eram tidas como “indignas”, como a de carregar os barris com dejetos.

Na região amazônica, mais particularmente no Pará, os negros escravizados foram empregados em diversos empreendimentos públicos e privados. Parte deles fora reunida para trabalhar em seringais e outras atividades extrativistas, mas o governo não tinha um controle muito grande sobre eles, pois nessa região não se restringiam somente aos escravos negros, apesar do trabalho não ser tão humilhante quanto jogar excrementos em rios, esse tipo de trabalho era tão explorador quanto os outros exercidos pelos escravos, o que muitas vezes poderia gerar entraves que estivessem relacionados à resistência desses sujeitos. Bezerra Neto destaca a resistência negra à escravidão e à sociedade escravocrata e latifundiária.

A resistência escrava e de pobres livres ao enquadramento nos mundos da ordem e do trabalho, conforme as regras das elites proprietárias e políticas, incluindo aí as formas de controle do governo senhorial sobre os escravos e as diversas formas de recrutamento dos livres pelas autoridades públicas, tinha a seu favor dois pontos. Um, a possibilidade de essas classes subalternas se inserirem nas atividades extrativistas, muito particularmente na extração da borracha, opondo-se ao trabalho agrícola e urbano, sob controle de seus senhores e patrões; o outro, a própria incapacidade do Estado dispor dos recursos necessários à repressão desses sujeitos recalcitrantes em sua resistência.<sup>63</sup>

Os escravos eram obrigados a trabalhar em áreas extrativistas obedecendo a ordens de seus senhores, e os negros livres eram recrutados pelas autoridades, no caso esse papel era do Estado, mas nem sempre esses negros livres queriam trabalhar em atividades ligadas ao extrativismo, principalmente da borracha, pois, apesar de parecer um trabalho mais “fácil” do que o trabalho nas lavouras e nas cidades, existia o temor das doenças tropicais como malária e febre amarela, dos animais selvagens e dos indígenas que podiam atacá-los. E assim o Estado não poderia obrigá-los a ir trabalhar nessas áreas e caso houvesse algum tipo de pressão, a esse respeito poderia desencadear algum tipo de movimento de resistência, como por exemplo, a Cabanagem<sup>64</sup> que foi formada em sua maioria por negros livres e escravos, brancos, índios e membros das elites abastadas da época.

---

<sup>63</sup> NETO, José Maia Bezerra. Se quisesse fazer revoluções não lhe faltaria gente. In: O Africano Indesejado. Combate ao Tráfico, Segurança Pública e Reforma Civilizadora (Grão-Pará, 1850-1860). **Revista Afro-Ásia**, v.44, 171-217, 2011, p. 211.

<sup>64</sup> RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Revista Dossiê**, v.10, 2006, p. 03.

Após a abolição da escravatura em 1888, no final do século XIX e começo do XX teve início os estudos sobre a escravidão no Brasil, tais estudos tinham como principal vertente tentar descobrir e mostrar qual o caráter da escravidão negra no país.

Vigora por bastante tempo como principal debate na historiografia saber se a escravidão no Brasil teria sido branda ou violenta, amistosa ou cruel. Um dos principais conceitos decorrentes de tal análise - que predominou até meados do século XX - consistiu em enfatizar o caráter benevolente e não-violento da escravidão ocorrida no Brasil.<sup>65</sup>

Outra vertente que foi desenvolvida faz referência à dualidade entre violência e heroísmo e aspectos da vida cotidiana dos escravos e o ambiente onde habitavam.

A partir da década de 1980, inicia-se uma renovação da perspectiva historiográfica sobre temas relacionados à escravidão. Novas obras referentes ao tráfico negreiro, à família escrava, ao abolicionismo, à resistência, aos relatos biográficos de personagens que experimentaram a escravidão - entre outros - foram surgindo gradativamente, e a aproximação metodológica entre história e a antropologia fez com que surgisse um novo olhar acerca da documentação primária.<sup>66</sup>

Na década de 1970 houve um movimento de revisionismo da História da escravidão no Brasil, quando se passou a valorizar ainda mais os traços da vida diária dos negros escravizados, desvelando suas relações e resistências, os relacionamentos dentro da família escrava, procurando vislumbrar como aqueles indivíduos se portavam diante das situações cotidianas mesmo estando presos a um sistema que os coagia e restringia sua liberdade individual ou coletiva.

Os grandes feitos de negros que ousavam desafiar o sistema que vigorava no Brasil também foram alvo de estudos nesse movimento dentro da historiografia de revisitar a história da escravidão, inclusive para além de Zumbi dos Palmares<sup>67</sup> tão difundido nos livros didáticos de história, isso se deve gradativamente desde que se tornou herói nacional, partindo do

---

<sup>65</sup> PROENÇA, Wander de Lara. Perspectiva Clássica: cativo brando e relações sociais harmoniosas. In: **Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos**. São Paulo: Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior", 2010, p. 01.

<sup>66</sup> RASSI, Marcos Antônio Caixeta. ROQUE, Wallace de Oliveira. Novos estudos biográficos. In: **Uma breve análise historiográfica acerca da escravidão do Brasil oitocentista: outros olhares, novas visões**. Minas Gerais: *Pergaminho*, (6): 48-64, dez. 2015, p. 57.

<sup>67</sup> Zumbi foi o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial. Zumbi nasceu na então Capitania de Pernambuco, na Serra da Barriga, região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no estado de Alagoas, Cf. DE MATTOS, Regiane Augusto. **História e cultura afro-brasileira**. Editora Contexto, 2012.

surgimento da Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica e a instituição do Dia da Consciência Negra como data integrante do calendário escolar.

No que tange aos estudos historiográficos recentes existe uma corrente de pensamento que dá ênfase ao escravo como sujeito transformador do seu meio social e negociador de sua própria liberdade. Estes novos estudos procuram dar ênfase, na maioria dos casos, a biografias de sujeitos que de alguma forma procuraram modificar sua realidade desoladora.

As biografias de africanos e de seus descendentes permitiram perceber sob um novo ângulo, e de maneira mais humana, o movimento amplo da história, seja do tráfico de escravos, da ascensão e queda da escravidão no Novo Mundo, da reconfiguração do Velho Mundo pela colonização e pelo escravismo, enfim da formação dessas sociedades, economias e culturas atlânticas. É possível fazer dessas histórias pessoais uma estratégia para entender o processo histórico que constitui o mundo moderno e, em particular, as sociedades plantadas na escravidão que dele brotaram.<sup>68</sup>

O trecho acima de autoria de João José Reis é uma biografia sobre um sacerdote africano chamado Domingos Sodré que viveu na Bahia durante o século XIX, e fica clara essa tentativa de desenvolver uma linha de pesquisa que evoque histórias pessoais dos negros e de suas histórias de vida, procurando entender os processos históricos que estavam acontecendo em paralelo com sua história pessoal. Tal perspectiva constrói outros olhares sobre os negros, embora nem sempre seja conhecida do grande público e a maioria nem é mencionada nos livros escolares. Portanto, se a historiografia sobre a escravidão negra no Brasil vem se modificando com o decorrer dos anos, o mesmo não se pode dizer sobre a abordagem desse tema nas escolas brasileiras.

Após a abolição da escravidão no Brasil esse tema transformou-se em um assunto debatido em diversos meios intelectuais que defendiam sua inclusão no currículo escolar dos colégios brasileiros, pois se fazia necessário que as futuras gerações soubessem que o Brasil participou do regime escravista e assim como ensinar aos alunos a respeito da origem dos escravos trazidos para o país durante a diáspora negra e sobre o continente africano tão explorado pelos grandes centros econômicos e que necessita ser retratado nas salas de aula. Mas a introdução do tema nas aulas enfrentou alguns opositores na política e no meio intelectual da época.

---

<sup>68</sup> REIS, João José. **Domingos Sodré, um Sacerdote Africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 464.

O primeiro grande instituto responsável por escrever sobre a História do país foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) ainda durante o período imperial<sup>69</sup>. Esse Instituto foi idealizado com a intenção primordial de desenvolver uma história do Brasil que fosse “oficial”. Que consistia em valorizar somente os aspectos considerados mais importantes, ou seja, fatos históricos considerados menos relevantes seriam eliminados das pesquisas desse instituto.

No cerne do IHGB, estavam historiadores que pertenciam às classes mais abastadas da sociedade brasileira, em sua maioria branca e que consideravam a escravidão como um fato comum sem interesse histórico. E o mesmo acontecia com a história do continente africano que era praticamente ignorado pelo instituto. Apesar da instalação do IHGB ter acontecido algumas décadas antes da abolição do regime escravista e mesmo após a extinção da mesma e que já não existiam mais escravos no país, esse instituto deu pouca ou nenhuma atenção ao tema.

O primeiro momento em que o IHGB deu mostras sobre fatos históricos ligados à escravidão foi justamente com a promulgação da Lei Áurea e que, por conseguinte, aconteceu no mesmo período do aniversário de 50 anos do Instituto e o mesmo tratou de publicar uma sessão exclusiva sobre o tema.

Não por acaso, logo após a extinção do trabalho escravo, o IHGB, em sessão extraordinária, promoveu uma série de homenagens por conta da promulgação da lei de 13 de maio de 1888 e dos festejos realizados por conta dela. Com o propósito de enaltecer o feito da Princesa Isabel, João Franklin da Silveira Távora enumera as providências comemorativas do Instituto, dentre elas, as congratulações ao Imperador e à Princesa Isabel; as mensagens de louvor às duas casas do Parlamento, ao Ministério e à imprensa, registradas em ata; a inauguração de dois bustos, um em homenagem ao Visconde do Rio Branco, em virtude de sua atuação em defesa da Lei do Ventre Livre.<sup>70</sup>

Como se pode notar no fragmento, apesar de ser um momento extremamente importante para a sociedade brasileira, tratou apenas de mostrar um apanhado de informações sobre as leis que beneficiaram os negros e que haviam sido promulgadas anteriormente, e dava felicitações à princesa Isabel e a seu pai Dom Pedro II, mas o foco mesmo eram as comemorações pelo Jubileu do IHGB. E para os negros? Nada mais uma vez.

---

<sup>69</sup> BARBOSA, Fabiany Glauro Alencar e. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a escrita da história. In: **A abolição da escravidão e modos de pensar e de representar a experiência passada**: livros didáticos (1865-1918). Brasília: Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade de Brasília, 2012, p. 44.

<sup>70</sup> BARBOSA, (Op. cit.), 2012, p. 53.

O caso do IHGB foi apenas um momento entre muitos outros em que a história da África e dos negros que vieram escravizados para o Brasil foi relegada a segundo plano e não foi valorizada. Não obstante é necessário falar aqui sobre o Ensino de História, especialmente ao que se refere à abordagem desse tema na sala de aula.

Mais comumente, o que se discute em sala de aula é o tema da escravidão como regime que vigorou no Brasil até o final do Império, sendo desta forma elencado no currículo escolar de história do ensino fundamental e médio da educação básica brasileira. Ao tratar esta temática e os sujeitos envolvidos, tem-se por noção básica que os negros na condição de escravos formaram a mão-de-obra que definiu o trabalho dos períodos colonial e imperial brasileiro, marcando assim a história do país pelo véis da sujeição de povos que vieram de outro continente. Submetidos e escravizados na maioria das vezes pelo branco europeu, os negros que foram trazidos em sua pluralidade do continente africano, definiram a identidade cultural brasileira, e suas resistências se assinalaram desde quando começaram a ser introduzido nessa antiga área colonial, resistências estas que ainda podem ser (re)conhecidas, posto que chegam até os dias atuais como heranças culturais negras africanas, como nas Congadas, na Marujada, nos rituais de Tambor de Mina, em inúmeras manifestações da cultura popular, na língua, vestimentas, formas de pensar e viver, etc.

Como o foco do ensino vinha sendo a escravidão como regime econômico e os negros como escravos, peças de um sistema, coisificados, a consequência disso é que os alunos até hoje reconhecem a escravidão como sendo um tema relevante para a disciplina de História, mas ao falar dos negros, os alunos mal fazem referência ao elemento escravo. A compreensão da maioria dos alunos sobre o tema da escravidão negra africana passa pela concepção histórica do que comumente se sabe a respeito dos mesmos, de que estes chegam na condição de escravos no Brasil, passam por um longo processo de dificuldades, explorações e resistência, até o momento em que estes são alforriados e se tornam livres, este período histórico se emoldura na cabeça dos estudantes unicamente neste enquadramento.

Além disso, os alunos tomam a escravidão como algo que remete apenas ao passado e que esta não possui nenhuma relação com a sociedade atual. Convulsionar esses olhares, aludindo a outras perspectivas de análise é um desafio para o professor. Refletir como estas sociedades viviam, quais as relações que desenvolviam, por que existiu escravidão, como uma pessoa chega a se tornar escrava, pode desenvolver a criticidade dos alunos e os fazer compreender que os fatos históricos possuem relações de ruptura e/ou continuidade com o presente, tendo interferências que estão presentes na cultura, nas relações sociais, dentre outras.

O tema escravidão negra, como já mencionado, foi tido como uma “mancha vergonhosa” na história do mundo civilizado e para as sociedades que instituíram esse modelo de arregimentar trabalhadores. No entanto, no mundo contemporâneo torna-se um assunto espinhoso, pois apesar de ser amplamente debatido por historiadores ainda sofre certa resistência em ser debatido em sala de aula, e os estudantes não conseguem desenvolver o senso crítico em relação à abordagem destas temáticas em sala.

Mais do que estudar o regime escravista, interessa-nos abordar como a chegada dos negros no Brasil, e mais especificamente, no Pará, contribuiu para a formação social e cultural que temos hoje e da qual fazemos parte. Alguns autores buscam esses objetivos tratando de memórias sobre a escravidão. Assim, até apontam para memórias individuais (trabalho com relatos de descendentes de negros escravizados) mas caminham para memórias que são coletivas sobre um tempo que se procurou apagar da história do país e, junto a isso, apagar as marcas das culturas negras.

Nossa proposta é a de ir além de uma história do sistema escravista. Buscamos as culturas negras invisibilizadas mais ainda pulsantes em Bragança e faremos isso tensionando as memórias sobre os negros, as práticas do catolicismo popular, os espaços de sociabilidade, e aqueles que guardam registros escritos do período de vigência da escravidão.

Neste capítulo, apresentaremos o passo-a-passo do trabalho realizado com uma turma de um sétimo ano de uma escola pública de Bragança. Partimos de seus conhecimentos sobre os negros, os tempos da escravidão, a cultura local e os espaços da cidade.

### **3.1 O que os alunos sabem sobre o tema a ensinar?**

Os interesses dos alunos pelos conteúdos de história acabam ficando nas frases prontas que são comumente ouvidas como: por que estudar a história de pessoas que já não existem mais? Ou o que isto tem haver com a nossa vida? Perguntas como estas provocam o docente de história, desafiando-o a repensar essa disciplina escolar buscando sua função social, de vivência e de aprendizado que possibilite aos alunos interpretarem o meio em que vivem a partir de uma conjuntura que foi construída por rupturas e permanências de um passado que interfere diretamente na vida daqueles que fazem parte do presente e almejam transformar o futuro.

A proposta que aqui se apresenta definiu-se pelo interesse em investigar o que os alunos do sétimo ano do ensino fundamental sabem sobre o tema da presença negra na região

e suas marcas nas culturas locais, dirigindo-se para uma etapa de ensino em outros espaços, fora do ambiente escolar. Este tipo de prática permite que os alunos possam identificar, por exemplo, como a presença negra africana deixou uma herança que foi “invizibilizada” no decorrer do tempo, pois com o fim da escravidão é como se os negros tivessem desaparecido do contexto histórico do Brasil, no entanto, estes acabaram desenvolvendo diversos aspectos que são marcantes em diversos setores da nossa época, como construções materiais, a cultura de uma forma ampla, a religiosidade, dentre outros.

Buscamos saber o que os alunos pensam para, em seguida, planejar um conjunto de atividades fora da sala de aula, que pudessem fazê-los identificar como lugares podem ser depositários de várias memórias. Inicialmente, nosso foco foram os vestígios dos tempos da escravidão, aproveitando cenários mas também acervos que preservam informações sobre o século XIX, atentos às relações sociais e contornos culturais do período.

Os lugares de memória são atribuições do passado que podem ser percebidas ou construídas em diferentes lugares de vivências cotidianas dos próprios alunos no presente. Para que estes se perceberem como agentes históricos participativos é necessário encontrar em sua realidade pressupostos de historicidade que cruzem suas histórias com histórias e vivências anteriores que fizeram parte do contexto da cidade. Trabalhar com esta forma de ensino pode ser considerado uma forma diferenciada de relacionar-se com os alunos do ensino básico, incentivando-os a (re)pensar o presente a partir de reflexões sobre tempos que inicialmente parecem muito afastados deles, subsumidos a um regime (o escravista) que já foi extinto e que ficou lá no contexto do final do século XIX.

O município de Bragança, que está localizado na mesorregião nordeste do estado do Pará, integra a microrregião bragantina, seus limites comuns com os municípios vizinhos são: ao norte o oceano Atlântico; a leste, os municípios de Augusto Corrêa e Viseu; a oeste, o município de Tracuateua; ao sul, os municípios de Santa Luzia do Pará e Viseu.<sup>71</sup>

Bragança é uma cidade que está situada no nordeste paraense, distante a 210 km da capital do estado, Belém, e é o cenário onde a pesquisa foi desenvolvida. Ela dispõe de tradições que remetem há séculos de presença das culturas negras africanas que resistiram ao período da escravidão. Estes são fatos que não passam despercebidos aos nossos olhos pois muitas destas características que marcam a história da cidade de Bragança nos lembram da presença negra africana que ainda hoje é recordada.

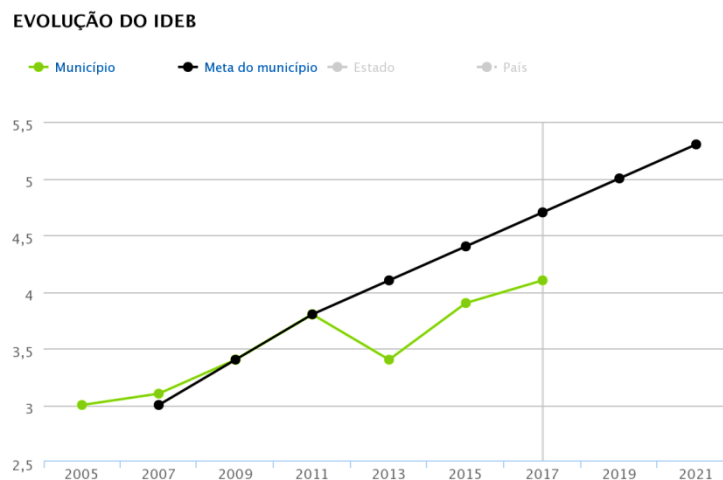
---

<sup>71</sup> Disponível em: [http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/14754/1/Texto\\_Socioeconomia.pdf](http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/14754/1/Texto_Socioeconomia.pdf). Acesso em 29/01/2019.



Bragança está localizada às margens do rio Caeté<sup>72</sup>, no qual se iniciou a formação da cidade, o rio durante muito tempo permitiu a expansão da lavoura e do comércio, e ainda hoje é fonte de sustento. E que alunado é esse da cidade? A educação escolar da cidade é regida pelas secretarias Municipal e Estadual. Segundo dados do IBGE no ano de 2015, os alunos dos anos finais da rede pública da cidade tiveram nota média de 3,2 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Na comparação com cidades do mesmo estado no ano de 2015, a nota dos alunos dos anos finais colocou a cidade na posição 108 de 144<sup>73</sup>, conforme a ilustração do gráfico abaixo, o IDEB em 2017 na rede pública do município cresceu consideravelmente atingindo a nota de 4,1, mesmo a nota não alcançando a meta esperada que era de 4,7, considera-se este como um índice em ascensão.

**Gráfico 1: IDEB do Município de Bragança-Pará**



Fonte: QEdU.org.br. Dados do IDEB/INEP (2017). Acesso em 28 de janeiro de 2019.

A pesquisa foi desenvolvida com uma turma de alunos do sétimo (7º) ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Bolívar Bordallo da Silva, que tem 45 anos de existência e foi inaugurada durante a administração do então Governador Fernando José de Leão Guilhon,<sup>74</sup> é considerada uma das principais escolas do município. O nome da

<sup>72</sup> A Região de Integração (RI) Caeté é composta por 15 municípios (Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Cachoeira do Piriá, Capanema, Nova Timboteua, Peixe-Boi, Primavera, Quatipuru, Salinópolis, Santa Luzia do Pará, Santarém Novo, São João de Pirabas, Tracuateua e Viseu). A formação de seu território é oriunda da aglutinação de municípios das microrregiões Bragantina e Salgado. Disponível em: [http://www.ioepa.com.br/pages/2015/12/30/2015.12.30.DOE.suplemento\\_518.pdf](http://www.ioepa.com.br/pages/2015/12/30/2015.12.30.DOE.suplemento_518.pdf). Acesso em 29/01/2019.

<sup>73</sup> Dados do IBGE do ano de 2015 referente ao IDEB do Município de Bragança das series iniciais e finais da rede pública. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca/panorama>. Acesso em 29/01/2019.

<sup>74</sup> Disponível em: <http://profdariobenedito.blogspot.com/2010/02/parabens-escola-estadual-bolivar.html>. Acesso em 02/02/2019.

escola homenageia um ilustre bragantino, advogado, professor e historiador. As aulas na escola começaram em março de 1975 com turmas que competiam ao 1º Grau. A escola desenvolvia atividades curriculares e extracurriculares como técnicas agrícolas e comerciais, educação para o lar, educação artística e artes industriais.<sup>75</sup>

Atualmente a escola tem capacidade para comportar um total de 1.836 alunos, distribuídos em 20 salas de aula, e oferece os níveis de ensino Fundamental (6º ao 9º ano), o ensino Médio (1º ao 3º ano), 1ª e 2ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos- EJA, e o projeto Mundiari que tem como objetivo de corrigir distorções de série e idade, para o cumprimento do ensino Fundamental ou médio em tempo menor. A escola funciona em três turnos: manhã, tarde e noite.

A série que corresponde ao sétimo ano do ensino fundamental foi escolhida devido ser nesta etapa que o tema referente à escravidão é um dos conteúdos abordados, pois está no plano escolar do ensino básico de história, a definição da série passa pela ideia de que nesta etapa da vida escolar os alunos já têm, ou espera-se que tenham um conhecimento mais apurado sobre a importância do negro na formação da sociedade brasileira, envolvendo aspectos que podem ser visto para além do contexto da escravidão.

A escola Estadual Bolívar Bordallo da Silva, foi o local selecionado para o desenvolvimento da pesquisa, esta possuía três sétimos anos no turno da tarde em 2018, por ser este o turno que melhor se enquadrava no horário disponível para que fossem feitas a pesquisa, juntamente com a professora de história responsável pelas turmas, Zélia Caxias, após uma duradoura conversa em que foi exposta toda a atividade que pretendia ser desenvolvida, ela se propôs não só em disponibilizar as turmas para que fosse feita todas as atividades, assim como participar e ajudar no que fosse possível.

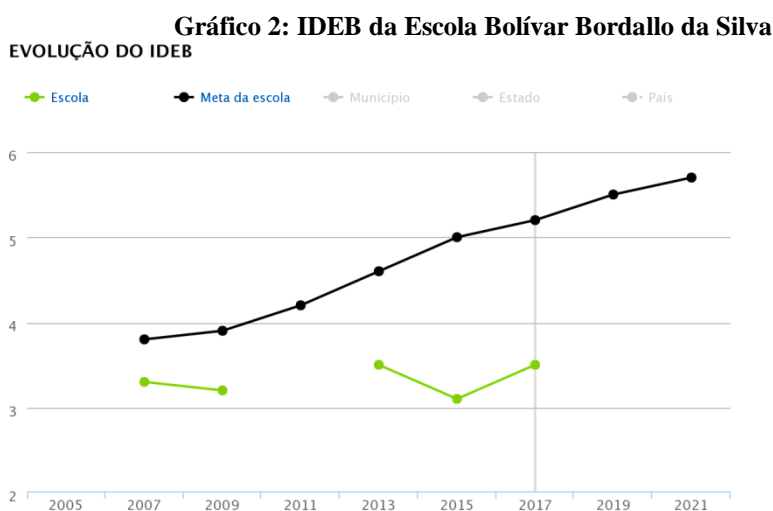
Todas as referidas turmas estavam abordando o período escravocrata na sociedade brasileira, o que aumentou a expectativa no trabalho tornando-o mais interessante para os alunos, todas as turmas referentes a essa etapa foram investigadas no intuito de escolher apenas uma na qual pudesse ser desenvolvida a presente pesquisa, observou-se como eles pensavam o negro a partir do contexto que foi a escravidão, no entanto por fatores que se desenrolam com a observação da pesquisa, apenas selecionou-se uma turma para a conclusão do trabalho.

---

<sup>75</sup> Ver: “A Águia BBS: Informação na dose certa”, informativo elaborado com iniciativa da oficina de Leitura e Produção Textual, do Programa Mais Educação, este pequeno manual circulou no ambiente escolar, como intuito de trazer informações, reportagens, entrevistas, artigos de opinião pública, dentre outros que eram produzidos pela própria escola. Volume I, maio/junho de 2014. Disponível em: [https://bbordallo.files.wordpress.com/2014/08/a\\_aguia\\_bbs\\_1\\_ed.pdf](https://bbordallo.files.wordpress.com/2014/08/a_aguia_bbs_1_ed.pdf). Acesso em: 28/01/2019.

A turma definida foi a do sétimo ano da sala 208, do turno da tarde do ano letivo de 2018. Foi escolhida devido a sua desenvoltura com o tema proposto, estes desempenharam um papel fundamental que permitiu todas as etapas do trabalho, desde a aplicação dos questionários até a visita nos lugares de memórias. A turma é composta por 22 alunos, por conta de uma aluna surda (PcD)<sup>76</sup> que frequenta as aulas, estes estão em uma faixa etária que oscila entre 13 e 14 anos de idade.

Em 2017 nos anos finais da rede estadual, o IDEB da escola cresceu conforme demonstra o gráfico abaixo, que recobre o intervalo entre 2007 e 2017. Apesar do crescimento, seu ritmo ficou abaixo do que se pretendia, pois se percebe que o nível de desenvolvimento oscila durante o período analisado tendo médias de crescimento instáveis. Quanto ao último ano avaliado, o que se observa é que o IDEB obteve uma média maior do que a inicial, mesmo assim ainda não era o pretendido pela escola que objetivava alcançar a meta pré-estabelecida de 5,2 no ano de 2017.



Fonte: QEDu.org.br. Dados do IDEB/Inep (2017). Acesso em 28 de janeiro de 2019.

Os referidos gráficos trazem resultados de um processo de avaliação do desempenho escolar nos municípios ou mesmo nas escolas, que tem por base índices sobre o aprendizado dos alunos em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação),

<sup>76</sup> PcD é uma sigla que significa Pessoa com Deficiência. É utilizada para se referir às pessoas que possuem limitações permanentes (pessoas com deficiência auditiva, por exemplo). São consideradas limitações permanentes quando a pessoa nasce com limitações ou as adquire no decorrer da vida (acidentes ou doenças diversas). E, não tem cura, ou seja, a pessoa deve se adaptar àquela situação. A nomenclatura atual –PcD– foi adotada a partir da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência das Nações Unidas, em 2006, desde então, convencionou-se que, ao nos referirmos a estas pessoas devemos utilizar este termo.

o que deixa de fora critérios importantes que poderiam completar a avaliação de desempenho de forma mais criteriosa, já que cada escola possui suas próprias especificidades que correspondem às realidades por elas enfrentadas.

Saindo da apresentação da escola e dos alunos envolvidos neste trabalho, passamos agora à apresentação dos cenários da pesquisa, consoante nosso interesse nas culturas negras.

A região bragantina já foi destacada em vários estudos sobre a escravidão negra africana no Pará e na Amazônia. Vicente Salles, no seu clássico estudo sobre “O Negro no Pará, sob o Regime da Escravidão”<sup>77</sup>, realça que o negro escravizado não foi apenas produtor de riquezas, ou serviu como mão-de-obra sob domínio senhorial, mas igualmente como indivíduo foi importante e interagiu socialmente produzindo cultura, não havendo para Salles dicotomia entre os mundos do trabalho e da cultura.

Para Salles, o negro plasmou a cultura regional (dança, música, gestual, vocabulário, formas de sobrevivência etc.) e suas resistências à escravidão podem ser percebidas de várias formas, uma delas é a formação de mocambos, sendo a região bragantina e os caminhos que levam ao Maranhão, o entorno dos rios Turiaçu e Gurupi, área destacada pelos trânsitos, comunicações, fugas, circuitos, contatos e formação de comunidades, muitas das quais podem ser hoje encontradas na região, agora tituladas como áreas de remanescentes de quilombos. Flávio dos Santos Gomes, que pesquisou os quilombos do Pará e defendeu sua tese na década de 90, também destacou essa área como de intensa presença negra africana, representando um desafio para as autoridades as redes de contato e comércio estabelecidas pelas comunidades de fugitivos com distintos sujeitos pelas matas da região<sup>78</sup>.

Edna Castro ao desenvolver sua pesquisa sobre Bragança aponta esta como uma das áreas com maior presença de escravos negros do século XVII ao XIX no Pará, e não podemos deixar de destacar que a região bragantina foi uma das mais expressivas na economia colonial e na recepção de escravos, na qual a autora afirma que desempenhou “(...) um papel relevante na formação da sociedade regional. Nela ecoam ainda as vozes dos pretos velhos que contam as histórias de quilombos e aquilombados da mata, das condições impostas ao negro na sociedade colonial, e de resistências”.<sup>79</sup> Um olhar pormenorizado sobre a escravidão e seus agentes na cidade de Bragança nos permite mapear traços de lugares que são de memória,

---

<sup>77</sup> SALLES, Vicente. **O Negro no Pará: sob o regime da escravidão**. 2ª Ed. Brasília/Belém: Ministério da Cultura/Secretaria de Estado da Cultura/Fundação Cultural do Pará “Tancredo Neves”, 1988.

<sup>78</sup> GOMES, (Op. cit.), 1997.

<sup>79</sup> CASTRO, Edna Maria Ramos de (Org.). **Escravos e senhores de Bragança: documentos históricos do século XIX: região Bragantina, Pará**. Belém: Núcleos de Altos Estudos Amazônicos, 2006, p. 11.

deixados pelo período de intensa movimentação de negros vindos da África através dos portos do Maranhão ou de Belém.

Dentre esses lugares, podemos citar o porto, a feira, o entorno da área comercial, os casarões e fazendas, os terreiros e as Igrejas de São Benedito e a de Nossa Senhora do Rosário, além das comunidades negras que se situam a 15km da cidade, como é o caso do Jurussaca (que atualmente pertence ao município de Tracuateua, que se emancipou de Bragança em 1994).

Como estamos tratando de lugares de memória das culturas negras, vale destacar os trabalhos realizados por Hebe Mattos, Martha Abreu e Milton Guran, que enfrentaram o desafio de organizar um Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos no Brasil proposto em 2011, nesse trabalho “entre os objetivos mais importantes do projeto [...], podemos destacar a preocupação de trazer à tona histórias ocultadas, intervir na construção de memórias públicas e sensibilizar variados públicos para a tragédia humana da escravidão”<sup>80</sup>.

Ao atribuir à história um papel fundamental para que os alunos tenham uma consciência histórica direcionada para a realidade presente que os cercam, esta deve trazer à tona a concepção de que muitos dos sujeitos que foram escravizados não aceitavam serem “coisas” de seus senhores, e como sujeitos históricos lutaram para definir suas condições de vida e de trabalho.

Assim como Vicente Salles, a professora Zélia Caxias enfatiza que em Bragança “o negro desempenhou papel relevante para a sociedade bragantina, não só na formação cultural, mas trabalhando para sustentar uma classe ociosa [...],”<sup>81</sup> além disso, os escravizados tinham suas próprias visões de liberdade e escravidão, a resistência podia ser visivelmente potencializada como um dos pontos para investigação deste passado.

Pensar o contexto da escravidão é pensar em resistências, liberdades e heranças deixadas para as gerações posteriores. No ensino de história, professores e alunos do ensino básico podem conjuntamente mapear, identificar e ressignificar os caminhos percorridos e deixados por sujeitos históricos do período da escravidão, fazendo de ambientes fora do escolar esses lugares de aprendizagem e formação de consciência histórica. Para tanto, o desafio é revisitar os olhares sobre a escravidão no ensino e tracejar na cidade e no cotidiano

---

<sup>80</sup> ABREU, Martha; MATTOS, Hebe; VIANA, Carolina. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas e os historiadores. In: **A Escrita da História Escolar, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 256.

<sup>81</sup> CAXIAS, Zélia Lopes. **As famílias e a escravidão em Bragança**. Monografia de Graduação em História. UFPA: Bragança, 1992, p. 29.

as marcas das culturas negras, presentes e invisibilizadas, que podem ser evocadas nos jogos da memória.

Quanto à noção de espaço, recorremos à Kátia Abud para quem tal noção, trabalhada pela História em uma concepção investigativa, é uma materialidade do passado e que está presente no cotidiano, e sua relação deveria estar inserida no aprendizado dos alunos, pois segundo a autora ao “(...) nos depararmos com evidências materiais de outros tempos, sinais preservados ou em ruínas deixados pelas pessoas do passado, somos impelidos a imaginar: quem os produziu? Para quê? Como foram usados? Por quem foram usados? Perguntas que intrigam o olhar e mobilizam os atos de ensinar e aprender História na escola e em outros espaços”<sup>82</sup>.

Levantar questionamentos sobre a escravidão e seus agentes históricos na cidade pode interferir na consciência histórica que os alunos possuem, promovendo novas possibilidades de orientação para a vida a partir daquilo que é explicitado em sala de aula do que foi vivenciado no passado pelos sujeitos que viveram na época da escravidão e hoje.

Estes locais, que identificamos como lugares de memória, são considerados espaços que remetem diretamente para a presença negra africana na cidade de Bragança, são apontados como locais que guardam memórias que podem ser utilizadas como documentos que permitem às pessoas perceberem traços que são marcantes no cotidiano da cidade: construções como as igrejas; instituições que ainda preservam documentos escritos daquele período e que podem ser consultados inclusive por alunos acompanhados de seus professores; comunidades negras que se reconhecem como parte de um passado comum, ligado às resistências negras durante e após a escravidão; grupos e cenários de celebrações e práticas culturais e religiosas que são dinâmicas mas preservam ainda o histórico protagonismo dos negros, seja nas irmandades, procissões, ladainhas, terreiros etc.

Todas estas definições foram feitas na etapa de preparação da atividade de pesquisa, em 2018. O planejamento incluiu leituras, contatos com representantes dos lugares selecionados, orientações para a turma de alunos selecionada para o projeto, tudo isso pensado com o objetivo de desenvolver uma metodologia de ensino que começa na sala de aula, mas se lança em ambientes não escolares e visa o desenvolvimento da consciência histórica dos

---

<sup>82</sup> ABUD, (Op. cit.), 2010, p. 136.

estudantes para (re)conhecimento da importância da história e cultura de uma de nossas matrizes formadoras: a africana<sup>83</sup>.

Além disso, objetivamos tornar o Ensino de História mais próximo do contexto dos alunos, algo que faça sentido para além da vida estudantil no ensino básico. O trabalho foi pensado para ser realizado com os alunos, estimulados a construir conhecimentos históricos a partir do contato com a cidade e seus sujeitos, entre a história e a memória. Os tempos da escravidão deixaram marcas e heranças na vida atual dos indivíduos em diversos aspectos presentes na cidade que remetem não só à memória, mas principalmente à cultura, que no cotidiano acabam se tornando e/ou passando despercebidos.

Na sala de aula, o ensino de história pautou inicialmente a temática da escravidão negra, mas foi ampliada para uma investigação sobre lugares de memória das culturas negras, considerando o contexto local. Para tanto, depois das leituras sobre o tema, procedemos à elaboração de um roteiro com os lugares de memória, que deveria ser percorrido pela turma de alunos com o professor, contando com a colaboração dos responsáveis por esses lugares, buscando revelar a presença negra africana na cidade de Bragança ainda hoje, como parte da história e cultura do lugar.

Ao levar em consideração as aulas pautadas na disciplina de História, este trabalho de visitação pelos locais que servem como referência de memória, teve por finalidade mapear e identificar pontos na cidade de Bragança que evocam memórias da escravidão e feitos dos negros na cidade, que dão sentido à cultura material (como a igreja de São Benedito) e imaterial (como a Marujada).

Construir elementos da presença negra africana é trazer para perto da realidade dos sujeitos a compreensão de que na própria cidade em que vivem estão assinalados pontos que podem ser associados a elementos trabalhados em sala de aula, como memória, identidade, patrimônios dos quais podemos citar as casas, os prédios, os instrumentos (tambores) e tudo o que de alguma forma remete à presença negra africana nesses lugares, e também das imateriais como as festas tradicionais, os ritos e os cantos, os fabricos de alimentos, utensílios e instrumentos de trabalho, que fazem referência à cultura negra africana.

Contudo, é necessário saber que tipo de memórias podem ser encontradas durante esse processo de conhecimento de possíveis lembranças dos alunos. O mais indicado seria trabalhar com a memória individual de cada um, mas esse tipo trata de um espaço-tempo que

---

<sup>83</sup> A proposta de pesquisa aqui apresentada se coaduna com as propostas definidas nas Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e na Lei 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação.

está num passado longínquo e que os mesmos podem não apresentar nenhum tipo de lembrança a esse respeito. Então, o mais recomendado seria trabalhar com as memórias coletivas e históricas desses indivíduos para saber qual a profundidade de suas noções sobre a presença negra africana, outra opção poder-se-ia fazer uma junção das memórias coletivas e individuais a respeito dos tempos da escravidão ou dos tempos mais longínquos vividos pelo grupo.

O professor pode lançar mão de variadas estratégias para evocar as lembranças nos alunos, utilizando desde materiais didáticos, películas de longa, média ou curta metragem, podendo ser de ficção, documentários, trechos de novelas ou outros programas que tenham como tema central a história e cultura negra/africana ou fontes históricas que pudessem remetê-los ao passado que foi experimentado também por Bragança, em lugares onde os negros frequentavam, ainda que escravizados.

No caso do presente trabalho, indicamos como uma das estratégias, na fase da apresentação do tema, utilizar registros do período da escravidão, que se encontram guardados em instituições como o Cartório de 1º Ofício Antônio Pereira. Essa escolha também se deveu à certa familiaridade do professor/coordenador da atividade com o acervo ali contido: registros de propriedade, cartas de alforria, testamentos e inventários, além de registros de nascimento<sup>84</sup>. Um dos documentos escritos apresentados aos alunos foi este:

Nota N° 61

(art. 6º do regulamento n. 4,835 do 1 de dezembro de 1871)

*Miguel João Ramos*, residente neste município, declara que no dia 18 de janeiro de 1874, *nasceo* de sua escrava, *carafusa* de nome *Libania*, *escrava*, que se acha matriculada com o n. 20 da matrícula geral do município e 3 da relação apresentada pelo mesmo *Ramos*, a criança *forra*, do sexo *feminino*, baptisada com o nome de *Antonia*, esta declaração em cumprimento da lei. Bragança, 21 de março de 1874.<sup>85</sup>

O documento é de 1871, quando ainda era vigente a escravidão. Refere à cidade de Bragança e, nela, o nascimento de uma menina que foi batizada com um nome católico, Antônia, algo que era muito comum no período. Ela era filha de uma mulher negra chamada Libânia. Esta mulher traz como informações ao seu respeito que se tratava de uma mestiça de preto com índio, “carafusa”, e que era escrava de um senhor chamado Miguel João Ramos. Os

<sup>84</sup> Participamos do grupo de estudos e pesquisas coordenado pelo Prof. Dr. Bruno Pinheiro Rodrigues (Faculdade de História/Campus de Bragança da UFPA), que levantou a documentação referente à escravidão negra em Bragança no acervo deste cartório no período de 2016-2017.

<sup>85</sup> Nota de nascimento da escrava Antônia, pertencente ao senhor Miguel João Ramos, em 21 de março de 1874, Livro n.º 28. Ano 1874, p. 02. Acervo Documental do Cartório de 1º Ofício Antônio Pereira do Município de Bragança-Pará.



senhores eram obrigados a matricularem seus escravos. Porém, a menina Antônia, ainda que filha de escrava, não foi matriculada como tal, mas como uma “forra”, quer dizer liberta.

O professor pode explorar o documento e estimular os alunos a imaginar o que seria viver naquele período e a relacionar o registro com as mudanças que foram ocorrendo até se chegar à abolição da escravatura. No caso, a menina nasceu liberta porque estava vigente desde 1871 uma lei, a Lei do Ventre Livre. Quais as implicações na vida daquele sujeito que nascia filho (a) de escravos mas não era considerado(a) escravo(a)? Esta questão pode ser explicada pelo professor para seus alunos ao observar as datas no texto, pois o documento é datado do ano de 1874, portanto depois da lei que passou a considerar livres todos os filhos(as) de mulheres escravas que nascessem a partir da sua promulgação.

Torna-se necessário que o educador de História busque sempre informações que possam desenvolver a curiosidade e criticidade do aluno, estimular as lembranças sobre experiências e relatos feitos por outras pessoas ou registrados em variadas fontes, tornando o tema mais atraente e assim despertando o interesse para a temática debatida durante as aulas.

Buscando transformar a disciplina de História em algo que possibilite aos alunos não apenas aprender história, mas também a associar com aspectos presentes no seu tempo, aonde vivem. Assim, cria-se uma oportunidade de se transformar as aulas tradicionais teóricas em aulas diferenciadas, trabalhando o ensino de história e a construção de saberes em outros espaços.

É na forma de conceituar aspectos que envolvem memórias das culturas negras africanas que podemos perceber na existência de lugares que remetem as histórias que a cidade conta pela existência concreta que seus habitantes e visitantes documentaram na passagem do tempo. Sem estes conceitos que residem em sua própria lembrança, a cidade estaria perdida num fragmento do tempo, sem as recordações do passado, o presente não teria continuidade, logo não seria possível interpretar no presente como diversos fatores se desenvolveram para estabelecer no hoje as relações para a vivência que são comuns em muitas sociedades, destas podemos citar as relações sociais, econômicas e culturais.

### **3.2 Como as atividades foram desenvolvidas**

Para buscarmos com os alunos os lugares de memória das culturas negras em Bragança, desenvolvemos uma metodologia que iniciou, como apontamos atrás, com leituras sobre a temática da escravidão e da presença negra africana no Brasil, depois por um

momento de trabalho inicial com alunos para incentivá-los a se interessarem pela atividade de pesquisa, e para que começassem a (re)conhecer Bragança como um cenário em que são marcantes as influências dos negros.

Assim, elaboramos um roteiro de questões estruturado. Ele foi dividido em quatro questionários, cada um com uma abordagem diferente, contendo perguntas relacionadas ao que o aluno sabia sobre o negro no Brasil, como eram suas condições no contexto escravista e como a cidade de Bragança se envolveu neste processo. Nesse ponto instigou-se os alunos a perceberem no presente o que está materializado da presença de culturas negra africana. Estes quatro questionários foram aplicados para os alunos da turma do 7º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Bolívar Bordallo da Silva. O objetivo era o de sondar qual o conhecimento prévio que os alunos possuíam sobre o tema, já que o mesmo está incluído no currículo da educação básica, dentro da história do Brasil.

O primeiro questionário abordou questões referentes aos negros no Brasil na condição de escravos e o que os alunos sabem desse contexto. No segundo questionário, analisaram uma imagem que mostra um momento de lazer, incluindo práticas religiosas, músicas e danças, neste foi pedido que descrevessem e atribuíssem significado à imagem. No terceiro questionário foi apresentada uma foto que retrata a festividade do glorioso São Benedito na cidade de Bragança, neste perguntou-se do que se tratava a imagem, em seguida deveriam relacioná-la com a imagem do segundo questionário no intuito de buscar uma associação com o cotidiano da cidade. No quarto e último questionário foi exposta a letra de uma música que retrata temas referentes à festividade de São Benedito e à Marujada, neste pretendia-se que os alunos relacionassem a canção com a religiosidade que teve suas raízes fundamentadas nos tempos em que escravos negros iniciaram a devoção ao santo, constituindo-se como irmandade e construindo a igreja dele.

Os questionários de uma forma geral objetivaram observar se os alunos conseguem associar o passado da escravidão com as histórias dos negros, e como estes desenvolveram relações de sociabilidade e se construíram como sujeitos e agentes históricos, plasmadores de uma cultura que é presenciada ainda hoje na cidade, a exemplo da festividade de São Benedito e da Marujada tem haver com as suas próprias histórias.

Com intuito de identificar as memórias deixadas deste período que marcam a história de sua própria cidade buscou-se aplicar estes questionários em sala de aula antes mesmo de qualquer abordagem sobre o tema da escravidão negra no Brasil. O objetivo foi analisar a consciência histórica que estes indivíduos possuem a respeito do referido tema.

No segundo momento, acerca do que foi analisado nas respostas dos questionários da primeira parte, foi pensado um roteiro de lugares para os alunos, que pudessem ser visitados e analisados com o objetivo de que os alunos pudessem perceber como a presença negra que pulsa na cidade está presente em muitos espaços.

Para as visitas foi pensado o direcionamento para que estas não fossem por acaso, estas tiveram questionamentos que permitiram aos alunos que pudessem fazer a associação do lugar com o que este representa para se entender o contexto da presença negra que veio de um período que de certa forma ainda se faz presente na materialidade da cidade.

Em cada local foi possível fazer uma breve leitura do espaço, e analisar pelo menos um de seus principais aspectos. Pré-estabelecidos os lugares e o percurso, a visita ocorreu em um dia, a turma teve contato com seis lugares de memória, quatro deles na parte do porto, e na área mais central/comercial, que coincide com o centro histórico. Os lugares selecionados foram o Cartório Antônio Pereira, a feira livre, a Igreja de São Benedito e o Teatro Museu da Marujada), um mais afastado da parte de comércio, porém ainda no centro, foi o Arquivo Histórico Documental do Município de Bragança; na zona rural, visitamos a comunidade quilombola do Jurussaca, que fica a quinze quilômetros do município.

Este procedimento trouxe à tona como o ensino escolar de história possibilita a construção de conhecimento histórico em outros espaços, no entanto vale ressaltar que o papel do professor é de grande valia para que se estabeleça sempre um direcionamento adequado para cada lugar, para que o aluno se concentre no que de fato possa ser lido pelos alunos para que possam cruzar as informações das etapas anteriores (aplicação dos questionários e aula temática) com o espaço em que ele está e com o que pode ser visto em cada lugar deste.

No Cartório Antônio Pereira estão os mais diversificados documentos relacionados a registro de imóveis, no entanto neste local foi acordado que apenas um documento que tivesse relação com os negros ficasse à disposição dos alunos, sendo este um inventário que descrevia os escravos como objetos a serem transmitidos nas partilhas de bens.

Na feira livre foi possível observar além do transitar das pessoas, as relações de comércio desenvolvidas neste local, foi preciso direcionar o olhar dos alunos para buscar referências que estivessem associadas à memória dos negros escravizados que transitaram nestes locais no XIX, sendo a área dos portos como historicamente reconhecida pela presença e trabalho dos negros, sempre envolvidos nas estivas, no comércio ao redor, bem como nas atividades urbanas.

A Igreja de São Benedito é um local com maior representatividade perante os alunos dentre os espaços que foram visitados, pois além de sua localização, que não deixa que a

mesma passe despercebida, compreendeu-se que os alunos atribuem referências à cultura negra pelo fato da Igreja ser de atribuição a um santo que é negro. Desta forma, a Igreja de São Benedito foi o local que chegou mais perto da compreensão de memória que se pode fazer do elo com o passado. Nesta observou-se a frente da Igreja e o altar-mor com a imagem de São Benedito, que representa a devoção ao santo materializada na Festa da Marujada. Esta é uma festividade amplamente divulgada e participada, o que facilita com que os alunos se questionem sobre os aspectos que envolvem esta atmosfera, já com frequência se fala sobre marujada e conseqüentemente de São Benedito, o “Santo Preto”.

Ainda sobre a Marujada e toda a sua representatividade para a cultura regional, outro local que foi visitado com os alunos foi o Teatro Museu da Marujada, este que tem por objetivo manter parte dessa cultura viva, através de danças, apresentações e exposições de objetos que compõem a caracterização da festividade. Nestes os alunos puderam observar com tranquilidade as indumentárias usadas por marujos e marujas representadas em boa parte do local, desde sua fachada, estando à exposição para que seja visitada. No Museu da Maruja o objetivo era perceber como o imaginário acerca da tradicional festa em honra a São Benedito está relacionada a um passado afro-indígena que em suas simbologias se manifestam nas danças (ritmos, passos), nos instrumentos (tambores das esmolações), mas também nas vestimenta que se destaca por muitos elementos, dentre eles uma diversidade de cores bem vivas (destaque para o vermelho).

Logo após nos dirigimos para o Arquivo Histórico-documental da Prefeitura de Bragança. Fomos orientados pelo funcionário responsável pelo acervo e os alunos puderam ter contato com documentos de natureza histórica que apontavam para as relações que os negros escravizados desenvolveram no passado da cidade. Dentre as formas que os documentos devem ser tratados (manuseados) o responsável pelo Arquivo fez um apanhado geral dos documentos que estão presentes no arquivo.

O documento neste retratado foi o Livro de classificação dos escravos para serem libertados pelo fundo de emancipação de 1874. Nele, os alunos puderam fazer uma leitura acerca do que entendiam, sem intervenção, propositalmente ficaram livres para que pudessem fazer a leitura do documento, em seguida foram instigados para que encontrassem a palavra escravo e depois com um pouco mais de atenção buscassem entender o que estava relacionado à palavra, qual era o contexto, elementos descritivos, e, posteriormente, uma associação com a conjuntura em que fora produzido o documento. Como nos outros espaços que tinham sido visitados anteriormente, com caneta e papel anotaram todas as informações que acharam pertinentes.

Por último, fomos para a comunidade negra rural, autointitulada Comunidade de Remanescentes de Quilombos Jurussaca. Ela fica a quinze quilômetros de distância da cidade de Bragança, pertencente ao município de Tracuateua. A visita neste local foi uma das mais esperadas pelos alunos, pois demandava o contato humano, com euforia queiram conversar com pessoas da comunidade para que assim pudessem tirar dúvidas, anseios e curiosidades. No entanto foi preciso manter a cautela, ao sermos recebidos por um morador local, o primeiro passo foi passear pela comunidade e buscar traços de rupturas e permanências da comunidade de outrora, pois o cenário mudou bastante com o tempo, principalmente da estrutura física, como as casas e demais construções, que misturam o barro e a palha com o cimento e a telha, resultante de projetos recentes conquistados junto ao INCRA.

Conversar com alguns moradores foi de grande importância para que os alunos pudessem fazer a associação do lugar com todos os outros que foram visitados e assim redimensionassem suas percepções sobre os negros como sujeitos históricos e como as marcas de suas culturas são importantes ainda no presente e na cidade, como também no campo.

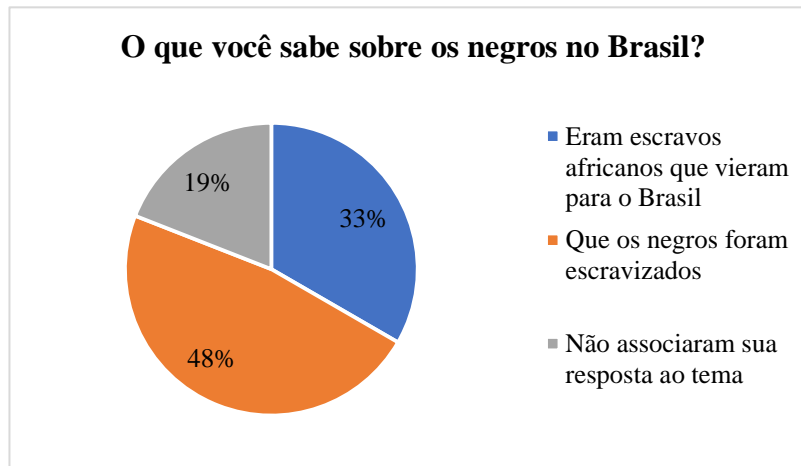
### **3.3 Sobre a aplicação dos questionários**

Após esta abordagem inicial que foi a aplicação dos questionários, foi percebido que os alunos desencadearam um avanço significativo de acordo com as perguntas que iam instigando as respostas sobre negros e escravidão, até aos negros como sujeitos que moldaram a história local. No primeiro questionário, ilustrado no gráfico, os alunos mostraram que reconhecem que os negros africanos foram retirados de seus locais de origem, na África, e chegaram ao Brasil como escravos, como podemos perceber na escrita de uma aluna: *“Eles vieram da África para o Brasil, como escravos e contra a sua vontade”* (Waleska). Aqui foram forçados a trabalharem em condições precárias, nos mais variados trabalhos como nas lavouras, em serviços domésticos, em construções; as mulheres também tinham muitas obrigações, *“trabalhavam de babá lavadeiras e etc.”* ressaltou a aluna Joyce.

Apenas uma pequena parte dos alunos não conseguiu perceber ou retratar por que os negros foram trazidos para o Brasil, como mostra a gráfico abaixo (3), boa parte dos alunos, o que totalizou 48%, atribuíram que estes foram sujeitos escravizados no passado, sem especificarem suas condições ou a qual passado se referem, não sabendo explicar o que a história dos negros no Brasil tem a ver com África. Ainda ficou claro no primeiro questionário que os alunos não reconhecem que negros africanos fazem parte diretamente dos

seus cotidianos, não somente no que se adquiriu de conhecimento sobre o tema ao longo do tempo por eles vividos.

**Gráfico 3: Dados sobre a consciência histórica dos alunos sobre os negros no Brasil**



**Fonte:** Dados produzidos a partir dos questionários aplicados em sala de aula. Ver anexos

Os estudantes conseguem compreender a real razão da vinda dos negros africanos para o Brasil e as condições que eles tiveram de enfrentar ao serem escravizados, como foi explanado por alguns alunos, o aluno escreveu que “*os negros africanos [foram] trazidos da África pra o Brasil para serem escravos. Tem a ver com a África por que os negros eram africanos*” (Samerson), ou mesmo quando outro aluno também aborda que “*eles forão (sic) trazidos para serem comercializado e escravizado*” (Hailton).

Constatou-se ainda que alguns estudantes têm poucos conhecimentos sobre o negro, referindo-se ao mesmo como sendo o “*primeiro individuo a chegar no Brasil*”, estes não conseguiram associar suas devidas respostas ao tema proposto, assim como os que relacionaram a capoeira e feijoada a relação que o negro africano escravizado tem com o Brasil. Já com a África relacionaram os alunos Mateus e Pedro que tem haver com a *cor da pele*, na qual dizem respectivamente que relação entre Brasil e África se dá pelo fato dos negros terem *cor escurecida*.

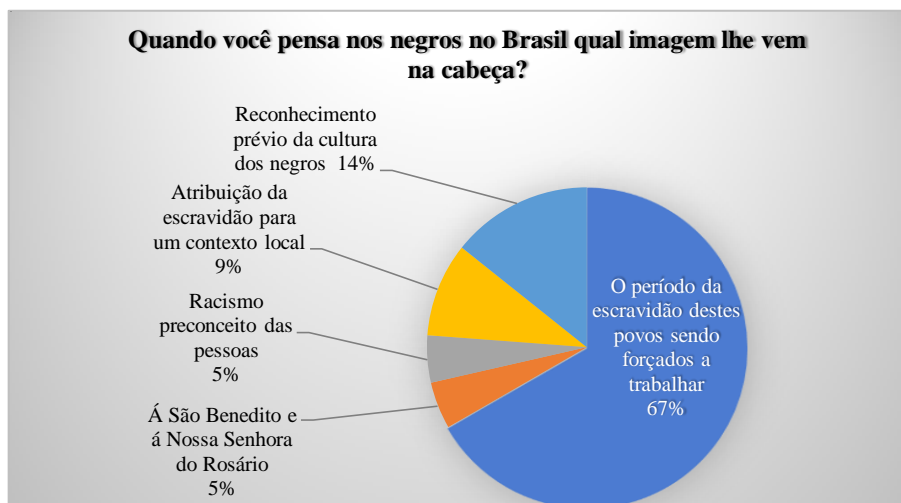
Em relação à abordagem sobre o cotidiano dos negros no Brasil, os alunos relataram que eles tinham uma vida de trabalho e de vivência dura e sofrida, suportavam inúmeras dificuldades, sofriam várias punições, sendo diversas vezes maltratados pelos seus senhores.

O gráfico abaixo (4) mostra como os alunos ao serem questionados sobre o que pensam da vivência do negro no Brasil, responderam que está relacionando com o período da escravidão, 67% destes afirmaram que os negros quando se tornaram escravos perderam a condição de pessoa e foram forçados a trabalhar, sendo chicoteados, torturados e tendo que

sobreviver com a força de seu trabalho, 14% dos alunos reconhecem que apesar destes terem vivido este período crítico de sua história, conseguiram preservar a sua cultura que envolve aspectos como a sua culinária e sua religiosidade. 9% dos alunos atribuem a escravidão para um contexto local retratando que São Benedito, o santo de maior devoção na cidade de Bragança, tem forte ligação com os escravos, 5% relatam que o negro no Brasil sofre preconceitos relacionados à cor de sua pele e 5% pensam os negros como seguidores de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Podemos perceber claramente ainda nesse ponto, que na visão da maioria dos alunos, a escravidão é o fator que determina a condição de vida do negro no Brasil, apenas uma parte muito pequena da turma consegue desassociar os negros com o contexto escravista, apontando outros caminhos como a devoção a santos que também são negros, e que podem ser identificados por viés religioso ou cultural.

**Gráfico 4: Atribuições dos alunos sobre o negro no Brasil**



**Fonte:** Dados produzidos a partir dos questionários aplicados em sala de aula. Ver anexos.

É possível observar que estes poucos alunos conseguiram relacionar memórias/heranças deixadas pelos negros no Brasil com alguns aspectos do seu cotidiano, pois ao enunciarem os negros relacionando-os a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito considerados santos protetores dos escravos, podemos perceber nesta comparação que os alunos conseguiram fazer uma analogia entre o passado o presente, já que a veneração a esses santos, atualmente são reverenciados pela população local, podendo elucidar neste contexto que a presença negra africana na cidade foi relevante e deixou vestígios e marcas para a história, que atribuíram significado proeminente para a vida da população atual. Nesse

quesito, a aluna Rafaela enfoca desataca que “*a cultura que existe no Brasil também sofre as influencia com os negros vindo da África*”.

Essa abordagem inicial foi importante ainda para percebermos como os alunos entendem a relação existente entre a história dos negros no Brasil e a história da África. Muitos expuseram que os negros foram trazidos pelos portugueses para cá para ser comercializados e escravizados o que acabou transformando-os em mercadorias, sendo vendidos em sua maioria como ferramentas de trabalho braçal. Desta forma percebemos que os alunos entendem que os negros foram forçados a sair de seus locais de origem, abandonar a sua cultura, suas famílias e sua organização social para viverem em um lugar que para eles era completamente diferente. As indagações dos alunos denotaram também que a vinda dos negros para o Brasil ocorreu por diversas razões, uma delas foi contra a sua própria vontade, outros abordam que foi para fugir das dificuldades que enfrentavam em “seu país” de origem, no qual viriam em busca de melhores condições de vida ou mesmo para fugirem da escravidão, como sugere o aluno José. Segundo ele, um dos principais motivos para a vinda dos negros africanos para o Brasil foi *para sair da escravidão e se esconderem*, acreditava-se ainda que fugindo manteriam a perspectiva de um futuro melhor. Outros ainda remeteram ao fato da vinda dos negros à escassez de água que assolava “seu país”, como o aluno Mateus, que é enfático ao dizer que os negros vieram para cá: “*por causa da escaseis de agua*” (sic).

Através destas observações sobre as respostas dos alunos, identifica-se que estes indivíduos possuem um conhecimento prévio da relação existente entre a História dos negros no Brasil com a África, vindos para o Brasil presos pelo regime escravocrata, foram coibidos a não questionar, se revoltar, lutar ou revidar de alguma, no entanto sabemos que a ânsia por liberdade sempre esteve presente, por conta disso muitos negros perderam suas vidas tentando fugir deste regime autoritário considerado por muitos como extremamente desumano.

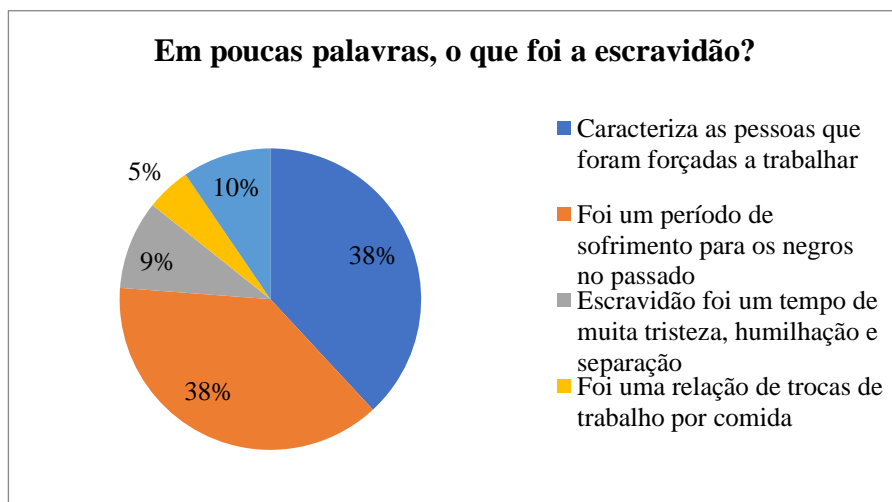
Com base no exposto acima, pode-se observar que somente uma pequena parcela dos alunos questionados reconhecem os contextos da chegada dos negros africanos no Brasil e a condição na qual estes indivíduos viveram. Neste sentido, ao identificar que a maioria dos estudantes ao abordarem que os negros vieram para o Brasil “em busca de novas oportunidades”, “para parar de sofrer”, “por causa da escassez de água”, “por que onde eles moravam era um lugar muito pobre”, “para fugir da escravidão”, “para encontrar um futuro melhor”, com estas interpretações foi possível fazer um levantamento acerca da consciência histórica dos alunos frente ao assunto em questão. Dessa forma há necessidade de aprimorar o conhecimento histórico sobre o processo pelo qual se desencadeou a escravidão no Brasil e os seus sujeitos, os negros africanos que passaram e suportaram as adversidades impostas por



este sistema, assim as afirmações feitas por alguns alunos destoaram completamente do real significado da vinda destes povos para o Brasil, é o que mostra o gráfico 5.

As repostas diversificadas dos alunos então ficaram da seguinte forma 38% apontaram que foi um período de sofrimento para os negros no passado, 38% denotam que a escravidão foi um tempo no qual as pessoas foram forçadas trabalhar, 10% disseram que a escravidão foi o que abalou muitas pessoas e conseqüentemente prejudicou muitas vidas, 9% atribuíram o período como sendo considerado muito triste, no qual houve muita humilhação e separação dos escravos de suas famílias, e 5% apontou para uma relação de trocas de trabalho por comida.

**Gráfico 5: Percepção dos alunos sobre a escravidão no Brasil**

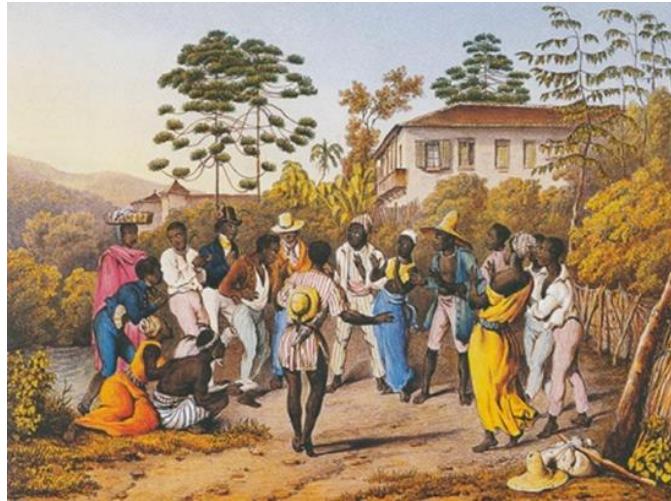


**Fonte:** Dados produzidos a partir dos questionários aplicados em sala de aula. Ver anexos

Interpretar o contexto escravista com as concepções levantadas pelos alunos nos permitiu analisar que os estudantes dão sentido às noções básicas do que foi o período, mesmo que alguns não consigam desenvolver um senso crítico sobre o que foi a história dos negros africanos que foram escravizados no Brasil.

Após está etapa inicial, aplicou-se o segundo questionário no qual se buscou instigar o conhecimento dos alunos estimulando-os a observar e compreender através de uma imagem, o que esta representava a cerca dos assuntos abordados no primeiro questionário, esta imagem é muito divulgada em livros didáticos de História do 7º ano do ensino fundamental utilizado em escolas da educação básica:

**Figura 1:** Batuque, os “batuques” uma mistura de prática religiosa com música e danças africanas, propiciavam a reunião de escravos, que buscavam preservar suas identidades africanas.



Fonte: litogravura de Johann Moritz Rugendas, c.1835. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Esta imagem é denominada “Batuque” e mostra uma mistura de práticas religiosas e danças africanas. Na ocasião, os escravos estavam reunidos compartilhando os raros momentos que tinham para praticarem sua cultura demonstrando assim que mesmo em regime de escravidão prezavam por praticar seus costumes na intenção de perpetuar suas tradições culturais, embora se discuta que estes atos beiravam a rebeldia, valendo destacar que estava mais para a resistência.

No questionário, quando instigados sobre o que percebem na imagem, os alunos relatam que a mesma representa os negros africanos escravizados reunidos manifestando a sua cultura através de suas danças, como a capoeira, e sua religiosidade, preservando suas identidades culturais, um momento de felicidade. Em meio ao regime escravocrata, provavelmente em um dia de folga ou em um quilombo que era formado por escravos que se refugiavam nestes locais quando conseguiam fugir de seus senhores.

A interpretação da imagem realizada pelos alunos neste segundo momento mostrou que os mesmos conseguem perceber que o negro no Brasil, mesmo em regime escravocrata conseguia manifestar e compartilhar a sua cultura. Além disso, estes sujeitos construíam relações em sociedade distantes daquelas que só os definiram pelo trabalho, nos poucos momentos que tinham alguma folga, reuniam-se com várias intenções, inclusive para a sua diversão. Desta forma, os alunos começam a compreender e reconhecer a importância destes povos para a formação da sociedade brasileira e que parte da cultura do país possui suas raízes nas tradições destes povos que outrora foram escravizados no Brasil.

Então para os alunos a imagem significa uma pequena amostragem do cotidiano dos escravos, eles abordam a força destes que viviam uma vida dura e amarga e apesar de todos estes aspectos negativos conseguiram resistir ao período da escravidão, ressignificado meio para a melhor maneira de viver.

Os alunos resumem o significado da imagem como um momento de garantir a permanência de suas culturas. O aluno Hailton afirma: “*Mesmo eles sendo escravizados, eles não deixavão (sic) de praticar sua cultura*”. Já o aluno Thalysson José diz que a imagem “*significa uma reunião de escravos que buscavam preservar suas identidades africanas*”. A partir da leitura da imagem, notou-se que os alunos atribuem referências significativas ao fato de como era o vivido dos negros africanos no Brasil, além do prévio conhecimento da resistência desses povos perante a um regime autoritário, eles conseguiram manter seus costumes. Então a imagem detalha uma parte das muitas maneiras que foram encontradas por estes sujeitos para resistirem a este período. A aluna Waleska conclui dizendo que a imagem “*significa que por um momento eles podem ser eles mesmos com uma sensação de liberdade*”.

O terceiro questionário aplicado aos alunos fazia uso de uma foto que registra um dos momentos máximos da Festividade do Glorioso São Benedito na cidade de Bragança Pará. No caso, a procissão da Marujada, ocorrida no ano de 2018. O intuito foi o de observar se os estudantes conseguem compreender o que a imagem está representando e se conseguem associar a mesma com a imagem anterior, assim como relacioná-la com o passado da escravidão e com o cotidiano da cidade.

**Figura 2:** Festividade do glorioso São Benedito em Bragança-PA



**Fonte:** Disponível em: <<https://www.fundacaoeducadora.com.br/fec/index.php/conteudo/item/93-milhares-louvam-sao-benedito-em-braganca>>. Acesso em 28/12/2018.

Os alunos relacionaram a imagem com a Festividade do Glorioso São Benedito e a Marujada ocorrida em dezembro no ano de 2018 na cidade como uma tradição local. Podemos perceber que o alunado reconhece a importância desta festa como tradição para a cidade, pela notável devoção a São Benedito. Para o aluno Samerson, esta festividade se resume a “*uma tradição, festejada por católicos, chamada de marujada, uma festividade onde católicos se vestem de marujos. Também chamada de festividade de São Benedito*” e o aluno de número José diz que a “*festividade da marujada de São Benedito, uma caminhada onde as pessoas vão para cumprir promeças (sic) e também louvar a São Benedito*”.

Alguns estudantes remeteram ainda que esta manifestação religiosa é uma herança cultural dos negros africanos que foram escravizados na região bragantina e que se perpetuou até os dias atuais, podendo ser percebida na escrita da aluna Tânia, na qual diz que a foto “*se trata de uma cultura antiga que eram praticadas pelos escravos e continua sendo praticada todos os anos*”.

Ao relacionar a imagem do questionário três com a anterior os alunos remetem que ambas tratam de momentos que podem ser associadas com tradições africanas. A primeira mostra os escravos dançando, fazendo batuques, e provavelmente praticando a religiosidade, a outra imagem mostra resquícios de uma cultura que chega até a atualidade no formato de Festividade que é atribuído a um santo que é negro e que tem sua devoção iniciada pelos primitivos escravos da cidade de Bragança-PA.

Alguns alunos, como Pedro, relacionam a imagem de São Benedito e a festividade que aparece na foto dizendo que “*se trata de pessoas reunidas festejando, com o santo, que representa os escravos, e as culturas deles*”. Já os alunos Hailton e Rafaela, respectivamente, relacionam as imagens dos questionários dois e três afirmando: “*São Benedito foi um escravo assim como os negros da imagem anterior*” e “*as duas imagem retratam os costumes e a cultura deixada pelos negros*”.

Estas constatações feitas por parte dos alunos permitem perceber o passado da escravidão negra africana e as memórias que foram deixadas deste período, principalmente quando se compara cultura com a realidade da própria cidade dos alunos, visto que esses ressaltaram que a Festividade do Glorioso São Benedito em Bragança é uma tradição negra africana que foi herdada do período da escravidão. Além disso, boa parte dos alunos reconhece que o culto a São Benedito tem uma associação marcante com os escravos, já que este antes mesmo de ser santo, é negro.

Após a coleta dos dados referentes ao conhecimento dos alunos sobre o negro escravizado, sobre o período da escravidão e sobre a relação destes sujeitos com o cotidiano

percebido hoje na cidade, a aplicação do quarto e último questionário trouxe uma música que aborda a festividade de São Benedito, destacando um dos ícones máximos da festa, o próprio São Benedito, conhecido popularmente como “Santo Preto” e propriamente a Marujada.

### **Marujada de São Benedito**

(Autor: Arraial do Pavulagem)

*Vou fazer uma canção em louvor ao **santo preto**  
Canta, povo bragantino: bendito, oh! bendito.  
Quando chegar dezembro  
Qual é o santo que está no andor?  
É são Benedito com Nosso Senhor.*

*Marujada de são Benedito  
em louvor ao protetor  
vem vestindo azul ou vermelho carmim na festa  
no barracão dança xote, mazurca e chorado  
nos duzentos anos de louvação  
mas fico mesmo encantado  
quando dança retumbão.*

(CD's: “Ao vivo” e “Música do litoral norte”)

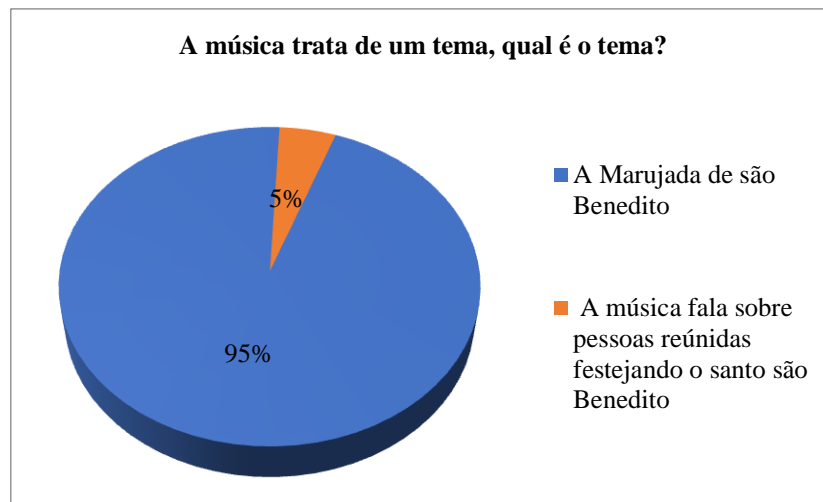
Disponível em:

<https://www.vagalume.com.br/arraial-do-pavulagem/marujada-de-sao-benedito.html>.

Acesso em 02/01/2019.

Os questionamentos nesta etapa nortearam a busca em perceber qual a referência que os alunos fazem em relação à imagem de São Bendito, a Marujada e as culturas negras africanas e foi constatado que quase todos os alunos conseguiram seguramente fazer uma associação da música abordada com a festividade que envolve São Benedito, ou seja, com a Marujada, o gráfico abaixo (6) representa isto, 95% dos indivíduos responderam que a música se refere à Marujada de São Benedito, e 5 % apenas contrapuseram que a música fala de pessoas reunidas manifestando sua fé ao “Santo Preto”.

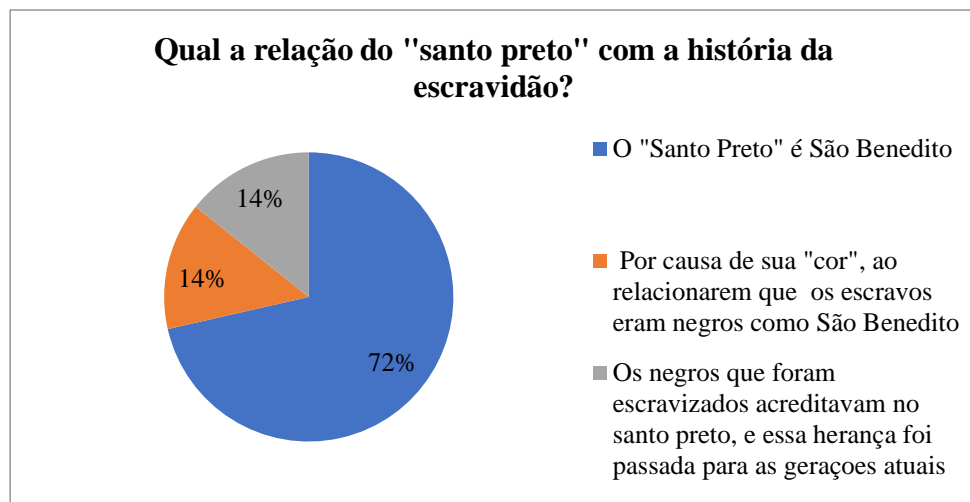
**Gráfico 6:** Análise da música com tema da Marujada feita pelos alunos.



**Fonte:** Dados produzidos a partir dos questionários aplicados em sala de aula. Ver anexos

Após essa constatação, buscou-se instigar os alunos para identificarmos o que eles sabem sobre o “Santo Preto”, mencionado na música e como este se relaciona com a escravidão. Partindo deste questionamento, a maioria dos alunos respondeu que o “Santo Preto” se refere a São Benedito, e a sua relação com a história da escravidão no Brasil tem haver com a “sua cor” já que os negros escravizados se identificaram por essa semelhança étnica e passaram a associar esta característica comum a uma crença que foi passada por muitas gerações chegando fortemente até os nossos dias. Nesse contexto, o aluno Manoel acredita “*que o São Benedito foi uma pessoa negra que virou um santo*”. Conforme o gráfico (7), nele podemos concluir que 72% dos alunos conseguiram fazer a associação do “Santo Preto” com São Benedito, 14% agregaram a cor como sendo um marco definidor para os negros escravizados “adotarem” São Benedito como divindade de culto e outros 14% disseram que a crença no “Santo Preto” se perpetuou pelas gerações seguintes chegando até os dias atuais.

**Gráfico 7:** Associação dos alunos em relação ao “Santo Preto” com a história da escravidão



**Fonte:** Dados produzidos a partir dos questionários aplicados em sala de aula. Ver anexos

A Marujada também foi outro fator para buscar questionamentos a partir dos conhecimentos que os alunos possuem a respeito da Festividade de São Benedito. Suas respostas foram bastante expressivas e diversificadas, falando que se trata de uma festa tradicional da cidade de Bragança Pará, momento que é caracterizado com muita expressividade, sendo um momento festivo. É composta por diversos momentos que são tidos com características sagradas ou religiosas e também profanas, distinta com abundantes comemorações, com muitas procissões, vendas de comidas típicas, danças, shows, dentre outros, a festividade de São Benedito acontece anualmente, é uma tradição que inicialmente foi praticada pelos escravos, e que foi passada para as gerações atuais, compreende um conjunto de atividades e rituais que tem seu momento de ápice no mês de dezembro, quando os fieis e devotos, de forma individual ou coletiva, fazem oferendas para agradecer a São Benedito pelas graças alcançadas<sup>86</sup>.

A Marujada de São Benedito é uma tradição cultural na cidade de Bragança<sup>87</sup> e a aluna Elisa Cristine entende que “a festividade de São Benedito é uma cultura que tem danças

<sup>86</sup> Cf. CORRÊA, Ester Paixão; ALENCAR, Edna Ferreira. **Rito e devoção entre as Mulheres Marujas na Festa de São Benedito, Bragança-PA**. 2015.

<sup>87</sup> Ver em ALENCAR, L.F. **(Des)silenciando os rastros da Marujada de São Benedito em crônicas da revista Bragança Ilustrada**. Nova Revista Amazônica. v. 1, n. 1, p. 48-67, Jan./Jun. 2013; CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada Bragantina**. Dissertação (mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, DF, 2010; SILVA, Jair Francisco Cecim da. **Glossário da Marujada**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003; FERNANDES, J.G. S. **Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e Marujada de São Benedito em Bragança (PA)**. Belém: EDUEPA, 2011.

*como o xote, mazurca e chorado que é um louvor aos duzentos anos*". O aluno Felipe contemplou essa questão quando disse que é *"uma tradição que era praticada pelos escravos e é praticada até hoje"*.

A aplicação dos questionários serviu para analisarmos como os alunos percebem e identificam os negros africanos que fizeram parte do contexto escravista no Brasil, além de poder proporcionar para eles que essa história que pulsa nos manuais didáticos explicitados em sala de aula acontece em vários lugares, inclusive em Bragança, cidade em que está situada o local da pesquisa. E é justamente na cidade que é preciso identificar lugares de memória das culturas negras e levar os alunos a perceberem os lugares que rememoram essas culturas foi um dos objetivos deste trabalho, então juntamente com a turma elencamos seis lugares na cidade de Bragança para serem visitados.

Os questionários aplicados forma de suma importância, tanto do ponto de vista quantitativo, quanto qualitativo. Através deles podemos perceber qual o conhecimento e grau de reflexão dos estudantes acerca das temáticas referentes aos negros, sua presença física e cultural no Brasil, de forma mais geral, bem como no Pará e em Bragança de forma mais específica. Indo além das atividades desenvolvidas em sala de aula, outras foram efetuadas durante o exercício da docência e constituíram-se em importantes componentes da parte metodológica dessa dissertação. Referente a esse ponto as visitas em locais previamente escolhidos viabilizaram a etapa seguinte do trabalho.

### **3.4 Lugares de memória visitados pelos alunos**

Os locais foram escolhidos mediante acurado estudo e pesquisa acerca de sua pertinência como lugar que evoca lembranças sobre a presença e atuação de negros ao longo da história em Bragança. Foram seis os locais escolhidos para visitação: Cartório Antônio Pereira de 1  Ofício de Notas e Registro de Imóveis, Feira livre de Bragança, Igreja de São Benedito, Teatro Museu da Marujada, Arquivo Histórico Documental do município de Bragança e Comunidade quilombola do Jurussaca.

O planejamento previu que a visitação a esses lugares fosse completada em um dia e assim foi feito. Tal decisão foi tomada considerando o tempo disponível e a carga horária da disciplina história no sétimo ano do Ensino Fundamental. Em cada um desses locais buscamos adotar uma metodologia adequada em que predominaram questionamentos que instigassem os alunos não são a visualizar a mera natureza da materialidade dos locais



visitados como algo dado, mas também estabelecessem conexões com atividades previamente desenvolvidas assim como notassem sob os mais diversos aspectos, a presença das culturas negras em Bragança não como algo restrito a um passado distante, mas ainda presente e vivo nos lugares que são de memórias. Nesta parte do trabalho tivemos a colaboração de Mônica Caxias, que fotografou todas as visitas.

As visitas começaram por volta das 08 horas da manhã do dia 12 de janeiro de 2019, sábado, em direção ao Cartório Antônio Pereira. Situado no centro da cidade de Bragança, em região de intenso comércio varejista, a presente instituição foi fundada no final do século XIX como instituição privada destinada ao registro documental de imóveis, apesar de possuir documentação pertinente a períodos anteriores de sua fundação. Ao adentrar esse espaço, os alunos puderam observar a documentação manuscrita produzida na segunda metade do século XIX referente à inventariação de bens, dos quais os escravos faziam parte, haja vista a sua condição enquanto mercadoria e posse de um senhor.

A visita e apreciação dos documentos escolhidos foram norteadas por questionamentos inicialmente propostos que visassem o reconhecimento por parte do aluno da presença do negro, suas condições, tal qual a percepção acerca da natureza e funcionalidade dos documentos analisados. Claro, que a análise aqui proposta aos alunos não buscou ser pautada pelo mesmo rigor da análise feita por um historiador, mas justamente levando em conta a pertinência de tornar, conforme debate anteriormente proposto, significativo o ensino e aprendizagem em história, conforme pontuado pelos autores Jörn Rüsen, Isabel Barca e Maria Auxiliadora Schmidt<sup>88</sup>.

---

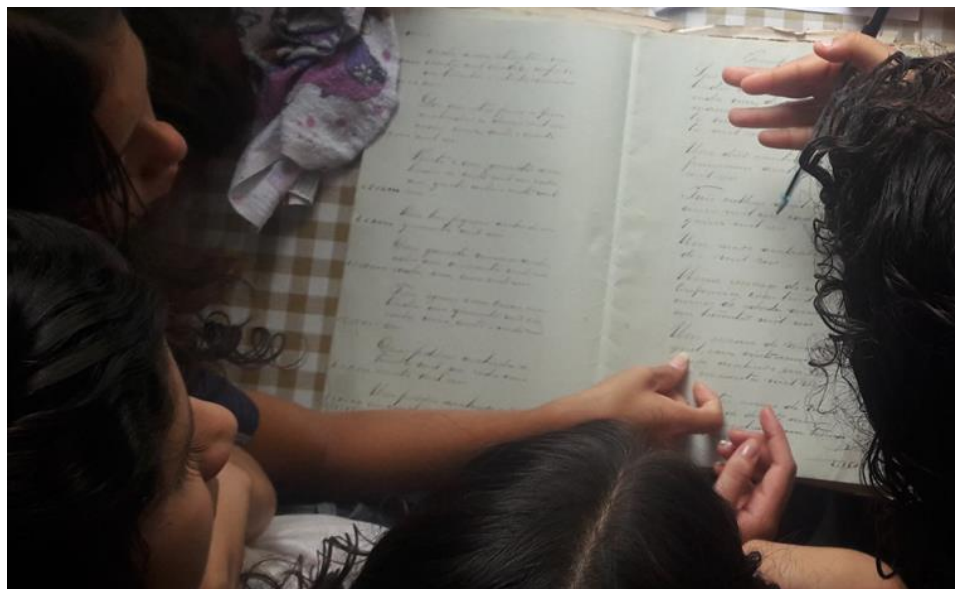
<sup>88</sup> SCHMIDT; BARCA; MARTINS, (Op. cit.), 2011.

**Figura 3:** Alunos analisando um documento (inventário) no Cartório Antônio Pereira de 1º Ofício de Notas e Registro de Imóveis



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias em 2019 (Acervo pessoal).

**Figura 4:** Leitura de um inventário feita pelos alunos no Cartório Antônio Pereira



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

A escolha do Cartório como primeiro ponto de visitação se deu por conta de sua natureza documental, neste era preciso que os alunos visualizassem não só os documentos como fontes, afinal os documentos têm relevância histórica para se compreender diferentes contextos humanos, e pode ser trabalhado em sala de aula por diversas perspectivas, no entanto além deste importante aspecto, os alunos tinham que identificar a presença dos

negros, primeiro como escravos (este é o primeiro caminho que se deve percorrer com o objetivo de superá-lo à frente) e como estes eram tratados nas fontes, para por fim fazer a associação do lugar que guarda estes documentos – o cartório – como um lugar que contém fontes que apresentam a presença de negros, quase sempre escravizados, que viveram em Bragança.

Após a passagem pelo Cartório Antônio Pereira, fomos à Feira livre de Bragança. E aqui um adendo: não basta entendermos as Feiras<sup>89</sup> como um mero local onde circulam as pessoas no dia-a-dia de suas trocas comerciais e afazeres. O olhar do historiador mediante o adequado norte teórico pode fazer com que percebamos uma feira como local intrincado de sociabilidades, trocas comerciais, diálogos entre campo e cidade, segundo Shirley Castro e Almeida:

As Feiras enquanto locais que delimitam trabalho, ou de divertimento, de negócio ou de lazer, são espaços de construções mediadas por saberes, por conhecimentos. Diversos espaços podem contribuir para uma teoria da relação com o saber, através de uma abordagem que considere os sujeitos – sua interação com seus pares, a dinâmica do desejo, sua fala e a atuação construídas em uma história que articule-os à família, à sociedade, enfim, à espécie humana – engajados em um mundo no qual ocupam uma posição e onde se inscrevem em relações sociais.<sup>90</sup>

Atentos ainda para o fato de que as Feiras evocam momentos chave da história do lugar, desde os tempos da escravidão, ao advento do trem e dos impactos da Estrada de Ferro de Bragança.

Segundo o historiador Dário Benedito Rodrigues,<sup>91</sup> o trem delimita a rotina da cidade e das pessoas que nela residem no que diz respeito ao comércio e à sociabilidade. Comércio esse que era de sobremaneira auxiliado com o avanço do processo de escoamento da produção agrícola da zona bragantina. Contudo, é preciso refinar a percepção. Percepção essa que

---

<sup>89</sup> Ver SALES, Aline Pereira; REZENDE, Liviane Tourino; SETTE, Ricardo de Souza. **Negócio Feira Livre: um estudo em um município de Minas Gerais**. III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. João Pessoa/PB – 20 a 22 de novembro, 2011; SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. **Feirantes em ação: a dinâmica desse mundo do trabalho no Recôncavo Sul da Bahia - Santo Antônio de Jesus (1950-1970)**. XXIX Simpósio Nacional de História. Contra os preconceitos: História e Democracia. Brasília, 2017.

JESUS, Danuzia Xavier de; DAMERCÊ, Naiane Oliveira. **Feira e Lugar: um olhar humanista sobre a feira-livre de Jacobina-BA**. Monografia de Graduação em Geografia. UEBA: Bahia, 2016.

<sup>90</sup> CASTRO E ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de. **Fazendo a Feira: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Montes Claros PPGDS – programa de pós-graduação em desenvolvimento social, 2009, p. 26.

<sup>91</sup> NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **Ao apito do trem: uma história política e social da Estrada de Ferro de Bragança**. Bragança, 2006. Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, da UFPA Belém, alusivo ao centenário de inauguração da Estrada de Ferro de Bragança (1908-2008).

buscou ser aflorada através do questionário proposto para o nosso segundo local da atividade de campo. Tal questionário teve como um dos questionamentos norteadores tentar perceber se os alunos notavam em um primeiro momento a força da presença de culturas negras no cotidiano e nas relações interpessoais na Feira livre de Bragança. Após o insucesso de uma primeira tentativa mais direta, outros questionamentos secundários foram feitos de maneira a induzir os alunos a perceberem que a feira como espaço de memória dos negros (trabalho, sociabilidades, contatos, transporte) referida ao passado, mas também ao presente.

Mais uma vez tentou-se instigar os alunos para que pudessem estabelecer ligações entre o passado e o presente, desta vez na área comercial de Bragança, neste espaço é possível fazer o elo acerca do que os negros produziam e vendiam na feira, no caso dos escravos de ganho bem como o que é produzido e vendido atualmente nesta parte da cidade. Os alunos chegaram neste ponto da visita com questionamentos e conclusões precipitadas que são em suma muito esparsas, alternando entre a participação dos negros num passado distante na composição da população e a participação do comércio, como na própria presença dos senhores no processo de condução dos trabalhos desses negros. Além disso, alguns alunos que elaboraram a redação proposta ao final acabaram por se deter mais no tocante à percepção sobre o presente da feira livre de Bragança do que em fazer uma associação mais elaborada com o passado do local e seus sujeitos envolvidos no que diz respeito a presença negra.

**Figura 5:** Feira Livre de Bragança, ao fundo o Mercado Municipal



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

Dada a uma questão de proximidade geográfica, não foi dificultoso ao grupo prosseguir a pé em direção à Igreja de São Benedito. Fundada em 1753 e construída na época por escravos e índios a referida igreja é ponto anual de saída e chegada da procissão em louvor a São Benedito, que ocorre anualmente sempre as tardes do dia 26 de dezembro, momento mais emblemático da festividade. Assim como na visita no local anterior, essa por sua vez contou com questionamentos que buscassem fazer com que os alunos expusessem qual o seu conhecimento e percepção da relação da Igreja de São Benedito com a cidade em que os alunos vivem, as experiências enquanto ouvintes de relatos acerca da referida igreja que por sua vez remete a uma ampla tessitura de relações não só do âmbito religioso como também da presença negra remetendo ao contexto da escravidão. Além disso, alguns estudantes que também responderam aos questionários contidos na íntegra dos anexos conseguiram perceber a Igreja enquanto local de memória, no tocante não apenas de se tratar de um local de culto, como também de símbolo da presença, resistência, rede de sociabilidade e influência negra na cultura de Bragança.

**Figura 6:** Alunos em frente à Igreja de São Benedito



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

**Figura 7:** Alunos visitando a parte interna da Igreja de São Benedito



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

**Figura 8:** Imagens de São Benedito na Igreja usadas pelas três Comitivas que trabalham na Esmolação para a festividade (São Benedito dos Campos, São Benedito da Colônia e São Benedito das Praias)



**Fonte:** Foto registrada por Lucas Amorim (Acervo pessoal).

**Figura 9:** Altar-mor da Igreja de São Benedito



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

Um quarteirão atrás da Igreja de São Benedito, e subindo a Rua Cônego Miguel, chegamos ao Teatro e Museu da Marujada. Neste local o objetivo era poder observar como a história relacionada à Marujada estava exposta em instrumentos, indumentárias, pinturas, fotografias, imagens de santos e publicações sobre o tema, os quais compõem o acervo ali contido. Impossibilitados de entrar, pois o horário da chegada não coincidiu com o do funcionamento do Museu, apenas analisamos a fachada, o grande painel retratando um casal de marujos nela existentes, e chamamos a atenção dos alunos sobre aquele espaço que muitos deles frequentam, mas que não necessariamente relacionam com aspectos das culturas negras, por exemplo.

Nesses aspectos os alunos conseguiram fazer uma associação com o que foi visto e interpretado na Igreja de São Benedito, no entanto neste local a maior significância relacionada à herança cultural negra associada a tradicional festa da marujada está no imaginário que a festividade apresenta e na sua simbologia frente os ícones que fazem parte da composição de cada detalhe que enriquecem este acontecimento.

Ao observarem a fachada, logo perceberam as cores que são características e que comumente estão presentes na festa, assim como a indumentária dos marujos e marujas. A cor vermelha, que se destaca na vestimenta das marujas e marujos, pode ser indicada como um elemento da cultura que traz as contribuições de brancos e indígenas, mas também dos negros. O que não passou despercebido por Gilberto Freyre, que em seu livro “*Casa Grande & Senzala*” chegou a comentar sobre a predominância do vermelho no gosto das pessoas,

sobretudo das mulheres, tanto nas mulheres do povo em Portugal, quanto entre os indígenas, que se pintam de urucum e usam penas vermelhas nas indumentárias, mas também entre os africanos, sendo esta a cor dos mantos de reis africanos em rituais para Xangô, como os que o autor presenciou no Recife. O gosto pelo vermelho prepondera no Brasil, usado para proteger-se de espíritos ou doenças, também para atrair e seduzir, está nas roupas da Marujada e representa um elemento de grande mescla cultural.

**Figura 10:** Alunos em frente à fachada do Teatro Museu da Marujada



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

Visitamos também o Arquivo Histórico-documental da Prefeitura de Bragança. Como tínhamos feito um contato inicial com o responsável pela manutenção e consulta ao acervo, agendamos com antecedência a documentação específica que seria consultada pelos alunos. Assim, mesmo com a caligrafia da época um pouco difícil, os alunos foram mobilizados para observarem as petições dos sujeitos então escravizados, a amplitude da variedade de pessoas envolvidas, assim como se essas pessoas conseguiram ou não atingir os seus objetivos.

Os estudantes manifestaram grande euforia ao terem percepções iniciais acerca da natureza dos documentos, do mesmo modo com os sujeitos neles retratados. O direcionamento do professor nesse caso foi no sentido orientar os alunos a além de manterem a calma, identificarem os sujeitos, bem como seus mais diversos aspectos, ocupando-se de tarefas como transcrição, síntese das informações e a relação destas com o que foi visto em sala de aula. O contato com a documentação estreitou a distância temporal e especial que



aparentemente existia entre os estudantes e os sujeitos estudados. Além disso, atentamos as recomendações de Biazetto<sup>92</sup>, no tocante ao uso do documento em sala de aula. Dessa vez, o documento em questão foi visualizado e analisado em seu local de arquivamento, e não trazido em sala de aula. E, se bem direcionada, faz-se ainda mais pertinente a ida do estudante ao arquivo.

**Figura 11:** Alunos analisando um documento no Arquivo Histórico-documental do Município de Bragança



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

**Figura 12:** Alunos no Arquivo Histórico-documental do Município de Bragança



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

<sup>92</sup> BIAZZETO, Giovanni. Educação Patrimonial, patrimônio e memória: Conceitos construtores de cidadania e identidade. **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 2, n. 6, agosto de 2013. Edição Especial.

E encerrando as atividades do dia nos dirigimos à comunidade de remanescentes quilombolas do Jurussaca, situada no município de Tracuateua, este distante pouco mais de 12 kms do município de Bragança. De emancipação recente, ocorrida ainda nos anos 1990, o município de Tracuateua segundo Grasiely Ribeiro

(...) abriga em seu território comunidades remanescentes de antigos quilombos, tais como a localidade conhecida por Jurussaca – “Pata da Onça” – certificada pela Fundação Cultural Palmares, dentre outras. Trata-se de um município novo, sobretudo do ponto de vista administrativo, pois possui cerca de 20 anos apenas de emancipação política. Todavia, esclareça-se que a cidade não surgiu a partir da Estrada de Ferro, como é comum se ouvir dizer, mas sim, que é lugar de habitação muito antigo, local onde escravos fugitivos se instalaram nos campos, matas e vales interioranos da região desde meados do século XVII aproximadamente – período colonial de nossa história – portanto, época das capitânias.<sup>93</sup>

A ida à comunidade do Jurussaca foi feita em uma van fretada, indo nesta viagem todos os alunos que participaram das outras visitas. Após considerável atraso prévio, chegamos por volta das 11h30 da manhã. Fomos recepcionados, após visita prévia para sondagem de uma discente do IFPA, por um morador local. O primeiro contato foi marcado por certa inibição do referido morador, contudo, conseguimos fazer um itinerário pela comunidade, conversando com moradores mais experientes dando prosseguimento às perguntas propostas no roteiro. Inicialmente, antes da visita, buscou-se verificar qual o conhecimento que os alunos tinham a respeito das comunidades de remanescentes quilombolas. Percebeu-se que de forma bastante coesa eles responderam, ainda na van a caminho da comunidade do Jurussaca, que as mesmas se tratavam de locais diversos onde os escravos fugitivos se refugiavam.

Além disso, nas palavras dos próprios alunos, aquela vinha a ser a primeira visita dos mesmos a uma comunidade deste tipo. Buscou-se instigar, através da percepção dos alunos, se eles conseguiam concatenar a comunidade quilombola em si com os desafios da escravidão e das buscas por liberdade, bem como se aquele era um local não só de memória, mas também de presença negra e quais os elementos culturais a presença cultural negra africana existente até os dias atuais relacionadas aos outros pontos que foram visitados. Para cada um desses questionamentos os alunos manifestaram opiniões distintas.

---

<sup>93</sup> RIBEIRO, Grasiely Tayenne das Chagas. Os pretos do Torre: história e resistência negra na comunidade quilombola do Torre em Tracuateua/PA (2008-2017). UFPA: Bragança, 2018, p. 16.

Para saber mais sobre as raízes do Jurussaca e sua relação com os tempos da escravidão uma estratégia que o professor pode lançar mão nesse tipo de atividade é orientar os alunos para conversarem com as pessoas mais velhas da comunidade. Entretanto, isso não foi possível, pois demandaria um pouco mais de tempo e marcação prévia dessa espécie de entrevista. Nem todas as vezes que se chega a uma comunidade rural há gente disponível para as conversas que buscamos, e as que recebem os visitantes nem sempre se sentem à vontade para fornecer informações sobre o grupo. Quanto ao objetivo de que os alunos trabalhasse o Jurussaca como um lugar de memória das culturas negras, ele foi apenas parcialmente alcançado, dadas as dificuldades aqui já listadas. Porém, o professor pode lançar mão de informações previamente consultadas sobre o grupo para poder orientar os discentes.

Por exemplo, no que concerne à cultura material, chama a atenção na comunidade à existência de casas de barro e cobertas com palha, ao lado de casas feitas com tijolos e cobertas com telhas de barro. Estas últimas foram as casas recebidas por projetos do INCRA. Ainda que isso chame a atenção do visitante como algo que poderia indicar uma alteração significativas na arquitetura das casas e nos modos de vida, o que podemos observar é que o antigo e o novo se imiscuem e atrás de toda casa de alvenaria é possível observar a construção de uma barraca coberta de palha, aonde as pessoas se reúnem, preparam alimentos, mantém perto os animais domésticos e passam boa parte do seu dia.

Além das casas, chama a atenção a área de preparo da farinha de mandioca, sendo esta uma tradição indígena, com seus tachos enormes e armação coberta de palha. Nas casas, vasilhas e utensílios em barro e palha ou cipó, sem contar os pilões, que no passado eram mencionado como indicadores de assentamento de escravos fugidos.

Há uma significativa maioria dos habitantes pretos na comunidade do Jurussaca, muitos dos quais não lidam bem com essa afirmação como comunidade quilombola, sendo notado pelos discentes certa negação, acanhamento, vergonha e esquecimento seletivo manifestados pelos sujeitos que foram indagados quanto às lembranças de antepassados bem como da possível ancestralidade dos moradores da comunidade com o período de vigência da escravidão negra no Brasil.

**Figura 11:** Conversa informal com moradores da comunidade Quilombola do Jurussaca



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

**Figura 12:** Casa com forno para a produção de farinha feita por membros da comunidade



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

**Figura 13:** Conversa dos alunos com outra moradora da comunidade



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

**Figura 14:** Morador da comunidade respondendo as dúvidas dos alunos



**Fonte:** Foto registrada por Mônica Caxias (Acervo pessoal).

Para as visitas guiadas foi preciso preparar com antecedência cada espaço, conversando com os responsáveis que agendaram os lugares para a recepção dos alunos, na comunidade quilombola, esta se deu por uma conversa com um morador uma semana antes no intuito de poder haver um acordo por parte dos moradores para que os alunos pudessem ir a caráter de observação. Os lugares visitados demandaram atenção por partes dos alunos, foi

preciso romper com a visão escravocrata de todos os lugares e perceber nestes a presença cultural negra, transformado estes em lugares de memórias.

A difícil tarefa de romper com estas barreiras foi lançada como proposta neste trabalho, os alunos do 7º ano da sala 208 da Escola Estadual Bolívar Bordallo da Silva tiveram esta importante tarefa, chegando à etapa final com um caráter de observação refinado, os lugares visitados por eles, deixaram de serem apenas lugares que tinham referências e passaram a serem lugares guardiões de uma memória que não só tem haver com a história da formação da cidade de Bragança, ou do contexto da escravidão, mas sim de uma herança cultural negra que chega até os dias atuais e que está inserida no cotidiano da cidade, por vezes observada ou contemplada, mas pouco analisada pelo contexto educacional da região municipal de Bragança.

Os alunos ao retornarem para o ambiente escolar voltaram com a euforia adquirida nas visitas, os lugares por eles visitados foram transformados em espaços de memórias de um grupo que caracterizaram principalmente cultura da cidade em que eles estão inseridos. Nesse contexto, foi exigido dos alunos que fizessem redações contando suas experiências, as impressões e o que foi adquirido de conhecimento de cada lugar. O objetivo foi o de explorar suas percepções pós-visitas.

Através das redações analisamos o que os alunos conseguiram desenvolver através das visitas, levando em consideração o que os alunos sabiam sobre a vinda dos negros para o Brasil, as aulas sobre o tema da escravidão e suas relações que influenciaram diversos aspectos da sociedade brasileira, a aplicação dos questionários que fizeram feita uma analogia entre a vinda dos negros africanos para nosso país, o contexto da escravidão, a desenvoltura dos negros nesse processo e por fim as relações que foram/são materializadas na sociedade cultural em Bragança.

Sobre o Museu Teatro da Marujada os alunos Samerson, Dheyvid, Manoel Lucas e Emerson disseram que “*o museu da marujada foi fundado para marujos e marujas dançarem*” nesse ponto podemos perceber que logo fizeram uma referência do lugar com a tradicional festa da Marujada ao associarem que esta festa faz parte de uma conjuntura religiosa ligada ao período que compõe todo o ciclo de São Benedito, em outro trecho da redação escrevem: “*Marujada esta relacionada com a Igreja catolica (sic)*”, enfatizando ainda que a “*Marujada era praticada por negros escravos antigamente, e até hoje é praticada no dia 26/12*”, desta forma concluem que “*o museu da marujada foi fundado para mostrar a cultura Bragantina*”.

Dos lugares visitados, notou-se que os que estão relacionados à festividade de São Benedito e a Marujada são mais alusivos à presença negra, nestes os alunos conseguiram extrapolar o conceito do negro somente pelo véis da escravidão, a Igreja de São Benedito é um dos lugares que mais contemplam essa concepção, o aluno Hailton em um segmento de sua redação enfatiza que para ele a *“Igreja de São Benedito tem um santo preto (...). Antigamente os escravos frequentavam aquela Igreja. Por isso que ela é a principal Igreja frequentada de Bragança”*.

Outro local visitado que contemplou essa questão foi a comunidade quilombola do Jurussaca, a visita neste local foi de suma importância, pois neste que foi último lugar a ser visitado, demandou de uma expectativa muito grande por se tratar de uma comunidade que se intitula sendo de descendentes de negros que resistiram ao processo escravista na região, parte dos alunos neste espaço por conversas com alguns moradores, ouviram como a comunidade sofreu transformações ao longo do tempo. No entanto, eles chegaram à conclusão de que mesmo tendo ocorrido muitas mudanças, sobretudo ocorrida na paisagem da comunidade (construções, reformas, etc.), isto não pagou a essência das permanências de suas culturas, desde a produção manual de alimentos feitos para comercialização e consumo próprio, até métodos naturais com usos de plantas medicinais como medicina alternativa para tratamento de algumas doenças mesmo na atualidade tendo posto de saúde na localidade, isto a estudante Waleska determinou isto muito bem, em suas palavras ela resumiu todos estes aspectos da seguinte forma: *“suas casas eram feitas de palha e barro, lá alguns deles trabalhavam na roça e lá eles plantavam milho, arroz, etc. era de lá que eles tiravam seus sustentos quando alguém ficava doente era apartir (sic) das plantas que eles tiravam seus remédios caseiros,”*. As heranças deixadas por estas pessoas se fundamenta na sua história, que caracteriza a comunidade como um lugar que perpetua não só sua memória, assim como suas culturas, a Waleska conclui sua redação afirmando que *“podemos perceber que as pessoas mudaram um pouco mais apesar disso eles ainda tentam deixar vivas sua memórias e principalmente suas culturas”*.

Pela escrita dos alunos, ouviu-se o aprendizado que foi adquirido ao longo de todas as visitas, cada lugar possui suas próprias peculiaridades, sendo bem distinto um dos outros, no entanto eles representaram um conjunto de histórias que os definem como lugares de memórias, que possuem narrativas de um período que resistiu à escravidão e que de alguma maneira deixaram para nós possibilidades de analisarmos como nossa sociedade está inserida nas confluências de várias identidades que são identificadas pelas culturas que delimita quem somos e como experimentamos todas estas experiências com o ensino básico que está inserido

em um contexto pluralizado em nossa sociedade atual. Bragança é definida por estes lugares, que tem haver com a cultura negra que em muitos aspectos são silenciados de diversas formas, mas que pulsam pelas memórias que estão presentes em muitos espaços, seja pela religiosidade, pelos documentos, vestuários em suas mais variadas cores e comunidades.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de história na prática docente do ensino básico, assim como as demais áreas, tem a finalidade de construir conhecimentos com os alunos, estes por vezes são fundamentados em transmissão de conteúdos pré-definidos. Esta forma de ensino em sua maioria não permite o desenvolvimento completo para uma dimensão além do caráter elucidativo da disciplina. Desta forma este trabalho teve uma atribuição voltada para o ensino de história com uma proposta metodológica de construir conhecimento histórico em espaços que não competem somente ao escolar.

Nesse sentido a originalidade do trabalho consistiu na perspectiva de se pensar e elaborar uma proposta acerca de um conteúdo específico que pudesse ser trabalhado de forma diferenciada do habitual nas aulas de história. A importância deste trabalho para o campo do ensino se baseia na caracterização que ele norteia a partir de um assunto abordado em sala e como este desvenda a presença de sujeitos que outrora foram de real significância para a construção de um passado histórico que se faz presente de forma silenciada.

O Mestrado Profissional nos possibilitou repensar as práticas de ensino e principalmente de didática nas aulas de história da educação básica. Desta forma foi pensada uma estratégia que pudesse ser desenvolvida com os alunos, que os ajudassem na produção do conhecimento além do que é ministrado em sala de aula. Dessa forma, foi colocado em questão o ensino em espaços que não são escolares, mas que podem ser trabalhados como espaços que possam expandir as aulas de história.

Percorrer estes caminhos trouxe à tona muitos questionamentos, que foram materializados na forma de objetivos, estes divididos em geral e específicos. Seria possível ensinar em história fora do ambiente escolar? Em um primeiro momento esta pergunta incita uma resposta quase que de total apreciação por uma resposta de certeza, seria muito mais valiosa uma aula sobre história em que os alunos pudessem sair dos muros que cercam as escolas e visitarem e visualizarem lugares, fontes históricas e pessoas que materializem a história, definindo conceitos como patrimônio, memória e identidade em espaços como cartórios, casas, prédios, igrejas, monumentos, museus, a até comunidades quilombolas, dentre outros.

No entanto, a execução de uma tarefa como esta demanda uma série de cuidados, dentre eles o mais urgente é o de fazer com que os alunos assimilem estes lugares como recorrentes a um conhecimento histórico que é pré-definido em sala, nas aulas de história.

Ensinar história parece uma tarefa simples e objetiva, no entanto delineamos alguns passos que foram importantes para que pudéssemos concluir todos os objetivos.

O conhecimento prévio que os alunos possuem sobre o tem abordado na pesquisa assuntos é bastante complexo, no entanto é preciso direcioná-los para um objetivo específico, foi que buscamos fazer. Escravidão é um assunto que faz parte do conteúdo de história para o ensino fundamental atrelada ao contexto de história do Brasil que envolve uma das primeiras conjunturas desenvolvidas nos processos estabelecidos por sujeitos que caracterizaram a face econômica, social e cultural do país. Logo, muito se ouviu falar sobre a escravidão que assolou boa parte da história do Brasil, e como o uso da mão de obra dos negros que em sua maioria eram africanos, foram importantes para o desenvolvimento do país, economicamente falando, pois para as de relações sociais e culturais ficaram sem os devidos valores.

Desta forma se pensou em sondar o conhecimento prévio que os alunos do sétimo ano tinham sobre os negros que delimitaram boa parte da história do Brasil, para isto foram pensado questionários fechados que pudessem fazer esta sondagem, e o de propor aos alunos uma apreensão sistematizada de conceitos que correspondam ao ensino propriamente dito da área de história.

A presente dissertação teve por objetivos específicos: verificar o prévio conhecimento que os alunos possuem sobre os negros que foram escravizados e quais os desdobramentos que estes tiveram em relações estabelecidas no Brasil no período que corresponde ao trabalho forçado, apontar como o negro desenvolveu um papel que extrapola o contexto escravista e transforma a paisagem em que vive, desenhando seus traços em muitos aspectos que marcaram a história e perceber na cidade de Bragança lugares que remetem à memórias de sujeitos que deixaram uma herança que pode ser apreendida em muitos espaços.

O presente trabalho além de ter revelado alguns lugares de memórias das culturas negras na cidade de Bragança, tornou visível estes lugares pela ótica dos alunos da educação básica, mostrando que estes espaços podem e dever ser explorados para o ensino de história, para que se tenha a compreensão da cidade que vive marcada por diversas características que envolvem as relações que foram e são desenvolvidas no cotidiano desde os tempos da escravidão.

Contextualizar ao ensino básico propostas que tirem os alunos de sala de aula demanda de várias questões, o roteiro de visitas pensado com os alunos inicialmente foi o de um aplicativo que pudesse fazer o mesmo trajeto das visitas com o uso de GPS. Por uma series de demandas, esta ideia foi abandonada ao longo do percurso. A visitação aos lugares

específicos que remetam às memórias negras da cidade de Bragança foi necessário para o aprendizado histórico que os alunos construíram ao longo do desenvolvimento deste.

No tocante ao primeiro objetivo específico vimos, através do questionário, que uma ampla maioria dos não tinha uma noção mais ampla acerca da ancestralidade do negro que fosse além da sua outrora condição de escravizado. Conforme vimos e pontuado até mesmo nos anexos, havia certo desconhecimento da origem de São Benedito bem como de sua condição, com alguns alunos chegando a atribuir a ele a condição de escravo.

No tocante ao segundo objetivo específico, verificamos o mesmo partir da própria experiência das visitas, em que trabalhamos com os alunos, vimos como os locais visitados tiveram em suas construções significação posterior, importante participação dos negros que não apenas na condição de subjugados que os construíram ou desempenhavam papéis subalternos, mas como protagonistas da sua própria história.

Quanto ao terceiro e último objetivo específico, por sua vez, percebemos que estes locais de memória, conforme de Pierre Nora, ou ao menos alguns deles de maneira mais pungente, encontram-se revestidos do caráter simbólico da presença negra que não remete apenas ao período da escravidão. A igreja de São Benedito e o Teatro e Museu da Marujada foram alguns deles. Outros, contudo, necessitaram de uma condução mais apurada do professor para que os alunos pudessem perceber os traços da presença negra, assim como houve um local em específico, no caso da comunidade quilombola do Jurussaca, em que alguns sujeitos não deram maiores esclarecimentos quanto a sua relação de ancestralidade.

Dentre outros entraves acerca da pesquisa, um deles foi o abandono da ideia inicial de se pensar em um aplicativo móvel que descrevesse os locais e servisse como um guia preciso para analisar cada lugar com informações históricas específicas. No entanto, concluiu-se este sem o uso do aplicativo. A ida dos alunos para os lugares demarcados permitiu que as visitas pudessem ser levadas para as discussões dentro da sala de aula, e as informações acerca de cada lugar ficou por conta da observação e anotação dos alunos.

Contudo, como bem sabemos um trabalho na área de História não se encerra em si mesmo. Abrem-se a partir de seu encerramento várias possibilidades de pesquisas futuras, como, por exemplo, possíveis desdobramentos em artigos e a possibilidade de aprofundamento em questões que sempre ficam por serem respondidas.

## 5 REFERÊNCIAS

ALENCAR, L.F. **(Des)silenciando os rastros da Marujada de São Benedito em crônicas da revista Bragança Ilustrada**. Nova Revista Amazônica. v. 1, n. 1, p. 48-67, Jan./Jun. 2013.

Aline Pereira; REZENDE, Liviane Tourino; SETTE, Ricardo de Souza. **Negócio Feira Livre: um estudo em um município de Minas Gerais**. III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. João Pessoa/PB – 20 a 22 de novembro, 2011.

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe; VIANA, Carolina. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas e os historiadores. In: **A Escrita da História Escolar, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

ABUD, Kátia Maria. Capítulo 8. Espaços da História: Ensino em museus. In: **Ensino de História/Kátia Maria Abud**. André Chaves de Melo Silva, Ronaldo CARDOSO Alves. – São Paulo: Cengage Learnig, 2010.

BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-Ação: uma Metodologia do “conhecer” e do “agir” Coletivo**. Sociedade em Debate, Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001.

BARBOSA, Fabiany Glaura Alencar e. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a escrita da história. In: **A abolição da escravidão e modos de pensar e de representar a experiência passada: livros (1865-1918)**. Brasília: Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade de Brasília, 2012.

BARCA, Isabel. Marcos de consciência histórica de jovens portugueses. In: **Currículo sem Fronteiras**, v.7, n.1, pp. 115-126, Jan/Jun., 2007.

BARROSO, Maria Alice. A Escravidão no Brasil. In: **Para uma história do negro no Brasil**. — Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988.

BIAZZETO, Giovanni. **Educação Patrimonial, patrimônio e memória: Conceitos construtores de cidadania e identidade**. Revista Latino-Americana de História. Vol. 2, n. 6, agosto de 2013. Edição Especial.

BONETE, Willian Júnior. **Notas sobre o conceito de consciência histórica e narrativa em Jörn Rüsen e Agnes Heller**. Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 7, n. 14 UFGD – Dourados, jul.,-dez. 2013.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2001.

CARDOSO, Irene. O passado que não passa: Lugares Históricos dos Testemunhos. In: **Tempo presente & usos do passado/Flávio Florentino Varela (Org.).[et al.]**. – Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2012.

CARDOSO, Solange, BARBOSA, Nayara Ferreira de Moura. **Estágio e pesquisa-ação: Um olhar sobre essa relação.** Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade, e educação – SIRSSE, PUCPR: Curitiba, 2011.

CASTRO E ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de. **Fazendo a Feira: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Montes Claros PPGDS – programa de pós-graduação em desenvolvimento social, 2009

CASTRO, Edna Maria Ramos de (Org.). **Escravos e senhores de Bragança: documentos históricos do século XIX: região Bragantina, Pará.** Belém: Núcleos de Altos Estudos Amazônicos, 2006.

CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A festa do “Santo Preto”: tradição e percepção da Marujada Bragantina.** Dissertação (mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, DF, 2010.

CORRÊA, Ester Paixão; ALENCAR, Edna Ferreira. **Rito e devoção entre as Mulheres Marujas na Festa de São Benedito, Bragança-PA.** 2015.

COSTA, Emília Viotti da. O Impacto da Abolição. In: **A Abolição.** – 9ª ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CAXIAS, Zélia Lopes. **As famílias e a escravidão em Bragança.** Monografia de Graduação em História. UFPA: Bragança, 1992.

CHAUÍ, Marilena. A preocupação com o conhecimento. In: **Convite à Filosofia.** 13ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

CHERVEL, André. **“História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.”** Teoria & Educação, porto Alegre nº 2, 1990.

FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. Do dever da memória ao dever da história: um exercício de deslocamento. In: **Qual o Valor da História hoje?** Rio de Janeiro. FGV, 2012.

FERNANDES, J.G. S. **Pés que andam, pés que dançam: memória, identidade e região cultural na esmolação e Marujada de São Benedito em Bragança (PA).** Belém: EDUEPA, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moares & FRANCO, Renato. Parte IV – **Em sala de aula. Aprendendo História: reflexão e ensino.** 2º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 127.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Flávio dos Santos. Introdução: ainda sobre quilombos. In: **A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (Sécs. XVII – XIX).** Tese. Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 1997.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In: **A Memória Coletiva**. – São Paulo: Editora Vértice, 1990.

\_\_\_\_\_, Maurice. Memória Coletiva e Memória Histórica. In: **A Memória Coletiva**. – São Paulo: Editora Vértice, 1990.

HARTOG, François. Tempo e História: “Como escrever a história da França hoje? In: **História Social**. Campinas, Unicamp, n 3, 1996.

\_\_\_\_\_, FRANÇOIS. **Tempo e Patrimônio**. Varia História, Belo Horizonte, v.22, n. 36, 2006, p.261-273.

JESUS, Danuzia Xavier de; DAMERCÊ, Naiane Oliveira. **Feira e Lugar: um olhar humanista sobre a feira-livre de Jacobina-BA**. Monografia de Graduação em Geografia. UEBA: Bahia, 2016.

JÚNIOR, Ducelino Lopes da Lima. Ensino de História e Quadrinhos. In: **Docência em História: experiências de estágio supervisionado e formação do professor pesquisador**. Crislane Barbosa de Azevedo, organizadora. - Natal: EDUFRN, 2017.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Fazer defeitos nas memórias: para que serve o ensino e a escrita da história? In: **Qual o Valor da História hoje?** Rio de Janeiro. FGV, 2012.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: **Repensando o ensino de História**/Sônia L. Nikitiuk, (org.). 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **História & Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_, “Documento /Monumento”. In: **História & Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LIMA, Soeli Regina. História e memória: pesquisa-ação-participativa no ensino da história local. In: **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 149-172, jan./jun. 2015.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2012.

MEINERZ, Carla Beatriz. **História Viva: a história que cada aluno constrói**. Porto Alegre: Mediações, 2012.

MENEZES, Leila Medeiros & SILVA, Maria de Fátima de Souza. Lembrando lembranças: Rio Comprido um lugar de memória. In: Neto, José Miguel Arias. **Dez anos de pesquisa em Ensino de História**, José Miguel Arias Neto (org). Londrina Atrito Art, 2005.

NEGRO, Antonio Luigi e GOMES, Flávio. **Além de senzalas e fábricas uma história social do trabalho**, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, junho 2006, pp. 217-240.

NEVES, Lucilia de Almeida. Memória e História: Dinâmica de uma relação. In: **Memória, História e Sujeitos: substratos de identidade**. HISTÓRIA ORAL, v. 3, p. 109-116, Mariana, Minas Gerais, 2000.

NETO, José Maia Bezerra. A insustentabilidade da Escravidão: uma introdução ao tema e à pesquisa. In: **Por todos os meios legítimos e legais: as lutas contra a escravidão e os limites da abolição (Brasil. Grão-Pará: 1850-1888)** / Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_, José Maia Bezerra. Se quisesse fazer revoluções não lhe faltaria gente. In: **O Africano Indesejado. Combate ao Tráfico, Segurança Pública e Reforma Civilizadora (GRÃO-PARÁ, 1850-1860)**. Revista Afro-Ásia, v.44, 171-217, 2011.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **Os Donos de São Benedito: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará.

\_\_\_\_\_, Dário Benedito Rodrigues. **Ao apito do trem: uma história política e social da Estrada de Ferro de Bragança**. Bragança, 2006. Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, da UFPA Belém, alusivo ao centenário de inauguração da Estrada de Ferro de Bragança (1908-2008).

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, v. 10, jul.-dez. São Paulo: 1993.

OLIVEIRA, Diana Farias. “Aula expositiva de novo?” Limites e possibilidades na aula de história. In: **Docência em História: experiências de estágio supervisionado e formação do professor pesquisador**. Crislane Barbosa de Azevedo, organizadora. - Natal: EDUFRRN, 2017.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: **O saber histórico na sala de aula**/Circe Bittencourt (org). 12<sup>o</sup> edição. 1<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, E. M. de A. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: SERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras, ALB, 1998. pp. 153-182.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PROENÇA, Wander de Lara. *Perspectiva Clássica: cativoiro brando e relações sociais harmoniosas*. In: **Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos**. São Paulo: Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior". 2010.

RASSI, Marcos Antônio Caixeta. ROQUE, Wallace de Oliveira. *Novos estudos biográficos*. In: **Uma breve análise historiográfica acerca da escravidão do Brasil oitocentista: outros olhares, novas visões**. Minas Gerais: *Pergaminho*, (6): 48-64, dez. 2015.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um Sacerdote Africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIOS, FÁBIO; "Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo". In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

RIBEIRO, Grasiely Tayenne das Chagas. **Os pretos do Torre: história e resistência negra na comunidade quilombola do Torre em Tracuateua/PA (2008-2017)**. UFPA: Bragança, 2018.

RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. *Revista Dossiê*. v.10, 2006.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará: sob o regime da escravidão**. 2ª Ed. Brasília/Belém: Ministério da Cultura/Secretaria de Estado da Cultura/Fundação Cultural do Pará "Tancredo Neves", 1988.

SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. **Feirantes em ação: a dinâmica desse mundo do trabalho no Recôncavo Sul da Bahia - Santo Antônio de Jesus (1950-1970)**. XXIX Simpósio Nacional de História. *Contra os preconceitos: História e Democracia*. Porto Alegre, 2017.

SILVA, Jair Francisco Cecim da. **Glossário da Marujada**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

SOUZA, Sueny Diana Oliveira. **Um rio e suas gentes: ocupação e conflitos nas margens do rio Turiaçu na fronteira entre Pará e Maranhão (1790-1894)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém: UFPA, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Orgs.) **Jörn Rusen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *O Ensino de História fora da sala de aula*. In: **Ensino de História**. Maria Auxiliadora Schimidt & CAINELLE, Marlene. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2009.



THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

## 6 ANEXOS

## ANEXO 1: DADOS DO QUESTIONÁRIO I (PARTE 1)

Nº alunos	O que você sabe sobre os negros no Brasil?	Quando você pensa nos negros no Brasil, qual imagem lhe vem na cabeça?	O que a história dos negros no Brasil tem a ver com a África?	Por que os negros africanos deixaram seu país de origem e vieram para o Brasil?	Em poucas palavras, o que foi a escravidão?
1	Os negros eram escravos africanos que vieram para o Brasil eles eram maltratados pelos seus patrões eles só comiam restos de comida	Pessoas trabalhando sendo maltratadas. Pessoas cuidando de seus filhos e dos filhos do seu patrão	Os negros eram africanos que foram pucos <sup>94</sup> de lugares e foram forçados a trabalhar lá	Por que onde eles moravam eram um lugar muito pobre	A escravidão foi pessoas que trabalhavam forçadas
2	O que eu sei é que eles eram pessoas que traziam trabalhos forçados, e eram tratados de forma desumana	Quando penso nos negros no Brasil a imagem que me vem a cabeça e a de pessoas trabalhando forçado, e que se não comprissem com suas obrigações eles eram maltratados resumindo (apanhavam)	Tem a ver que os negros trazidos para o Brasil eram da africa	Na minha opinião, acho que eles queriam tentar uma nova vida	A escravidão foi uma coisa que abalou muitas pessoas e prejudicou muitas vidas
3	Eles eram escravizados no passado	Os negros sofrendo no passado	Eles eram trazidos da africa para o Brasil	Para fugir da escravidão	Sofrimento dos negros no passado
4	O que eu sei é que eles são escravos	Que eles eram bem maltratados pelos portugueses	Alguns negros vieram da africana	Para encontrar um futuro melhor é uma vida melhor para eles	A escravidão era um trabalho para eles se sustentar com comidas que os portugueses davam em troca do seu trabalho
5	Muito não sei, mais pouco mim tanta.. Sei que eram pessoas que trabalhavam que para seus senhores. Como sendo escravizados, mulheres dona da casa doméstica, homens, roça, plantações, construções etc..	São Benedito. Um grande homem um bom homem que sempre disposto a ajuda algo ou alguém mesmo sendo o que foi no passado	Muito não sei, mais sei que os escravos no Brasil alguns vinham da africa para serem escravizados aqui no Brasil, para trabalharem contra sua vontade	Muitos não vinham pela sua própria vontade mas sim para serem escravizados trabalho forçado	Escravidão. Foi pessoas sendo escravizados contra sua vontade. Pessoas precisam do trabalho mais, não de 20 horas por dia trabalhando um absurdo
6	Foi eles que chegaram primeiro no Brasil	Vem a imagem da escravidão, da capoeira e a comida	Por que os escravos eram africanos	Por que eles vieram atrás de um lugar melhor é não conseguiram	Sofrimento dos negros no passado
7	Os negros eles foram trazidos para o Brasil para serem escravizados, eles praticavam sua cultura escondidos de seus senhores	Os negros sendo escravizados, sendo castigado e praticando sua cultura	Por que os negros são de origem africana	Eles foram trazidos para serem comercializados e escravizado	A escravidão foi um tempo muito sofrido para os negros eles eram obrigados a trabalharem sem ganhar nada as vezes ficavam sem comer e sem beber água
8	O que eu sei é que os negros eram escravos, trabalhadores e muitas coisas	A imagem que me vem a cabeça e que os negros eram bastante trabalhadores	A historia com negros do brasil tem a ver com a africa e que a africa também tinham escravos	Para sair da escravidão e se esconderem A escravidão e se esconderam	A escravidão foi um meio dos africanos tentarem expandi suas obras
9	Eu sei que eles sofriam muito eles eram. escravos tinham que receber a ordem de seus patrões Eles trabalham muito no sol quente e já	Vem a imagem de escravos sofredores que eram obrigados a trabalhar no sol quente e serem maltratados	Tem a ver por que alguns negros moravam na africa e outros no Brasil e assim foi eles se jutaram	Eu acho que eles foram obrigado a ir para o Brsil pelo seus donos por que eles não iam querer ir para o Brasil sem nem um motivo	A escravidão foi esses negros sofredores que trabalhavam dia e noite e levavam xicotadas nas costas.

<sup>94</sup> Os textos foram redigidos conforme as escritas dos alunos (das respostas nos questionários ou nas confecções das redações), em alguns casos palavras aparecem de formas erradas da escrita do português formal, propositalmente foi decidido transcrevê-los assim. No corpo da dissertação alguns termos em evidência foram acompanhados da sigla *sic* (que pode ser traduzido das seguintes formas: “**assim**”, “**desse modo**”, “**desta forma**” “**exatamente assim**”).

	as mulheres já trabalhavam de lavadeiras e etc.			sendo que eles eram da África	
10	O que eles são maltratados pelos portugueses e quando eles eram maltratados eles fugiam para os quilombos. A alimentação deles era resto e uma das alimentação era a feijoada. No entanto eram escravizados	A escravidão, as casas de barro, a igreja de São Benedito e a N. Senhora do Rosário. Essas imagens	Por que os africanos eram vendidos para ser escravizado no Brasil	Por que eles foram obrigados, a vim para o Brasil	Trabalhos com negros, os negros maltratados
11	Eu sei que eles são bastante humilhados, maltratados e jogados no lixo como se eles fossem alguma pessoa sem valor	Muitos maltratos e preconceitos	Por que eles são quase da mesma performa	Por que eles não estavam aguentando mais sofrer	A escravidão foi um tempo de muita tristeza, humilhação e separação
12	Que eles agora tem um novo trabalho, não era onde eles trabalhava	que eles trabalham para sobreviver	Que eles não faziam as mesmas coisas que fazem	Para que não possam a onde eles moravam	Foi uma maravilha para os escravos
13	que os negros foram abusados pelos portugueses e feitos como escravos eles sofriam muito por que eles são negro	Pessoas negras eram pobres e pessoas da corte os pegavam para serem escravos	Que os negros foram trazidos pelos portugueses para o Brasil para ser escravos	Por que os portugueses trouxeram os negros para o Brasil para serem escravos	Foi uma parte que os ricos compraram os negros para ser escravos e os negros sofreram muito
14	Sobre a capoeira	Eu penso no samba, na capoeira e nos negros baianos na hora que vendem acarajé	a cor escurecida	Por causa da escasses de água	Foi um tempo de desgraça para os negros
15	Eles eram escravizados no passado	Imagens extrativista carregando caroca cheia de trigo	Por causa da cor da pele	Por causa que eles passavam	A escravidão foi.
16	Eu sei que eles sofriam muito eles eram escravos tinham que receber a ordem de seus patrões. Eles trabalham muito no sol quente e já s mulheres já trabalhavam de lavadeiras e etc.	Vem a imagem de escravos sofredores que eram obrigados a trabalhar no sol quente e serem maltratados	Tem a ver por que alguns negros moravam na africa e outros no brasil e assim eles se jutaram	Eu acho que eles foram obrigado a ir para o Brsil pelo seus donos por que eles não iam querer ir para o Brasil sem nem um motivo sendo que eles eram da	A escravidão foi esses negros sofredores que trabalhavam dia e noite e levavam xicotadas nas costas.
17	Os negros eram pessoas da africa que foram obrigados a vim para o brasil para trabalhar para seus donos	Uma imagem sofrida com mortes sangue esperança e etc...	Tem a ver por que eles eram de lá e foram obrigados a vir pra cá	Por que eles foram obrigados a sair da africa pra trabalhar para seus donos	Escravidão pra mim foi uma época muito sofrida que pessoas negras eram vendidas e obrigadas a traalhar
18	Eles eram escravizados no passado	Imagens extrativista carregando caroca cheia de trigo	Por causa da cor da pele	Por causa que eles passavam fome naquele país	Escravidão foi.
19	Bom eu não sei muito mas vou tentar falar um pouco sobre	A igreja de São Benedito, o mirante e meu tio comentou uma vez que vivia escravos no camuta no passado	Os escravos do Brasil muitos eram trazidos da África e muitos eram descendentes de africanos	Eles vieram obrigados pra cá, mais muitos fugis vieram pra cá	Um tempo ruim para os escravos
20	Eles eram escravizados no passado	Os negros sofrendo no passado	Eles eram trazidos da africa para o Brasil	Para fugir da escravidão	Sofrimento dos negros no passado
21	Muintos foram escravos e que muintos ainda hoje já tenham garantidos mais ainda sofrem com preconceitos	Racismo e preconceitos das pessoas	A cultura que existe no Brasil atambem sofre as influencia com os negros vindo da África	Eles vieram escravizados	Era de trabalho forçado sem direitos e muito sofrimento

## ANEXO 2: DADOS DO QUESTIONÁRIO I (PARTE 2)

Nº alunos	Quem eram os escravos no Brasil?	Como era a vida dos escravos no Brasil?	Além de trabalhar, o que os escravos faziam no seu cotidiano?	Ninguém nasce para ser escravo. Como os negros resistiam à escravidão?	Como os africanos e seus descendentes conseguiram perpetuar sua cultura?
1	Os escravos eram negros africanos	A vida dos escravos no Brasil era sofrida por eles, eram forçados a trabalhar, só comiam restos e viviam Apanhando	Eles oravam para os deuses dançavam trenavam capoeira	Eles resistiam por que eram pessoas fortes	Eles conseguiram perpetuar a cultura deles por que eles acreditavam naquilo
2	Eram pessoas negras	Era sofrida, eles eram tratados de forma desumana	Dançavam e brincavam entre eles mesmo e as tarefas de suas casas	Fugindo e obrigavam-se em quilombos	Através das comidas típicas, das capoeira etc..
3	Pessoas negras e pobres	Muito cansativo e trabalhoso	Feijoadas e dança	Eles tinham suas culturas	Eles assinavam um documento
4	Eram os africanos, que vieram da africa	trabalhar	Eles se divertião é alguns vezes descansavam	Com muito sofrimento, alguns não sofrião	Alguns fugião para ir a sua cultura
5	Os negros	Era uma coisa desumana, uma vergonha para o nosso brasil. Pessoas sem coração para torturarem, trabalharem sem quase comida, agua ou vestígios	E alguns fizeram a capoeira, to dançavam mais pouquissimos tempos para se divertir	Eles fugiam para longe e se escondiam e davam um jeito de sua vivencia	Assim com o seu esforço de permanecer e nunca desistir de suas riquezas
6	Os negros	Uma vida muito difiseo	Trabalho doméstico, eles cozinhavam	algum fugiam, e algum se matavam para fugir da escravidão	Eles assinavam um documento
7	Os negros	Era uma vida sofrida eles trabalhavam por um prato de comida e um copo dagúa	Eles praticavam sua cultura	Eles fujião para Quilombos para não ser escravizado	passando de geração a geração
8	Os negros	A vida dos escravos no Brasil era bem rígida pois se eles desobedececem aos seus patrões eles apanhavam	Além de trabalhar, durante seu cotidiano eles também pescavam, caçavam, teciam descansavam eles também dançavam capoeira	Eles conseguiam resistir a escravidão obedecendo aos patrões	Eles conseguiram perpetuar sua cultura por meio de obras
9	os negros	de forma desumana	Eles preservavam a sua cultura	Lutando pela sua liberdade	Eles foram guardando para si mesmo e lutando pelos seus direitos
10	os negros africanos	Eram muito ruim eles trabalhava na agricultura e vendia seu produtos. Eles eram vendidos, carregador, descarregador, construíram casas, igrejas etrabalhavam para sustentar a família e as negras trabalhavam de babá lavadeira etc..	Faziam colares, pulseiras, brincos, eles faziam artesanatos. Eles tinham dança que era um modo de se defedre que era "capoeira"	Não sei. Poucos resistiam por que era complicado a vida deles, uns conseguiam fugir e ainda tinha a vida dura eles resistiam para pode sustentar sua familia	Atraves de seus descendentes que guardram e preservaram a cultura
11	Os escravos no Brasil. eles eram negros e (as) que trabalhavam para os seus patrões	Muito ruim por que? Eles eram muito humilhados estraçalhado e chicoteado	Cuidavam de seus filhos ou filhas	Eu acho que eles resistiam trabalhando e obedecendo aos patrões	Eles deixaram uma grande história e uma grande lição conseguindo resistir sua escravidão
12	Foram um bom homem para trabalhar	Era mais diferente onde ele não dia a dia	Faziam festas para comemorar o descanço deles	Fazendo o que os chefes mandavão	Pelo ajudar de todos as companheiros
13	Os negros africanos	Rufm, péssima por que eles eram escravos dos ricos e eles apanhavam muito por que as vezes eles tentavam fugir	Eles eram coletores de plantas e faziam construções no Brasil e as vezes que eles faziam outras coisas	Fugião com seus filhos para não serem escravos, mas as vezes eles não conseguiam fugir	Os africanos conseguiram perpetuar sua cultura por que eles fugiram
14	Não respondeu	Por uma parte era boa e por	dançavam capoeira	dançando capoeira	Praticando

outra era muito ruim					
15	Os quilobolas	eram cheia de trabalho	faziam cuidavam da família	Eles foram pegam foram vendidos	Ensinando seus filhos
16	Eu sei que eles sofriam muito eles eram escravos tinham que receber a ordem de seus patrões. Eles trabalham muito no sol quente e já s mulheres já trabalhavam de lavadeiras e etc.	Vem a imagem de escravos sofredores que eram obrigados a trabalhar no sol quente e serem maltratados	Tem a ver por que alguns negros moravam na africa e outros no brasil e assim eles se jutaram	Eu acho que eles foram obrigado a ir para o Brsil pelo seus donos por que eles não iam querer ir para o Brasil sem nem um motivo sendo que eles eram da	A escravidão foi esses negros sofredores que trabalhavam dia e noite e levavam xicotadas nas costas.
17	Os negros eram pessoas da africa que foram obrigados a vim para o brasil para trabalhar para seus donos	Uma imagem sofrida com mortes sangue esperança e etc...	Tem a ver por que eles eram de lá e foram obrigados a vir pra cá	Por que eles foram obrigados a sair da africa pra trabalhar para seus donos	Escravidão pra mim foi uma época muito sofrida que pessoas negras eram vendidas e obrigadas a traalhar
18	Eles eram escravizados no passado	Imagens extrativista carregando carga cheia de trigo	Por causa da cor da pele	Por causa que eles passavam fome naquele país	Escravidão foi.
19	Bom eu não seu muito mas vou tentar falar um pouco sobre	A igreja de São Benedito, o mirante e meu tio comentou uma vez que vivia escravos no camuta no passado	Os escravos do Brasil muitos eram trazidos da África e muitos eram descendentes de africanos	Eles vieram obrigados pra cá, mais muitos fugis vieram pra cá	Um tempo ruim para os escravos
20	Eles eram escravizados no passado	Os negros sofrendo no passado	Eles eram trazidos da africa para o Brasil	Para fugir da escravidão	Sufrimento dos negros no passado
21	Muintos foram escravos e que muintos ainda hoje já tenham garantidos mais ainda sofrem com preconceitos	Racismo e preconceitos das pessoas	A cultura que existe no Brasil atambem sofre as influencia com os negros vindo da África	Eles vieram escravizados	Era de trabalho forçado sem direitos e muito sofrimento

### ANEXO 3: DADOS DO QUESTIONÁRIO II

Nº de Alunos	Descreva o que esta imagem está representando	O que ela significa para você?
1	Negros se reunindo para fazer sua prática religiosa, danças africanas músicas.	Ela me ensina que os escravos eram pessoas muito fortes por que eles conseguiram passar por tudo.
2	Pessoas felizes se divertindo, dá de perceber que estão dançando capoeira e muito alegres, dançando e se divertindo entre eles mesmos e estão estudando.	Para mim significa um motivo de alegria de ver essas pessoas que sofriam tanto alegres e se divertindo.
3	Os negros dançando a famosa "capoeira" que é uma das identidades dos seus povos que com muita luta conseguiram ser reconhecidos, com lutas e muito esforço.	Muita coisa, no sentido que ser escravizado não é bom, mesmo por que no mundo onde vivemos isso parece normal, com vários tipos de escravidão.
4	Está imagem se representa a uma reunião de escravos que praticavam uma dança e uma religião africana com todos os africanos.	Uma religião que os africanos praticavam que era muito importante
5	As pessoas se juntavam para fazer a sua dança, a famosa capoeira, essa dança também era conhecida como uma luta dentro da roda, eles se divertiam dançando, lutando e cantando.	Essa imagem significa diversão das pessoas, nessa época expressa com um meio de descanso nas horas vagas.
6	Está representando festa, alegria e diversão, estou vendo dança em uma mata e logo atrás uma casa, estou vendo também muitos negros (as) escravos.	Significa para mim que, me deixa feliz por que escravos que foram humilhados, chicoteados eles merecem um pouco de diversão e alegria né?
7	Representa que os escravos estão se divertindo com a capoeira	Que eles não podiam fazer isso ao lado do chef se não iriam sofrer.
8	A imagem está representando que eles estão tentando fugir, eles se reuniram para fugir por que eles eram tratados mal e eles se revoltaram.	Significa para mim que os escravos sofriam muito e eles não queriam mais isso.
9	A alegria dos escravos ao dançar capoeira	Cultura
10	Eles estão praticando capoeira sua maior cultura.	Mesmo eles sendo escravizados, eles não deixaram de praticar sua cultura.
11	Está representando uma cultura africana, ou uma dança africana, são refugiados praticando suas culturas.	Negros refugiados, vestidos de branco praticando suas culturas. Culturas africanas
12	Esta representando uma mistura de práticas religiosas com músicas e danças africanas.	Significa uma reunião de escravos que buscavam preservar suas identidades africanas.
13	Ela mostra alguns escravos reunidos batendo palmas e que estão prestes à praticar capoeira ou algo do tipo.	Significa que por um momento eles podem ser eles mesmos com uma sensação de liberdade.
14	Os negros dançando em uma reunião de escravos que preservavam suas identidades africanas, nessa reunião iam todos os escravos africanos para dançar uma mistura de prática religiosa com música e danças africanas, é essa reunião era sempre escondida dos brancos	Que no meio de tanta tristeza que eles passavam eles ainda conseguiam se divertir com musicas e danças uma mistura religiosa, que eles tem uma fé enorme pelo santo preto. Que é muito bom que isso tudo passou por geração que hoje nossa cidade aprecia tudo isso
15	Representa as reuniões dos escravos, as suas danças e suas raízes	Significa entender um pouco da cultura africana
16	Os negros estão festejando, o lugar onde eles estão parece ser na casa de seus chefes e também estão adorando seus santos	Significa uma cultura
17	Está imagem representa acho que uma dança, pode ser uma coisa religiosa ritual eles ou só uma reunião que eles estão so preservando suas identidades	Para mim ela representa harmonia, acho que alegria é sempre bom, se reunir para conversas e rir um pouco. Ela significa para mim paz e alegria
18	A imagem esta uma reunião para uma fuga para sair da escravidão para faze uma boa comunidade	Significa uma reunião de fuga para sair da escravidão
19	Ela e uma imagem de escravos reunidos dançando, aplaudindo e se divertindo com sua cultura	Significa pessoas reunidas mesmo sofrendo elas se divertem com suas culturas enquanto não trabalham
20	Uma reunião d escravos naquela época	Pra mim significa uma cultura
21	Essa imagem esta representando os negros como eram tratados antes eles estão preservando sua cultura mais sem os seus senhores ver por que se não eles estragavam com tudo	Pra mim isso significa um estudo muito importante. Eu acho muito legal estudar.

## ANEXO 4: DADOS DO QUESTIONÁRIO III

Nº de Alunos	Do que trata esta imagem?	Qual a relação desta imagem com a anterior?	O que esta imagem tem a ver com o cotidiano da cidade em que você mora?
1	Pessoas fazem uma caminhada e celebrando sua religião.	A relação é que as duas imagens mostram pessoas celebrando suas religiões.	A imagem mostra o cotidiano de pessoas que oram para são Benedito.
2	Se trata da festividade do Glorioso são Benedito.	A relação é que na imagem anterior eles estão batucando “o batuque” é uma mistura de práticas religiosas como músicas e danças africanas e nessa imagem eles estão comemorando o são Benedito a sua religião.	Eu acho que tem a ver com a religião das pessoas que adoram no seu dia a dia o são Benedito.
3	Festividade do Glorioso são Benedito.	A capoeira é um tipo de identidade dos negros e hoje vemos seus esforços dos escravos e queremos preservar sua identidade e por isso pensamos.	Que devemos defender qualquer tipo de escravidão, violência e etc...
4	Do são Benedito	Que é uma religião de agora, é como a religião dos africanos.	Uma festividade que é comemorada todo ano aqui em Bragança é como se fosse os escravos praticando a sua religião.
5	Ela se trata da festividade do Glorioso são Benedito.	A relação desta imagem com a anterior é que são Benedito também foi um escravo cozinheiro.	Tem a ver com a festividade de são Benedito, e ela também a ver com a religião católica.
6	Festejação e compreensão entre eles e festividade de são Benedito.	É que na anterior podemos ver que as roupas eram diferentes e estavam reunidos para festejar e nessa podemos ver que estão segurando em um tipo de cadeira sei lá, estão levando em cima deles uma estátua.	Tem haver sim, a metade das pessoas comemoram o são Benedito e outros não.
7	Eles estão festejando uma boa coisa que para eles era uma coisa boa.	É que na anterior tem poucas pessoas e nessa imagem é tudo calmo.	Que é rara ter uma festa, mas para eles todos os dias aconteciam uma festa para eles.
8	Do são Benedito que é um negro santo.	Por que na anterior que lá tem os escravos se juntando para tentar fugir.	Que ele tem um santo que todo mundo conhece, por que ele é são Benedito e porque ele é negro.
9	Da festividade de são Benedito em que as pessoas dançam.	Por que são Benedito foi um escravo.	Com a igreja de são Benedito.
10	Festividade do Glorioso são Benedito.	Por que são Benedito foi um escravo assim como os negros da imagem anterior.	Esta festividade acontece uma vez por ano na cidade de Bragança.
11	Uma tradição, festejada por católicos, chamada de marujada, uma festividade onde católicos se vestem de marujos. Também chamada de festividade de são Benedito.	Estão vestidos de branco e nem todos que estão nessa imagem são negros como a do anterior, e os dois estão praticando uma cultura africana.	Essa festividade ainda praticada pelos católicos no dia 26 de dezembro todo ano.
12	Trata da festividade do Glorioso são Benedito em Bragança.	É que a imagem anterior é os escravos que estão festejando e nessa imagem é a população bragantina que está louvando são Benedito.	Por que está imagem está representando uma das festividades daqui de Bragança.
13	Pessoas em uma caminhada pela festividade de são Benedito.	E que essa imagem é dos dias atuais e a outra é mais antiga e que todos estão reunidos festejando	Pessoas reunidas para festejar a religião dos escravos.
14	Vários marujos carregando são benedito	As duas estão adorando seus santos e festejando	Todos os nos tem uma festividade chamada marujada, onde os marujo e marujas se reúnem
15	Dos devotos de São benedito, uma caminhada de muita fé, onde todos se emocionam ao vê o santo preto	Por que o santo que tá nessa imagem é o santo dos negros, a roupa das pessoas são a mesma dos negros africanos e a dança que os marujos dança e a dança que os negros dança (Retumbão)	Pela tradição da marujada, que hoje nos vive pela religião
16	Festividade da marujada de São Benedito, uma caminhada onde as pessoas vão para cumprir promeças e também louvar a São Benedito	Bom na anterior tem um círculo de pessoas e nesta imagem também tem, acho que na anterior eles estão louvando a algum Santo e nesta eles estão louvando ao São Benedito	Bom aqui em Bragança nós seguimos o Sano São Benedito então eu acho que tem tudo a ver
17	A imagem se trata do glorioso São Benedito em Bragança PA	a relação de uma cor branca e uma negra	Tem a ver com o benedito, com a cor das pessoas
18	Se trata de pessoas reunidas festejando a festa do glorioso São Benedito em Bragança	Se trata de pessoas reunidas festejando, com o santo, que representa os escravos, e as culturas deles	Ela se trata do santo que e padroeiro de Bragança-PA

<b>19</b>	se trata de uma cultura antiga que eram praticadas pelos escravos e continua sendo praticada todos os anos	Que os dois estão festejando	E uma tradição que acontece todos anos na minha cidade
<b>20</b>	Se trata de São Benedito	que essa imagem esta imagem está representando uma pessoa igual os escravos. Negros	É que o são benedito era negro e
<b>21</b>	Se trata de uma festividade de Bragança: São Benedito Bragança	as duas imagem retratam os costumes a cultura deixada pelos negros	A festividade retratada nessa imagem indica a cultura dos negros deixada na minha cidade



## ANEXO 5: DADOS DO QUESTIONÁRIO IV

Nº de alunos	A música trata de um tema, qual é o tema?	No trecho "Vou fazer uma canção em louvor ao santo preto" quem é o "santo preto" retratado na música?	Qual a relação do "santo preto" com a história da escravidão?	O que você sabe sobre a festividade de são Benedito?	De onde vem essa festa?	De onde vem essa festa?
1	Marujada de são Benedito	São Benedito	A relação é que o santo dos escravos era um são Benedito	O festival de são Benedito tem todo ano, lá tem danças, músicas e orações	De Bragança	Os escravos africanos
2	Marujada de são Benedito	O são Benedito	Por que o santo preto, ou seja, o são Benedito foi um escravo	A festividade de são Benedito é uma cultura que tem danças como o xote, mazurca e chorado que é um louvor aos duzentos anos	Eu acho que vem da igreja católica	Os escravos
3	Marujada de são Benedito	São Benedito	Que são Benedito foi anos e anos sendo escravizado, mas estava disposto a ajudar os outros	A famosa dança da marujada, comidas típicas etc...	Ela vem das igrejas católicas	Os escravos
4	O tema da marujada do são Benedito	O são Benedito	É que ele significa uma religião aos bragantinos e aos africanos	Nada	Dos africanos, que passaram a ser bragantinos e dos paraenses.	Os africanos
5	Marujada de são Benedito	São Benedito	A relação do é que o santo preto (são Benedito) também foi um escravo cozinheiro	Festas, dança xote, mazurca, dança do retumbão	Essa festa vem da igreja católica	Eu acho que foram os escravos
6	Marujada de são Benedito	O seu senhor	Eu acho que colocaram esse nome por causa da cor	É que eles dançavam e se divertiam	Da escravidão	Os negros
7	Marujada de são Benedito	Que ele se destaca a música que fala da marujada	Que os santos não podem práticas estes sons na escravidão	Que é uma festa para os católicos, mas os cristões podem ir	Vem da ideia dos escravos que eles pensavam em músicas	Foram os negros na escravidão
8	De são Benedito	É o são Benedito	Que o são Benedito foi uma pessoa negra que virou um santo	Que todos rezam na procissão	Da África	Os escravos africanos
9	A festividade são Benedito	São Benedito	Por que são Benedito foi um escravo	Nada	Da África	Os negros
10	Marujada de são Benedito	São Benedito	Por que são Benedito foi um escravo	Festas no barracão dançavam xote, mazurca e chorado	Vem da igreja católica	Os primeiros foram escravos
11	Marujada de são Benedito	São Benedito	São Benedito era um escravo	Uma festividade festejada por católicos	Vem dos negros católicos	Foram os escravos
12	O tema é a "marujada de são Benedito"	É são Benedito	É que os negros da escravidão acreditavam no santo preto e isso perpetuar e hoje nós bragantinos acreditamos no santo preto	Sei que é uma festa muito grande e que Bragança toda comemora, tem danças e músicas e uma caminhada	Da África	Foram os negros da escravidão
13	A música fala sobre pessoas reunidas festejando o santo são Benedito	São Benedito	É que os escravos não queriam ser católicos e eles construíram a igreja para eles adorarem	Pessoas se reúnem para uma caminhada para festejar com o santo	Eles "os escravos" trouxeram para o Brasil para não se renderem ao catolicismo	Os escravos que vieram para o Brasil
14	Marujada de São Benedito	São Benedito	O santo preto e a dimindade em que os negros acreditavam e essa cultura se espalhou	Sei que eles se prepararam o ano inteiro para ela, e que ela aconteceu em dezembro.	África, dos negros	Os negros
15	Sobre a procissão de São Benedito	São Benedito	O santo preto também era um escravo muito religioso	Que as mulheres se vestem com uma saia vermelha ou azul e os homens se vestem	Os escravos desde muito tempo atrás	Os negros escravos

				todos de branco e ficam descalços a caminhada toda		
17	A marujada de São Benedito	O São Benedito	A relação que o santo preto era ingual a um escravo	Nada	De Bragança-Pá	foram os católicos
18	Marujada de são benedito	São benedito	O santo preto representa os escravos	Essa festividade representa os escravos e suas culturas como a capoeira	Dos escravos	Os primeiros foram os escravos
19	A marujada de São Benedito	São Benedito	Que os Escravos também adoravam o são Benedito	Uma tradição que era praticada pelos escravos e é praticada até hoje	Dos escravos	Os negros
20	Marujada de são benedito	São Benedito	os negros também adoravam são benedito	Todo ano tem essa festividade	Da igreja de são Benedito	Os escravos
21	Marujada de são benedito	O são benedito	Que o santo preto e negro igual os escravos	É a marujada comidas típicas danças	Da igreja católica	Os negros